



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

**O HUMANO DO DESASTRE: A INVENÇÃO DA ESCRITA COMO
CUIDADO DE SI EM CONTEXTOS DE DESASTRES NATURAIS E HUMANOS**

Débora da Silva Noal

Brasília, fevereiro de 2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

**O HUMANO DO DESASTRE: A INVENÇÃO DA ESCRITA COMO
CUIDADO DE SI EM CONTEXTOS DE DESASTRES NATURAIS E HUMANOS**

Débora da Silva Noal

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Área de concentração Desenvolvimento Humano e Educação.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Brasília, fevereiro de 2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA PELA SEGUINTE BANCA
EXAMINADORA:

Profa. Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino – Presidente

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Regina Lúcia Sucupira Pedroza - Membro

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Liliana da Escóssia Melo - Membro

Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Jeane Félix da Silva - Suplente

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasília, 24 de Fevereiro de 2014

Agradecimentos

Do útero que habitei à tecitura desta dissertação todos os seres humanos com os quais fiz contato de alguma forma possibilitaram a conformação humana que sou Eu. Deste modo pensei que deixar de fora a imensa maioria destes sujeitos seria perder-me pelos caminhos das palavras. Neste sentido optei não por agradecer mas sim dedicar esta dissertação à *mon fils* Sonel, *maman Marie*, *la folle Josephine*, *petite Gadra*, *petite Helene*, *Sulemane*, *Papa Raphael*, *Papa Gagá*, *audacieux Stive*, *мыслитель Ikran*, *Mamis* e todos aqueles que tiveram sua pele exposta à indignidade de um mundo onde os direitos humanos ainda se configuram em um horizonte intocável.

Resumo

Esta pesquisa se propõe a contribuir para o fomento de conhecimentos sobre *cuidado de si* em contexto de desastres, em particular no que se refere aos sentimentos e reações emergentes durante e após eventos abruptos que produzem sofrimento e questionamento aos profissionais que trabalham no campo dos desastres. Por se tratar de um terreno recente de trabalho e pesquisa, dispõe-se ainda a configurar-se enquanto registro histórico de experiências individuais e de reflexão crítica, fomentando aportes teóricos que auxiliem na construção de práticas de *cuidado de si* dentro deste específico campo de trabalho, servindo de subsídio para o enfrentamento a situações extremas de risco no processo de *cuidado de si* e do Outro. Como principal objetivo busco compreender os sentidos, percepções e dificuldades construídas a partir do cotidiano do processo de cuidar, vivenciados por mim como psicóloga, voluntária de uma organização humanitária internacional não governamental especializada em intervenções de emergência em desastres naturais e humanos. A partir da perspectiva do desenvolvimento humano e dos processos de subjetivação baseados nas teorias de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guatarri busco trazer à luz reflexões sobre múltiplas formas de *construção de si* a partir da escrita. A pesquisa fez uso da metodologia de abordagem qualitativa. Para a produção de indicadores, inspirei-me no método cartográfico. Por método cartográfico, entendo que é o método onde o pesquisador/cartógrafo realiza seu trabalho considerando as dimensões temporal, espacial e artística, estabelecendo cisões entre a linearidade do tempo cartesiano na constante produção de formas e de novas formas. Leva-se em conta o imprevisível e a invenção. A produção de material empírico foi constituída durante a análise documental de diários pessoais, entrevistas e produções imagéticas. A partir das análises e reflexões promovidas durante a pesquisa foi possível acompanhar como o processo de *construção de si* a partir da escrita e das narrativas orais que participam do processo de invenção humana, bem como da experiência do cuidado de si e do Outro em situações de desastres naturais e humanos.

Palavras-chave: Cuidado de si; Escrita de si; Desastres naturais e humanos;

Abstract

This study intends to contribute for the fomentation of knowledge about *self-care*, having disasters as context, especially those related to feelings and emergent reactions during and after sudden and abrupt events, responsible for producing suffering and questions towards the professionals who work directly at the field in such disasters. Due to the fact that this is a recent subject, both for work and research areas, it is also a purpose of this study to serve as a historical record of individual experiences and critical reflection, promoting theoretical approaches, that support the creation and construction of *self-care* practices within this specific field, which may be used as a reference when coping extremely risky situations during the process of *self-care* and caring for others. As a main objective, I search to comprehend the meanings, perceptions and difficulties established from the everyday process of caring, experienced by me, as a psychologist, who also works as a volunteer at an nongovernmental international humanitarian organization specialized in emergency interventions during natural and human disasters. Using as a reference the human development perspective and the subjectivity processes based on the theories of Michel Foucault, Gilles Deleuze and Félix Guatarri, I seek to bring out reflections upon multiple forms of *self-care*, using a qualitative approach as the methodology of the study, and a *cartographic method* to produce the indicators. *Cartographic method* is the method in which the researcher/cartographer does his/her work considering the temporal, spatial and artistic dimensions, determining divisions through the Cartesian linearity of time in the constant production of forms and new forms, taking into account both the unpredictable and the invention. The elaboration of empirical material was based on the documental analysis from personal diaries, interviews, photos and videos (imagery productions). From this analysis and reflections, I followed the way how these meanings, shown through the construction of the writing, take part in the human subjectivity process, as well as the experience of *self-care* and caring for others during situations of natural and human disasters.

Keywords: *self-care; self-writing; natural and human disasters*

Sumário

Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Abstract.....	VI
Sumário	VII
1. Apresentação do mundo desta dissertação.....	10
2. A geografia dos conceitos.....	18
2.1 O humano desta dissertação.....	19
2.2 Humanas vítimas.....	21
2.3 Sobreviventes humanos.....	22
2.4 Desenvolvimento humano e cultura.....	25
2.5 O desastre de um humano mundo.....	26
2.6 Humanos cuidados à saúde mental.....	30
2.7 A psicologia e a estética do cuidado em desastres.....	34
2.8 A escrita de si, a autobiografia e a narrativa de si.....	36
2.9 O diário como cuidado de si.....	40
3. Os objetivos desta escrita.....	45
4. Os caminhos e o traçado desta escrita.....	48
4.1 A participante e o contexto desta escrita.....	49
4.2 Instrumentos, equipamentos e materiais.....	56
4.2.1 Registros pessoais.....	56
4.2.2 Registros técnicos e profissionais.....	56
4.2.3 Registros imagéticos.....	57
4.3 Procedimento para a construção de indicadores.....	58
4.4 Procedimento para a análise de indicadores produzidos.....	61
5. Sentidos que atravessam memórias.....	65
5.1 Narrativas.....	66
5.2 Memória.....	68
5.3 A miséria humana.....	74
5.4 Humanos medos.....	76
5.5 Humanos direitos.....	79
5.6 Corpos mortos.....	83
5.7 Diabos, bruxas e zumbis.....	86
5.8 A construção cotidiana do ser psicóloga.....	89
5.9 Humanas divergências.....	91
5.10 A biografia dos objetos.....	93
5.11 Nas entranhas de tempos fraturados.....	97
6. Considerações que deixei para o final.....	105
7. Referências Bibliográficas.....	111
8. Legendas.....	120

*Ser capitã desse mundo
Poder rodar sem fronteiras
Viver um ano em segundos
Não achar sonhos besteira*

Maria Gadú



Imagem 1

1. Apresentação do mundo desta dissertação

Como tudo está tão estranho hoje! E ontem as coisas estavam tão normais! O que será que mudou à noite? Deixe-me ver: eu era a mesma quando acordei de manhã? Tenho a impressão de ter me sentido um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima questão é “Quem sou eu?” Ah! Esta é a grande confusão! (Carroll, 1865/2002, p. 2)

A pergunta que assola Alice, a protagonista do clássico livro da literatura infantil *Alice no país das maravilhas*¹, vem sendo minha companheira nestas pouco mais de três décadas de vida: *Quem sou eu?* Das parcas certezas que ainda carrego comigo, a primeira delas reconheci logo cedo: nasci branca por fora e multicolorida por dentro. Pouco tempo atrás passei a identificar migalhas de certeza, como o fato de eu cheirar a gente e sonhar com um mundo menos desigual assim que desadormeço todo dia de manhã.

No entrelaçar de percepções empíricas, sensoriais e técnicas, comecei a me inventar psicóloga em situações de desastres naturais e humanos em novembro de 2008 e desde então adentrei um mundo humano até aquele instante desconhecido por mim. Como na história de Carroll, aparentemente não havia nada de estranho, assim como:

também Alice não achou muito fora do normal ouvir o Coelho dizer para si mesmo “Oh puxa! Oh puxa! Eu devo estar muito atrasado!” (quando ela pensou nisso depois, ocorreu-lhe que deveria ter achado estranho, mas na hora tudo parecia muito natural); mas, quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, e olhou para ele, apressando-se a seguir, Alice pôs-se em pé e lhe passou a ideia pela mente como um relâmpago, que ela nunca vira antes um coelho com um bolso no colete e menos ainda com um relógio para tirar dele. Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca. (Carroll, 1865/2002, p. 1)

Em outubro de 2011 percebi que, como o coelho de Alice, eu padecia de pressa. Eu havia vivido com e para urgências os últimos cinco anos da minha existência, sem ocorrer-me de desconhecer o cotidiano e as construções que advinham das escolhas éticas as quais eu me propunha, ao mesmo passo, senti-me na pele de Alice quando me percebi em pé, já a arder de curiosidade e desejo de plantar interrogações em espaços onde parecia haver meramente asseverações. Naquele instante, percebi que sim, eu ansiava por desaprendizagens, eu desejava me permitir devires e indagações.

Sob a ótica de Clarice Lispector (1998, p. 47) poderia dizer que buscava: “mergulhar de uma só vez”, naquele universo constituído de humanidades. Era preciso aprender a debulhar palavras e narrativas as quais eu havia armazenado em baús existenciais. Reaver palavras para absorver a construção humana não se mostrara tarefa singela, talvez pelo fato de que, como lembra Eliane Brum (2013, p. 31): “de certo modo são as palavras que nos libertam para não pensar. Se foram ditas muitas vezes antes, não causarão nenhuma reação inesperada”.

¹ Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll (1865/2002).

Como saber quais daquelas tantas narrativas produzidas ao longo de vivências intensas de vida deveriam ser desveladas? Quais palavras lançar para que não fosse incitada a inércia do pensamento? Ou seria ainda o contrário, como estancar a hemorragia de palavras e sensações que a leitura dos diários² pessoais produzidos naqueles períodos de desastres emanava? Seriam aquelas narrativas científicas? Seria eu capaz de encapuzar algumas palavras através do sequestro dissertativo para enfim expô-las como uma esfinge? Seria eu capaz de decifrar a mim mesma e ao coletivo singular que habita a narrativa na primeira pessoa?

Como extrair sentidos racionais e acadêmicos a percepções olfativas e estranhamentos culturais que aportavam significado ao meu humano ser? Encontrei nas palavras de Jardim (1976) citadas por Maria Helena Oliveira (2009) o primeiro alento:

Obedeci a tempo, mas não a ordem. Não relatei a minha vida. Recordando, tentei buscar no passado remoto o que mais revela a minha natureza complicada, a singular vida do meu íntimo. Não me interessaram os fatos como tais. Narrei-os, mostrando o efeito que tiveram em mim. (Oliveira, 2009, p. 113)

Eu cobiçara narrar o efeito de vivências singulares. Ao olhar na superfície não percebi a intensidade das escolhas, no entanto, naquele íterim interrogativo, sem perceber, eu já costurava vivências e referenciais teóricos, fazendo nascer texto onde antes haviam palavras dormidas. Fora preciso saber pescar palavras nas fontes que eu havia construído com minhas escritas, e para isto eu buscara meus diários pessoais onde haviam sido registradas partes daquelas memórias.

No repasse incessante e sistemático de cada uma das 133 páginas do diário pessoal construído no recorte longitudinal entre 2008 e 2013, algumas narrativas foram transformadas por mim em livro e outras, em dissertação acadêmica. Escolher quais destas palavras seriam transmutadas livro e quais delas seriam pilares de uma pesquisa científica, demandara metodologia cirúrgica.

Apalpando teorias, decidi abraçar as cartografias de Deleuze, Guatarri e Foucault e me inspirar no emaranhado proporcionado por rizomas intelectuais. Meses foram se alternando até que eu percebesse onde as dores advindas daquelas narrativas eram contrações de parto e em que momento exato deveriam ser expostas. Parto delicado inspirava toque sensível e bom senso técnico-racional. Como suportar a solidude de uma gestação dissertativa?

Nestes meses de espera, que são inerentes ao processo gestacional dissertativo, me propus a encontrar pessoas através de grupos semanais de estudos sobre metodologias dissertativas que auxiliassem na reflexão do material empírico. Em um destes encontros, junto a uma amiga que vivenciava seu pós-doutorado, fui atingida por uma questão: *“dois sofrimentos cabem no mesmo*

² Durante os cinco anos de trabalho como psicóloga em situações de desastres produzi muitos materiais escritos, no formato de diários pessoais. Estes serão melhor explicados no quarto capítulo desta dissertação, p. 62.

lugar?”. A busca por uma réplica tornara-se imperativa, fazendo com que a dissertação se voltasse às células do passado, numa postura transversal e recortada, dando novas formas ao vivido e ao memorizado, participando ativamente da reinvenção de minha estrutura viva.

Na composição humana desta dissertação ocupei-me de abordar em múltiplos aspectos a temática dos direitos humanos³, temática esta que atravessa toda a produção desta pesquisa. Por direitos humanos entendo os direitos que adquirimos pelo fato de nascermos humanos, ainda que a legislação não alcance de forma universal a práxis do cuidado neste tempo histórico em que nos encontramos, ao mesmo passo em que a indignidade na morte acompanha vorazmente uma grande porcentagem daqueles que não se beneficiam da universalidade deste tema.

Em meio aos verticais processos de morte vivenciados de forma indigna, além dos referenciais sócio-afetivos e materiais, era preciso estimular a conformação de uma dimensão político-ético-afetiva e técnica que produzisse em meio à sequência de perdas, dentro do raio de cuidado traçado, uma reflexão acadêmica. Era necessário incorporar um *olhar sobre si*, não com o objetivo de uma “descrição de si, mas com o de reunir o já dito, de agrupar o que foi ouvido e lido, e tudo isto com o objetivo que nada mais é do que a constituição de si” (Rabinow & Dreyfus, 1995, p. 272).

Na tentativa de sorver os processos de fenecimento e suas significações, a escrita se constituiu enquanto estratégia organizadora, forjando uma ficção de mim e evidenciando uma intencionalidade moral nas narrativas. O aparente espaço conciso de tempo entre o graduar-se psicóloga em janeiro de 2005 e o início da atuação profissional um par de dias mais tarde configurou-se num condensado de existência. Já se fazia 2008 quando aquele mundo de desastres que antes me tocava, mas não era meu, passara a ser narrado na primeira pessoa, e era este processo sistêmico do fenômeno da existência que eu desejava compreender através de construções científicas que fossem para além da minha experiência singular. Ao recorrer à escrita diária daquelas memórias, a primeira fora capturada para servir de disparador desta escrita narrativa que agora figura como dissertação:

Mal posso acreditar no que ouço. Do outro lado da linha Ana Cecília - recrutadora MSF⁴. Ana pronuncia a frase: “Débora, encontramos a sua missão⁵”, e meu corpo já não me pertence mais. O réveillon de Copacabana aconteceu dentro de mim. (Diário Pessoal, outubro de 2008)

³ Esta temática será analisada com maior amplitude no segundo capítulo desta dissertação, p. 22.

⁴ Ao se tratar da estrutura macro-funcional da organização, optei por ser fiel à marca originária e chamá-la de *Médecins Sans Frontières*, ou utilizar a sigla MSF. Nos momentos em que me refiro a ações, estruturas e eventos estabelecidos a partir da estrutura brasileira da ONG, utilizo a nomenclatura *Médicos Sem Fronteiras*.

⁵ Reproduzo nesta dissertação o termo 'missão', para referir-me aos projetos e trabalhos desenvolvidos, tendo em vista ser esta a palavra utilizada pela ONG MSF.

Os registros estruturados a partir daquele “*réveillon*” de nove de outubro de 2008 passaram a assinalar a imersão naquele universo em que havia sido descortinado um cenário onde desastres de origem natural e humana evocam uma importante fonte de análise e intervenção no âmbito da saúde mental (inter) nacional.

Ao me deparar com os estudos capitaneados por Fassin (2010), passei a compreender que apenas nas últimas duas décadas, com o amadurecimento da percepção do processo saúde-doença das equipes de intervenção em desastres fora possível visualizar o aumento da participação dos profissionais de saúde mental já nos primeiros momentos de uma intervenção. Percebi neste íterim que o campo da saúde mental em desastres possui um pilar estrutural edificado e que, no entanto, ainda se encontra em fase de consolidação.

Em meio à multiplicidade de atores que compõem uma equipe de cuidado desta magnitude, optei por atuar sob o viés da ajuda humanitária internacional, visando uma aproximação pontual e pragmática a qual trespassasse uma abordagem não invasiva por meio da escuta ativa, potencializando o encontro com as feridas, sofrimentos e desesperos humanos, na crueza do primeiro momento pós-desastre.

Dentre as organizações humanitárias internacionais que tem como propósito central a atenção à saúde, optei pela equipe de Médecins Sans Frontières (MSF) por acreditar que meus anseios e desejos pessoais eram compatíveis com o escopo institucional da organização. Criada em 1971 na França por médicos e jornalistas, a organização tem como princípios a independência, a neutralidade e a imparcialidade, tendo sido contemplada em 1999 com o prêmio Nobel da Paz. Presente em cinco continentes e mais de setenta países, dispõe de trinta e quatro mil pessoas atuando no cuidado direto e indireto (MSF, 2013).

Como sujeito ativo da organização vivenciei desastres de dimensões e impactos superlativos, concebendo-me cuidadora responsável por intervenções de emergência como psicóloga e/ou coordenadora de saúde mental. Trabalhei em países como Haiti (no furacão de 2008, instabilidade social em 2009 e terremoto de 2010), República Democrática do Congo (conflito armado em 2009, violência sexual em 2010 e epidemia de Ebola, 2012), Guiné Equatorial (Desnutrição em 2009), Brasil (Deslizamentos de terra e enchentes, 2010 e 2011, e migração de Haitianos indocumentados na região norte do país, 2012), Tunísia (com refugiados de guerra oriundos da Líbia em 2011) e Quirguistão (com sobreviventes de conflito étnico, 2011).

Passados cinco anos do marco inicial desta sequência de trocas e investimentos técnico-sócio-afetivos e interculturais, dispus-me a produzir sentidos sobre a práxis da política do cuidado durante o mestrado em Processos do Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS) no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Diante da conjuntura mundial que aponta para o aumento dos desastres no mundo contemporâneo (World Conference on Disaster Reduction, 2005), e da

necessidade de sistematizar documentos e registros que possibilitem a tecitura de ferramentas para o enfrentamento de situações que colocam a vida de humanos em risco, optei por analisar a percepção, as reflexões e sofrimentos que atravessaram minhas narrativas enquanto profissional em meio às distintas realidades e iniquidades de um mundo de desastres naturais e humanos vivenciados em sua fase aguda⁶.

Entremeada à construção deste estudo, vislumbrei na análise documental uma possibilidade de compreender experiências vivenciadas no período subsequente a grandes perdas humanas e materiais oriundas de desastres naturais e humanos, visando conhecer os sentidos, percepções e dificuldades atribuídas ao processo de cuidar, durante a fase aguda de um desastre narrado na primeira pessoa.

Por meio desta dissertação viso contribuir para o fomento de conhecimentos sobre *cuidado de si* em contexto de desastres, em particular no que se refere aos sentimentos e reações emergentes durante e após eventos abruptos que produzem sofrimento e questionamento aos profissionais que trabalham no campo dos desastres. Por se tratar de um terreno recente de trabalho e pesquisa, pondero aqui a necessidade de referenciais concernentes à temática, bem como estudos que possibilitem uma melhor compreensão desta.

A pesquisa dispõe-se ainda a configurar-se enquanto registro histórico de experiências individuais e de reflexão crítica, fomentando aportes teóricos que auxiliem na construção de práticas de *cuidado de si* que envolvam o cuidado do Outro, produzindo movimentações humanas e dialéticas dentro deste específico campo de trabalho, servindo de subsídio para o enfrentamento a situações extremas de risco no processo de *cuidado de si e do Outro*, tendo em vista a baixa produção teórico-metodológica que envolve a temática. As análises, reflexões e considerações aqui elencadas se propõem ainda a dar ênfase ao *cuidado de si* a partir da escrita formulada em e sobre situações de desastres naturais e humanos.

No que remete às imagens utilizadas nesta dissertação, todas elas foram registradas por mim durante missões humanitárias. A fim de manter um cuidado ético com os protagonistas das imagens, busquei utilizar apenas aquelas que não mostravam sujeitos em situação aguda de sofrimento físico e ou psíquico, bem como tomei a liberdade de me certificar que todos os protagonistas estivessem cientes de que estavam sendo registrados por mim (ainda que não houvesse nenhum registro escrito deste consentimento, tendo em vista que a totalidade destes encontra-se em situação de analfabetismo).

A fim de possibilitar um trilhar fluido, teço nesta dissertação considerações sobre a *invenção de si* divididas em seis capítulos. No primeiro destes, nominado **Apresentação do**

⁶ Baseada em protocolos de cuidado de MSF, considerarei como fase aguda os primeiros 30 dias pós o momento inicial de um desastre.

mundo desta dissertação, discorro sobre as trajetórias e conflitos que envolveram a decisão de estruturar esta pesquisa. No segundo capítulo, **A geografia dos conceitos**, me ocupo de registrar os conceitos trabalhados durante a dissertação e logo na sequência apresento **Os objetivos desta escrita**. No quarto capítulo apresento **Os caminhos e o traçado desta escrita**, referindo-me às produções metodológicas que regem esta pesquisa. No capítulo cinco, **Sentidos que atravessam memórias**, me preocupo em explicar sobre as reflexões e construções das produções empíricas. E no capítulo seguinte, **Considerações que deixei para o final**, costuro algumas construções referentes à *invenção de si* através da escrita. Entre narrativas, reflexões e indagações apalpo com a curiosidade inerente àquelas (es) que pesquisam, pistas que deem acesso a significados para o humano do mundo.



Imagem 2

2. A geografia dos conceitos

2.1 O humano desta dissertação

*“Pior que medo de alma do outro mundo é o
medo da alma do mundo do outro”.*
Adélia Prado

Acredito que toda narrativa tem sua porção humana. O *humano* desta dissertação é híbrido, plural e singular ao tempo em que se inventa ininterruptamente. Como na frase de Adélia Prado, o humano desta dissertação é um mundo constituído de medos, desejos, devires e significados, concebendo-se por meio de reflexões socráticas, as quais baseiam-se em premissas identificadas com o conceito de humano forjado na relação entre conhecimento e cuidado e a definição desta como cerne do humano.

Foucault (1981/2006), por meio de sua obra *Hermenêutica do Sujeito*, tece uma leitura do *cuidado de si* na antiguidade, remetendo ao preceito socrático *cuida de ti mesmo* como condição e preparação para o *conhece a ti mesmo*, a fim de ascender a uma verdade, neste sentido o homem torna-se virtuoso/ético a partir do conhecimento/cuidado de si.

Na obra de Platão (-370, n.d.), *Apologia de Sócrates*, o autor aponta a racionalidade da busca pelo conhecimento de si como essência humana, como essência do bem, tratando como virtude (areté) o impulso a se conhecer, posto que tinha como foco o conhecimento de si, que se dá no cuidado, no cuidado de si.

Em uma leitura histórica, Foucault (1981/2006) aponta que na modernidade inverte-se a relação entre esses preceitos, na medida em que se engrandece o *conhece a ti mesmo* (o conhecimento, a busca da verdade), desmerecendo o *cuidado de si mesmo*.

Na perspectiva transversal destas análises, por sua vez, o conceito de humano aparece como ser em autoprodução permanente, evidenciando um potencial de descobrir em si não mais a verdade de um si mesmo singular, fomentada na antiguidade, mas a multiplicidade que o constitui. Busco sustentar por entre argumentos conceituais um humano que pretende fazer de seu conhecimento uma forma de servir à construção de uma cidade justa e equânime (Maria Amália Andery et al, 2000), que ao mesmo tempo se permite alcançar e ser alcançado por meio do cuidado/conhecimento que transforma ambos.

Na leitura instaurada, como um dos subsídios do método, me deparo com fragmentos que auxiliam a conjecturar dentro deste arcabouço teórico um humano que se inventa em meio ao processo rizomático de cuidar. Deleuze e Guattari (1995), já na aba de seu livro expõem para o leitor atento que:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o

verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

Ao me entranhar nas vielas filosóficas desta teia, aporto conceitos emprestados de Hume, acerca de um humano que nega um "eu" estável e substancial, o qual não permite que eu permaneça idêntica a mim ao longo da diversidade de minhas experiências, bem como me transforma por meio dos embates travados com estas (Figueiredo, 2004), mesmo que não tenha intelecção da consistência desta metamorfose cotidiana. É possível entender parte desta perspectiva na réplica⁷ ofertada por mim à jornalista Eliane Brum durante entrevista a *Revista Época* no ano de 2011:

Não sei explicar muito bem o que aconteceu, ainda não me é muito claro. Eu ainda estou dentro do processo de sair do aquário. Não saí totalmente. Estou sentada na borda, olhando para dentro, mas eu ainda faço parte do aquário. É muito recente... Acho que você sempre se reinventa depois de uma missão. Mas em algumas missões você se reinventa a marretadas, em outras se esculpindo. E nessa eu me senti me reinventando a marretadas. Eu não sei muito bem quais são as marcas. (s.p)

Meus frascos de caos ofertados a Eliane Brum, vieram ao encontro das consignas de Deleuze e Guattari (1995) em *Mil Platôs* onde registraram que cada um de nós são vários, e sendo assim, já somos por si muita gente. Sim, eu, ordenadora de processos, sentia-me múltipla e ambicionava estratificar as nuances que estes *outros-eus* haviam registrado no meu experienciar. Eu carecia de tempo para acompanhar meu próprio desenvolvimento como ser humano.

O desenvolvimento humano, nesta dissertação é entendido, atravessado e também constituído pelo processo sociocultural, sendo possível alcançá-lo a partir de práticas e circunstâncias de suas comunidades, as quais são inexoravelmente mutáveis. Assim como Rogoff (2005), acredito que o desenvolvimento humano é passível de ser apreendido através de seu processo de aprendizagem, o qual geralmente é orientado por objetivos locais, que priorizam o aprender a funcionar no âmbito das instituições e tecnologias culturais da comunidade.

⁷ O termo réplica refere-se às respostas ofertadas à jornalista Eliane Brum durante entrevista concedida à Revista *Época*. A entrevista fora publicada utilizando como método perguntas e respostas. A temática das entrevistas versara sobre vivências, reflexões e sentimentos relacionados à situações de desastres vivenciadas junto a ONG MSF.

Deste modo o humano é compreendido como um ser capaz de manter a singularidade neste processo de invenção de si, posto que, como sugere Heller (1985), a individualidade contem tanto a particularidade quanto o humano genérico que opera em nível consciente e inconsciente na natureza humana. Em meio às ponderações de Teixeira (2003), entendo que ainda que o homem seja por muitos autores definido como produto do meio, algo denuncia sua diferença, algo que lhe é privado, que lhe diz respeito, que tem sua marca.

Do humano que estudo é possível identificar na cultura, ou ainda nas trocas e experiências oriundas das vivências culturais, um pilar valoroso de sua construção. Conforme lembra Rogoff (2005) a experiência cultural profusa permite observar a amplitude dos processos culturais nas atividades e nos desenvolvimentos humanos cotidianos, os quais estão interligados às tecnologias que usamos, e a nossos valores e tradições institucionais e ou comunitárias.

O humano aparece aqui sob a perspectiva de protagonista da ação do viver e não apenas passível de recebê-las. Sendo assim, busco problematizar junto às concepções de humano, dois conceitos universalmente utilizados quando se tratam de sujeitos que experienciam situações de desastres: o conceito de vítima e sobrevivente.

2.2 Humanas vítimas

Recorro a Fassin (2010), ao me aproximar do conceito de vítima. Para o autor, vítima pode ser entendida como aquele sujeito que porta consigo a ausência de culpa e a presença da sensação de impotência relacionada à participação de um evento. A condição de vítima produz, antes de qualquer coisa, um cidadão de direitos. Em sociedades que permitem o desenvolvimento mínimo de condições de vida digna para seus cidadãos, proteção e segurança são direitos de todos e dever do Estado. Neste sentido, a terminologia *vítima* traz para aquele que a porta a prerrogativa de acionar o Estado, a fim de receber aquilo que lhe é de direito: justiça, reparação física, financeira, retratação, cuidados de saúde entre outros direitos a serem garantidos.

Amparo-me em Heredia (2003), para alcançar outros lugares ocupados pelo conceito de vítima. Para este autor, vítima refere-se a uma posição ocupada não apenas por aqueles que foram diretamente afetados, mas por aqueles que reconhecem que seu psiquismo tenha sido prejudicado por tal evento, isto é, sentem que sua saúde mental tenha sido comprometida. A condição de vítima, além de acionar a rede de proteção e cuidado, proporciona a compaixão e a unicidade de uma sociedade. Ser vítima permite acessar um coletivo protetor que auxilie a recompor um *status* de cidadão. O desempenho político de um Estado, finda por produzir um

novo léxico do contexto e faz existir a nomeação de um sofrimento para a produção de deveres de um Estado.

Retomo o quão imperativo se apresenta a mim perceber o sujeito enquanto ser presente em lugares múltiplos de identificações (e não exclusivamente no eixo vítimas-sobreviventes, mas também combatentes, mártires, etc.). As redes de identificações são ao mesmo tempo conceituais e éticas, uma vez que se preocupam em entender uma realidade dentro da complexidade humana, bem como visam devolver aos sujeitos parte de sua liberdade (Fassin, 2010).

As vítimas, neste sentido, estão para além de feridos e testemunhas diretas dos atentados. São pessoas implicadas, ativas, provocadoras, partícipes de uma conjuntura social, política, construtora e interventora do espaço onde vivem. A utilização do conceito de vítima remete a fatos que: para além de feridos e testemunhas diretas dos atentados, estão as pessoas implicadas, isto é, os amigos, os vizinhos, os colegas de classe, colegas de trabalho, e mais extensamente a sociedade em geral. Se seguirmos a compreensão de Fassin (2010), potencialmente toda a população é suscetível de sofrer reações e sintomas oriundos de um conflito, podendo assim “adquirir” os requisitos necessários para ser nominado de vítima. Refere-se ao fato de perceber uma experiência mais que atestar um diagnóstico.

No entanto, muitas vezes, em lugar de um sujeito de direito e de alteridade, o lugar da vítima produz apenas um sujeito de sofrimento. Em minha experiência empírica de cuidado neste contexto, percebo que a escolha das vítimas fala frequentemente de uma parte pinçada do conflito, mas não da conjuntura global, deixando de lado, talvez, as idiosincrasias que transitam no humano do desastre, bem como ignoram as agências que conformam a porção sobrevivente daquele ser.

2.3 Sobreviventes humanos

No que concerne o conceito de sobrevivente, nesta dissertação, parto da premissa de que pessoas que saem com vida de um contexto de desastres, podem ser identificadas com a nomenclatura sobrevivente. Vem a corroborar com este conceito, o significado encontrado no dicionário online Léxico, onde consta: “Pessoa que continua viva: os sobreviventes do acidente” (Léxico, n.d.).

Ao buscar novos significados me deparo com Norma Valêncio (2011), para quem as mudanças sociais, econômicas e culturais influenciam a terminologia atribuída a aqueles que vivenciam um desastre. Essas mudanças são estimuladas pelo fato de que os riscos são inerentes

às ameaças naturais do ambiente e as alterações provocadas e assumidas pelas populações que vivem nesses lugares, oferecendo uma perspectiva humana ecológica dos desastres, com ênfase na distribuição das vulnerabilidades humanas, de condições, intervenção e respostas ao evento.

O esquadramento de conceitos e terminologias permite-me compreender a relevância de considerar as vulnerabilidades das pessoas, suas implicações e atravessamentos para com o meio em que vivem, em confronto a ideia de apenas tomar o processo físico como agente causador do evento (CIF-OIT, 2012).

Tendo em vista que o objeto desta pesquisa ocupa-se da invenção de si através da escrita, retomo minhas memórias registradas e produzo novas reflexões e significações baseadas nesses conceitos. Reflexões essas que me impelem a indagar como não tratar os sujeitos que vivenciam desastres de forma reducionista, uma vez que estes também possuem implicações proativas com o evento que as envolve?

Inspiro-me na reflexão acima, para me indagar: se pessoas, que habitam por razões sócio-afetivo-econômico-culturais áreas de conflito armado, ceifam vidas de outros seres humanos, devo considerá-las sobreviventes ou vítimas?

Ir ao encontro desta interrogação, possibilita-me retomar o livro *Les Blessures du Silence*⁸ de Yolande Mukagasana (2001), onde acesso Evariste N. de 15 anos de idade (atualmente em prisão por ter assassinado outras crianças durante o genocídio Ruandês de 2004. No decurso do genocídio crianças como Evariste [da etnia Hutu] foram estimuladas por seus pais a matarem bebês e crianças da etnia Tutsi), que ao narrar sua história de vida à autora, profere a frase: “*Eu não choro mais, porque eu não sou mais uma criança. Eu sou um assassino. Minha infância acabou*”⁹ (p.19). Estaria eu considerando a idiosincrasia humana que envolve agências desta magnitude se o reduzisse ao conceito de vítima ou sobrevivente?

A psicóloga Ana Cecília Weintraub (2011), por sua vez, abarca o conceito de sobrevivente atrelado a pessoas que vivenciam um contexto de conflito. A autora aponta que pensar um sujeito que vivencia uma guerra, como sobrevivente, é um equívoco, uma vez que seria remover uma parte importante da própria identidade e recursos deste sujeito. Poder-se-ia entender ainda como uma forma de falsear as mudanças e alterações psíquicas, visto que o fato vivido, o qual poderia ser analisado como um problema atrelado a uma circunstância social de vida é visto como problema pessoal e não como a única condição possível para este sujeito.

A fim de aproximar reflexões de constructos do cotidiano recorro a Pavel, um dos três tristes e verídicos narradores do livro de Laurence Binet (2003), o qual narra na primeira pessoa do singular as incongruências do viver em contexto de guerra, quando se está na pele de um

⁸ Livre Tradução da autora: “As feridas do silêncio”

⁹ Livre tradução da autora.

soldado russo. Pavel descreve em cartas enviadas à mãe durante o período da guerra a formação de uma construção humana em carne viva onde ele, enquanto sujeito, inicia seu processo de embrutecimento e crueldade para com outros seres tão humanos quanto ele.

Em suas narrativas, Pavel discorre acerca da aspereza das ordens dos seus superiores, que o impelem a abater e violentar seres humanos, protagonizando cenas de crueldade e perversidade. Em uma de suas cartas, o soldado relata à mãe cenas de crueldade as quais inferiu à população e questiona à mãe se ele ainda poderia ser considerado um ser humano. O narrador se mostra transtornado com as cenas que protagonizou, se rerepresentando como um animal: *“este homem que te escreve parece com um cão de guerra. Ele tem sangue sobre as suas patas, e ele não pode mais viver sem esta porção de droga”* (Binet, 2003, p. 85).

A multiplicidade que se relaciona à porção humana desta dissertação ressona de forma axiomática na dificuldade de atribuir um termo único a um coletivo de pessoas constituintes do Eu (Oliveira, 2009). Na medida em que me posiciono frente a uma destas terminologias (sobreviventes e vítimas), trago um arcabouço de construções e reflexões que serão utilizadas para a tecitura de redes de cuidados, proteções e compaixão social. Contudo, não creio ser possível pensar de forma genérica a atribuição de uma destas terminologias, mas creio ser imprescindível investigar o contexto em que estas pessoas estão inseridas, as condições em que se estabelece a relação de compaixão, cuidado e proteção, que para além do termo, produza a constituição dos direitos humanos.

Nos termos de Lucia Pulino e Regina Pedroza¹⁰ (2012):

Se vítimas ou sobreviventes? De qualquer modo, são pessoas tocadas por algo de fora (o mal) que coloca em risco sua vida. Se vítimas, passivas?, Eventualmente não sobreviventes. Se sobreviventes, vítimas que 'escaparam' do mal, ou lutam contra ele. Uma palavra traz a marca negativa, a outra, a positiva? Não somos todos (as) vítimas e sobreviventes? Não seria a catástrofe uma condição forte, extrema, da vida? Ou da morte? Para quem cuida, uma condição que é experienciada como uma síntese da vida, do humano solto na vida, à mercê do outro? ... Estar vitimizado, ou ser sobrevivente, é condição de ser cuidado, de estar com o outro.

Vítimas e sobreviventes são aqui contemplados pelo termo humano desta narrativa na medida em que me proponho a cuidar sem julgamento de valores ao tempo em que busco me aproximar da perspectiva cultural¹¹ do desenvolvimento humano destes seres entre os quais me incluo.

¹⁰ Nota enviada pelas professoras na devolutiva da avaliação final escrita por mim à disciplina de Mestrado: *Psicologia, epistemologia e filosofia* do programa de pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no ano de 2012.

¹¹ Por cultura, entendo aqui as características, rituais e estéticas que são compartilhados por um coletivo de seres humanos. Ao mesmo tempo refere-se a tudo aquilo que o ser humano, através da sua estrutura, inteligência, sentimentos e percepções consegue executar.

2.4 Desenvolvimento humano e cultura

A fim de acompanhar o desenvolvimento humano junto a outras culturas projetei, como lembra Rogoff (2005), ir além de meus próprios pressupostos, extrapolando as barreiras do etnocentrismo para apreender distintas perspectivas da conformação humana. Ou ainda como aponta Foucault (1981/2006) busquei “*a pratica de si*” como uma estética da crítica em relação a mim mesma, ao meu mundo cultural, à vida, minha e do outro, pois esta composição de vida remete a uma escolha do *modus operandis* do viver.

Imersa na elaboração da *reinvenção de si*, retomei com ardor a leitura de meus diários pessoais. Não fora preciso despende muito tempo para perceber que não era imperativo abrir mão de meus hábitos para atingir a compreensão da cultura do Outro¹², mas sim, se fazia necessário suspender temporariamente pressupostos pessoais para que pudesse levar em consideração os pressupostos de outrem passando a conferir distintos significados a meus hábitos culturais (Rogoff, 2005).

A passagem narrada por mim à jornalista Eliane Brum, em 2011, relata fragmentos desta predisposição que marca parte da entrega ao desejo de compreensão da cultura do Outro: “*A missão tem de ser feita com todos os sentidos: o que você escuta, o que você vê, o que você toca, o que você sente, o que você cheira*” (Revista Época, 2011, s.p.). Em outra entrevista concedida a Brum, no ano seguinte à primeira, é possível acompanhar mais um estranhamento proveniente das diferenças culturais, durante a passagem em que relato a morte de um bebê de sete meses dentro de um centro de tratamento Ebola na República Democrática do Congo (RDC):

Quando fui à comunidade contar que ele tinha morrido, percebi que a pessoas não entendiam por que eu tinha ido até lá para dizer algo que todo mundo sabia. Aquele bebê não teria um ritual, seria simplesmente enterrado. Então percebi que aquela comunidade nunca tinha visto um bebê de sete meses sobreviver. Nós, que já tínhamos visto, investíamos naquela vida, mas eles não. Fiquei pensando que em 20 horas de vôo a gente chega num lugar onde as pessoas nunca viram um bebê nascido de sete meses sobreviver. Para nós, do staff¹³, esta foi uma morte muito dura, porque a gente sabia que, em outro lugar, ele poderia viver. Mas, para a comunidade, era óbvio que ele morreria. (Revista Época, 2012, s.p.)

No âmago deste imbricamento multicultural proporcionado pelo cuidado, fora primordial aprender a decantar iniciativas para captar fenômenos culturais, uma vez que a aproximação com humanos cuja cultura diferia da minha auxiliava a tornar consciente alguns aspectos do funcionamento humano que não pareciam claros até que se tornaram ausentes e ou organizados de uma forma distinta. Ou ainda como Rogoff (2005, p.23) aponta: “a parte mais

¹² Utilizado em maiúscula por se tratar de alteridade.

¹³ Palavra de origem anglófona bastante utilizada, pela ONG MSF, para referir-se a equipe.

valiosa do trabalho comparativo com outra cultura [é] a chance de ser abalada por ela e a experiência de lutar para compreendê-la”, e este abalo fora também constituinte da minha conformação humana.

Em meio a estas construções escritas e verbais, recorro às *narrativas de si* como instrumento e fonte de indicadores empíricos, fazendo uso daquilo que Teixeira (2003) aponta como meio de composição racional dos eventos, pensamentos, experiências, ou seja, como uma imagem fidedigna de minhas humanidades, desencadeando uma construção viva proporcionada pelo ato de narrar a própria vida. Sob o prisma da poesia, identifico-me ali e tomo emprestado de Manoel de Barros (1998, p. 35) o fragmento de frase: “só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feito”.

Por encontrar-me *em estado de palavra* tomei de empréstimo as colocações de Helio Pelegrino citado por Brum (2013), para ajudar-me no entendimento de que escrita e criação constituem uma experiência de nascimento, posto que nascer é saber-se vivo e como tal exposto à morte. Nesta direção, me mantive à espreita de mim para que a estrutura do mundo do Outro se mostrasse. Procurei manter preceitos que figuram no código de ética da profissão e são reforçados por teóricos como Heredia (2003). Para tanto, me mantive alerta enquanto busquei assegurar de que manteria comigo comportamentos e percepções como:

sensibilidade ante a dor do outro; escutar sem emitir juízos; facilitar as pessoas a expressarem sentimentos, não tomar decisões pelas pessoas, nem as considerar incapacitadas; poder tomar medidas para evitar riscos para a população e para si; saber que é uma pessoa sensível, com medos, angústias e dúvidas e que em caso de necessidades deve expressá-los; ser capaz de trabalhar tanto individualmente quanto em grupo; Ser ético e honesto com as pessoas. (Heredia, 2003, pp.124 - 125)

Entre desastres, encontros e reflexões, fui me inventando psicóloga talhada no olhar humano do mundo.

2.5 O desastre de um humano mundo

“Ó infelizes mortais! Ó deplorável terra!
 Ó agregado horrendo que a todos os mortais encerra!
 Exercício eterno que inúteis dores mantém!
 Filósofos iludos que bradais «Tudo está bem»;
 Acorrei, contemplai estas ruínas malfadas,
 Estes escombros, estes despojos, estas cinzas desgraçadas,
 Estas mulheres, estes infantes uns nos outros amontoados
 Estes membros dispersos sob estes mármore quebrados
 Cem mil desafortunados que a terra devora,
 Os quais, sangrando, despedaçados, e palpitantes embora,
 Enterrados com seus tetos terminam sem assistência

No horror dos tormentos sua lamentosa existência!
 Aos gritos balbuciados por suas vozes expirantes,
 Ao espectáculo medonho de suas cinzas fumegantes,
 Direis vós: «Eis das eternas leis o cumprimento,
 Que de um Deus livre e bom requer o discernimento?»
 Direis vós, perante tal amontoado de vítimas:
 «Deus vingou-se, a morte deles é o preço de seus crimes?»
 Que crime, que falta cometeram estes infantes
 Sobre o seio materno esmagados e sangrantes?
 Lisboa, que não é mais, teve ela mais vícios
 Que Londres, que Paris, mergulhadas nas delícias?
 Lisboa está arruinada, e dança-se em Paris.”
 (Voltaire, 1755/1967, p. 465)

Na tentativa de entender os eventos incrustados no hoje, busquei auxílio nas considerações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), onde encontrei que já em VI a.C. os filósofos da escola Milesiana consideravam as forças da natureza como objetos de observação científica (INPE, 2010). O excerto do poema intitulado: *Poème sur le désastre de Lisbonne*¹⁴ escrito por Voltaire, ainda sob o impacto do desastre que acometera Lisboa em 1755 é um entre tantos registros que vem ao encontro da afirmativa de que a existência de fenômenos e eventos ligados a desastres naturais configura-se enquanto uma constante desde a conformação do mundo ao período contemporâneo.

Encontro na expressão do poeta partes da minha composição humana. Ao acompanhar sua escrita reconheço ferramentas que também me auxiliam na assimilação de um evento abrupto como a arte e a escrita, as quais possibilitam acessar sentidos e coerências em meio a um viver condensado, proporcionado pelos desastres.

A fim de auxiliar na compreensão do termo desastre, convoco Weintraub, Noal, Vicente e Knobloch (no prelo) para ajudar-me na compreensão deste. As autoras entendem que desastre pode ser assimilado como um evento que nos força a resignificar conceitos, constructos e percepções de mundo individual e coletivo, geralmente não nos permitindo alcançá-lo dentro de sua magnitude.

Em dissertação apresentada no ano de 2011, Jander Monteiro (p. 23) observa que na etimologia da palavra o termo desastre se relaciona com a palavra astro, uma vez que “o prefixo *des-* indica um componente negativo. Nesse sentido, o desastre implica um grau de desgraça, um azar maligno, de dano para a sociedade ou para a vida”.

A fim de trazer outras perspectivas a esta reflexão, retomo a definição do termo *desastres*, a partir da Organização Pan-americana de Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OPAS & OMS), as quais o definem como um “fenômeno natural ou causado pela ação humana, que produz um distúrbio massivo no sistema dos serviços de saúde, produzindo tão grande e

¹⁴ Livre tradução da autora: “Poema sobre o desastre de Lisboa”

imediate ameaça à saúde pública que o país afetado necessite de assistência externa para enfrentar a situação” (OPAS/OMS, 2012, p.12).

Por sua vez, Médecins Sans Frontières (2004) concebe *desastre* enquanto fenômeno que causa grande número de vítimas (mortas, feridas, etc.), provocando destruição estrutural e/ou material significativa (casas destruídas, ruas, pontes, etc.); altera a geografia humana (populações inundadas, isoladas, mortas); provoca desorganização social pela destruição ou alteração de redes funcionais (como a produção, distribuição e consumo de energia, alimentos, água potável e de cuidados médicos, circulação de bens e de pessoas, de comunicação-informação, educação e manutenção da ordem pública e da gestão de cadáveres).

A fim de auxiliar na elaboração de um conceito de *desastre*, recorro ainda ao Programa Nacional de Vigilância em Saúde Ambiental dos Riscos Decorrentes dos Desastres Naturais do Ministério da Saúde (VIGIDESASTRES/MS), o qual avalia que o desastre predispõe uma interrupção grave do funcionamento de uma comunidade ou sociedade, o qual causa perdas humanas e/ou importantes perdas materiais, econômicas e/ou ambientais, excedendo a capacidade da comunidade ou sociedade afetada de fazer frente à situação por meio de seus próprios recursos. Deste modo, somente poderíamos considerar um desastre na medida em que identificamos seus efeitos sobre seres humanos, de outra forma os desastres seriam simplesmente fenômenos geológicos ou meteorológicos interessantes (Ministério da Saúde, 2010).

A definição de *desastres* por estes autores estimula uma aproximação da compreensão de hábitos e rotinas estabelecidos pelo processo de industrialização de grande parte das sociedades contemporâneas, as quais têm presenciado a intensificação dos desequilíbrios ambientais, em particular os desastres naturais relacionados às mudanças climáticas e a aglomeração urbana, além da frequência e intensidade destes.

Valêncio (2011) entende que a compreensão de um desastre se faz possível a partir do momento em que consideramos o contexto sócio-histórico onde o humano se insere e para tanto o desastre circunscreve múltiplas e diferentes vivências simbólicas e/ou concretas, sendo incorporado e percebido de formas distintas entre os afetados.

As informações anteriormente citadas remetem a um maior impacto global dos desastres em todos os níveis, uma vez que estes evidenciam uma estrutura multifacetada da pobreza estrutural e da ausência e ou fragilidade de planejamento sócio-urbano, sendo possível caminhar para o entendimento de que as ameaças naturais apenas potencializam os desastres¹⁵ (Silva, 2012).

¹⁵ Chamo atenção para o fato de que em grande parte dos países, da África Subsaariana ou da América Central não existem indicadores e levantamentos em situação de rotina, bem como a defesa civil não se constitui enquanto órgão institucional estruturado, o que dificulta a estruturação de registros e elaboração de estratégias compatíveis com a demanda oriunda de desastres naturais e humanos recentes.

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2007), retifica a afirmação de que desde a segunda metade do século XX a ciência tem se preocupado em monitorar e categorizar os desastres em seus múltiplos aspectos a fim de melhor mensurar seus impactos e por esta razão é possível afirmar que todos os continentes do globo sofrem a ação de desastres naturais e ou humanos.

Apesar dos desastres serem transversais na história da humanidade, isto é, aparecerem recorrentemente ao longo da história da humanidade, foi somente no final do século XX com o amadurecimento da percepção do processo saúde-doença que equipes internacionais de intervenção emergencial passaram a incorporar em suas equipes profissionais de saúde mental como sujeitos ativos do processo de cuidado visando minimizar o sofrimento humano em decorrência destes fenômenos, evidenciando a relevância da participação de profissionais de saúde mental em contextos de emergências e desastres. No que concerne ao Brasil, data da primeira década do século XXI a participação dos atores da saúde mental no cenário dos desastres, passando assim os desastres a serem alvo de interesses acadêmicos e governamentais nessa área também (Valêncio, 2011).

A pesquisadora Ângela Coelho (2011) por sua vez tem disseminado nacionalmente a informação de que os desastres comprometem os processos de desenvolvimento e podem afetar diversas esferas da vida como a saúde, a economia, a política e a assistência social nos territórios onde eles acontecem. Para esta autora, estes fenômenos têm sido registrados e analisados a fim de que se possa trabalhar em projetos de prevenção, mitigação e resposta. Embora seja possível identificar a ocorrência sistemática de desastres no último século, a capacidade das sociedades reagirem a estes mudara drasticamente. Percebe-se que a invenção deste novo domínio de ação é, portanto, recente.

No que concerne à perspectiva mundial deste período atual, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2010), responsável pelo acompanhamento do desenvolvimento em âmbito global constatou que as ameaças naturais por si não provocam desastres e sim a vulnerabilidade das populações dos países que incidem diretamente sobre a magnitude dos desastres.

Por sua vez, a divisão da Organização das Nações Unidas (ONU) responsável pela Redução de Riscos em Desastres (UNISDR), ao abordar o histórico dos desastres mundiais relacionados a ameaças naturais, aponta que anualmente uma média de 102 milhões de pessoas são afetadas por enchentes; 37 milhões por ciclones, furacões ou tufões; e quase 366 mil por deslizamentos de terra. Entre 2002 e 2011 foram registrados 4.130 desastres naturais no mundo,

nos quais mais de um milhão de pessoas morreram e, na média do período, 23% dos desastres aconteceram em território americano, de acordo com o mesmo órgão das Nações Unidas (UNISDR, 2012).

Em relação ao Brasil, país o qual venho acompanhando nas últimas duas décadas (1990 e 2000), este tem apresentado um aumento na ocorrência de desastres relacionados a ameaças naturais e as ações sócio-naturais (ação do homem na natureza), contabilizando um montante de: 31.909 desastres naturais. Na década de 1990 foram registrados 8.671 (27%) desastres, contudo, percebe-se um aumento significativo destes registros já na década seguinte: 23.238 (73%). Embora não seja possível afirmar que os desastres aumentaram em 168% na última década, tendo em conta as inconsistências dos sistemas oficiais de registro em Defesa Civil e Saúde no Brasil, vinculados a situações de desastres, o estudo pioneiro realizado pelo Ministério da Integração Nacional publicado no ano de 2012, aponta para o crescimento dos desastres naturais em nosso país (CEPED, 2012).

Ao me deter nos estudos brasileiros, encontrei informações da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde brasileiro, as quais registraram que durante as últimas décadas, somente no continente americano e Caribe, os desastres naturais afetaram mais de 150 milhões de pessoas, sendo que 100 mil dessas vieram a óbito como consequência dos desastres. No período entre 1993 e 2002, a região das Américas foi o segundo continente mais afetado por desastres naturais do planeta (Ministério da Saúde, 2010).

A situação de desastres demanda cuidados de vários âmbitos e magnitudes, entre estes, cuidados respectivos aos aspectos sociais, afetivos, políticos e econômicos. Nestes termos os cuidados à saúde mental tem se mostrado um dos aspectos mais recentes de estudo e intervenção (Heredia, 2003).

2.6 Humanos cuidados à saúde mental

*“Como abrandar um coração
 Numa turbulenta tempestade emocional?
 Como conseguir ficar de pé
 Quando a vida parece ser um vendaval?
 Quando a tristeza obscurece o sol?
 Quando a enxurrada de problemas é igual,
 A uma enchente
 Que nos arrasta,
 E que devasta
 A esperança que um dia foi real?
 Você sabe responder
 Como sobreviver
 Quando a vida é um desastre natural?
 Terremotos, furacões*

*Abalam nossas emoções
 Levam embora nossos sonhos
 Derrubam todos nossos planos
 E nos deixam arrasados
 Nos perguntando se é errado
 Acreditar no que se quer”.*
 Marcos Roberto Moreira (2008, s.p)

As palavras dispostas sob a harmonia do poema, postadas no blog *Poetas e Contistas do ABC*, remetem-me a construções e considerações acerca da saúde mental em contextos de desastres, impelindo-me a retomar o questionamento: *como definir Saúde Mental nestes contextos?*

Ao recorrer ao Relatório Mundial da Saúde, publicado no ano de 2001, parece-me evidente a dificuldade de definir este termo quando se trabalha em distintos e extremos contextos, tendo em vista que,

estudiosos de diferentes culturas definem diversamente a saúde mental. Os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa. Numa perspectiva transcultural, é quase impossível definir saúde mental de uma forma completa. De um modo geral, porém, concorda-se quanto ao facto de que a saúde mental é algo mais do que a ausência de perturbações mentais. (OMS, 2001, pp.31 - 32)

Por sua vez, os pesquisadores Naomar de Almeida Filho, Maria Coelho & Maria Peres (1999, p. 103) acreditam que pouco se tem avançado em termos de conceitos e definições de saúde mental. No entanto, uma das chaves para iniciar a compreender os conceitos, seria defini-los a partir da análise e dos estudos culturais. Em seu artigo intitulado *O conceito de saúde mental*, os autores expõem estudos os quais apontam que a fronteira entre o normal e o patológico é estabelecida pela cultura, contemplando de certo modo uma perspectiva moral, sendo para tanto necessário investigar a fenomenologia destas experiências, bem como as formas pelas quais elas são narradas, além de atentar para os rituais empregados para “reconstruir o mundo que o sofrimento destrói”.

Sob o enfoque do cuidado, frequentemente percebo a utilização do termo *saúde mental* como consigna que se refere ao cuidado ofertado por profissionais psicólogos. No decurso do mestrado em Desenvolvimento Humano e Saúde, fomentei reflexões e discussões que buscaram ampliar o termo *saúde mental* no viés do desenvolvimento humano, procurando utilizar o conceito de *cuidado* enquanto postura ética na relação com o Outro, no entanto a maioria dos pesquisadores e referentes técnicos utilizam o termo *saúde mental* como terminologia que se refere a dispositivos e estéticas de cuidado, e por esta razão os referenciais sistematizados nestas narrativas contemplam também estas perspectivas vigentes no meio acadêmico.

Considerando os diferentes contextos, eventos e populações em que trabalhei nos últimos anos, optei por utilizar o termo *saúde mental* também para referir-me à estética do cuidado referente a reações psicológicas manifestadas em momento agudo (primeiras horas até o fim do terceiro mês pós-evento potencialmente traumatizante). Neste sentido, as narrativas analisadas nesta dissertação por vezes se referem às reações, legítimas para uma situação extraordinária, ainda que sinalizem para a tentativa de um sujeito de se adaptar à situação estressante. Acredito, assim como Laumont (2008), que é apenas quando tais reações persistem ao longo do tempo que podem ser consideradas como um distúrbio psicológico.

No que concerne à relação saúde mental e desastres, a ex-referente técnica de Médecins Sans Frontières, Barbara Laumont (2008), afirma que os desastres são considerados eventos potencialmente traumatizantes para a população afetada, uma vez que são imprevisíveis e incontrolláveis, provocando medo, horror e sensação de impotência. Além de nos confrontar com a destruição e o caos, confronta-nos com a potencialidade da própria morte e ou de outrem, provocando uma perturbação aguda em crenças, valores e significados.

Arturo Heredia (2003), por sua vez, acredita que todas as pessoas que vivenciaram um desastre devem ser alvo de ações preventivas em termos de saúde mental e no entanto apenas 36% dessas desencadearão algum sofrimento psicológico e/ou mental que necessitará de auxílio especializado. Soma-se aqui ainda o aumento da taxa de suicídios, violências, abusos de álcool, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, visto que os sobreviventes deverão enfrentar as consequências do impacto produzido pelo risco de morte. Para o autor, ainda que os adoecimentos posteriores sejam múltiplos e difusos, podem se configurar enquanto trauma ou uma marca capaz de produzir sintomas, ou ainda uma cicatriz psíquica que muitas vezes costuma se manifestar em período distante do fato que o desencadeou, dificultando sua identificação e ou relação com o evento vivido.

Para Heredia (2003, p.122), “o que se agrava no psiquismo não é o fato e nem o estímulo, e sim a representação do fato, e essa representação esta diretamente determinada pelo sentido que tem a situação tanto para quem vive como para seu grupo”. Laumont (2008) reforça ainda que um desastre atinge direta ou indiretamente aqueles que o vivenciam e pode afetar de forma a perturbar mais ou menos seriamente o processo do pensamento, dos sentimentos e do comportamento, podendo resultar na incapacidade de enfrentamento das mudanças na vida, no rompimento do processo de integração social além de acarretar num forte sofrimento psíquico.

O significado do evento para os sobreviventes é um determinante importante a fim de compreender como a situação é percebida inicialmente, além de permitir compreender as formas de elaboração e reinvenção da própria vida. O significado não está somente no contexto em si nem nas pessoas, mas também na interação entre as pessoas e o evento (Coelho, 2011).

Neste sentido, os desastres, para além das estruturas físicas e corporais, atingem a saúde mental daqueles que, de alguma forma, os experienciam. Quanto à saúde mental, acompanho com atenção os esclarecimentos de Laumont (2008) para a qual saúde mental diz respeito a pensamentos, sentimentos e atos de uma pessoa em relação à vida. Isto se reflete na percepção de si próprio e de outros, incluindo questionamentos a respeito da sua existência. Para esta autora, a saúde mental influencia na percepção que temos sobre a vida, as formas de enfrentarmos os processos de mudança, a resolução de nossos problemas, entre outros eventos e necessidades vitais.

O material didático utilizado por mim como referência internacional no desempenho de estratégias interculturais de cuidado, junto à organização Médecins Sans Frontières, informa que a sobrevivência em condições extremas, o estabelecimento de relações para com outros, a tomada de decisões e as formas de interagirmos com o nosso meio estão ligados diretamente à saúde mental. É preciso levar em consideração que todos os estímulos e atos se refletem diretamente na saúde mental dos seres humanos e neste sentido, os cuidados voltados à saúde mental são estruturantes na perspectiva integral de atenção a saúde pós-desastres (MSF, 2008).

No que concerne aos cuidados de saúde mental nestes contextos, tenho acompanhado o crescimento demonstrado pelos atores da saúde mental brasileira na compreensão das estratégias de intervenção, técnicas de cuidado e avaliação do impacto no cenário nacional. Entre os anos 2006 e 2012, o Conselho Federal de Psicologia realizou o 1º e o 2º Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres, culminando na criação da Associação Brasileira de Psicologia de Emergências e Desastres (ABRAPED) em 2012. Encontros organizados pelo sistema Conselhos de Psicologia, iniciados no ano de 2010 denotam um crescente envolvimento dos profissionais da área. É notório ainda o aumento do quantitativo de psicólogos e grupos formados por estes (voluntários, universidades, ONGs e outros) que tem se oferecido para trabalhar em situações de desastres (Weintraub, 2011).

É possível ainda observar nos registros históricos que particularmente as enchentes da região do Vale do Itajaí-SC em 2008 e os deslizamentos de terra da região Serrana do Rio de Janeiro em 2011 servem-nos de marcos disparadores desta busca por conhecimento e atuação prática dos profissionais da saúde mental. Este último foi considerado um dos mais impactantes desastres climáticos já registrados na história do país causando um número de óbitos superior a 1.000 pessoas (sendo 916 corpos encontrados e 345 desaparecidos), de acordo com o Banco Mundial (2012), acarretando em uma busca nacional para desenvolver técnicas, estratégias e estéticas do cuidado em desastres que pudessem auxiliar na reconstrução daquelas regiões.

2.8 A psicologia e a estética do cuidado em desastres

“Depois da minha primeira missão compreendi que o significado da palavra, numa catástrofe, é muito pequeno. É muito o que você sente quando está junto com o outro, e o que ele consegue te passar de sofrimento. E quais são as consignas que ele te passa de sofrimento (Revista Época, 2011, s.p)

A práxis da psicologia, nesta pesquisa, é abordada a partir da perspectiva sócio-histórica, visando, conforme apontam Franca e Barbato (2009), compreender estéticas, conformadas por distintos grupos e indivíduos, de apropriação de conceitos e atividades, considerando as marcas da história e da cultura no desenvolvimento e na aprendizagem humana.

Nesta pesquisa, procurei me manter atenta ao objeto da invenção do cuidado em contextos de desastres através da escrita, permeando nuances heterogêneas. Durante esse período fui introjetando a invenção do cuidado nestes contextos enquanto demandante de cuidados plurais e integrados, voltados para uma atenção às pessoas afetadas diretamente pelos eventos externos e também aquelas atingidos indiretamente, o que inclui o próprio psicólogo, uma vez em que este se encontra exposto a áreas próximas das zonas de risco iminente.

Por meio de minha experiência empírica, registro que em contextos de desastres, os psicólogos têm como função receber, acompanhar e cuidar de pessoas que vivenciaram em um espaço temporal recente situações de morte, perdas humanas e materiais, violações, estupro, tortura, maus tratos, entre outras formas de brutalidade, entrando em contato com o imprevisível e o não estruturado. Estes profissionais, dentro do seu campo de trabalho, permitem-se descobrir e atestar uma realidade que remete a perdas abruptas e intensas, produzindo o cuidado em culturas díspares de forma coletiva e individual.

O caráter recente e inóspito dos eventos desafia aqueles que optam por protagonizar uma estratégia de cuidado em meio a perdas intensas e abruptas em um breve espaço de tempo. Fassin (2010), em seu livro intitulado *La raison humanitaire: une histoire morale du temps present*¹⁶, lembra que a psiquiatria humanitária nasceu somente em 1989, nas ruínas dos sismos da Armênia. As iniciativas simultâneas de duas ONGs internacionais, Médecins Sans Frontières e Médecins du Monde¹⁷, identificaram as sequelas psíquicas na proximidade do desastre.

Até aquele momento cuidadores de saúde mental não possuíam um lugar em projetos de cuidado agudo pós-desastres. A partir desta data, eles adquiriram um espaço tímido, porém ascendente, da Romênia ao Cáucaso, da Bósnia ao Kosovo. A partir do terremoto de Bam-Irã, em 2004, eles se mostraram mais numerosos que médicos e cirurgiões, tradicionalmente os atores das emergências (Fassin, 2010).

¹⁶ Livre tradução da autora: “A razão humanitária: uma história moral do tempo presente”.

¹⁷ Médicos do Mundo

As entrevistas que acompanhei, através dos estudos de Fassin (2010), mostram ainda que aqueles que protagonizaram o início da psiquiatria internacional não possuíam formação específica, tampouco algum conhecimento sobre o traumatismo. Existia entretanto um interesse pelo sofrimento daqueles que vivenciavam situações de desastres ou de conflitos antes de reconhecer nessas pessoas um traumatismo.

Fassin (2010) permitiu-me entender ainda que, embora houvesse um vasto interesse humanitário, o conhecimento profissional e os estudos sobre esse campo de atuação ainda hoje se apresentam de forma restrita e pouco aprofundada. No que concernem às percepções e sentidos produzidos por esses profissionais é ainda mais limitada à construção de referenciais bibliográficos.

Ponto ainda que, além de receberem pessoas que foram violentadas em um espaço temporal recente, estes profissionais estão dentro e/ou muito próximos da zona de risco de danos à própria vida, tecendo um tênue limiar entre cuidar do outro e/ou de si mesmo.

Este processo de ruptura abrupta no estado de equilíbrio, resultado do desastre, pode ofertar consequências em nível biológico, psicológico e social, potencializando o aparecimento de perturbações, em especial nas relações sociais-afetivas, adoecimentos somáticos, comportamentais, entre outras manifestações e, em particular, ao estado emocional daqueles que vivenciam e/ou acompanham diretamente um processo de desastre (Laumont, 2008).

Nesse sentido, o objetivo do profissional de saúde mental dentro desta estrutura de cuidado ao outro está em prover suporte a fim de facilitar o processo de enfrentamento individual e/ou coletivo da forma mais adaptada possível à cultura e à necessidade daquele (s) ser (es), na tentativa de reforçar o processo de resiliência, bem como os fatores de proteção e enfrentamento individuais e/ou coletivos, a fim de que esses possam elaborar e fazer face à problemática vivenciada.

Apesar do papel do psicólogo em desastres estar em seu pilar estrutural definido, o processo de construção individual deste encontra-se em constante ressignificação, e é a partir desse olhar e perspectiva que as terminologias sobre construção e *escrita de si* possibilitam-me acompanhar o processo em que está imbricada esta conformação posto que, como afirma Heller (1985, p.20) “as necessidades humanas tornam-se conscientes no indivíduo, sempre sob a forma de necessidades do eu”.

2.9 A escrita de si, a autobiografia e a narrativa de si

Ao tornar-me narradora de vidas aprendi que toda a vida é uma invenção própria. Não que ela não seja feita de fatos, de dados concretos, de eventos incontrolláveis. O que é absolutamente uma criação própria é a forma como cada um olha para a sua vida. Tudo o que nos provoca a pensar sempre nos faz avançar. (Brum, 2013, p. 53)

Os termos: *narrativa de si, escrita de si e autobiografia*¹⁸, foram abalroados por mim nesta dissertação como métodos biográficos, por compreenderem estruturas que permitem operar na articulação entre a singularidade de um sujeito e o espaço sócio-histórico de sua existência, ora ampliando a compreensão dos fenômenos sociais e grupais, ora possibilitando o surgimento de um sujeito capaz de engendrar uma narrativa sobre si mesmo que possibilite evidenciar suas idiossincrasias.

Utilizei-me ainda das prerrogativas de Maria Cláudia Lopes de Oliveira (2012, p. 369) sob as quais a autora afirma que

narrativa é um conceito abrangente, um guarda-chuva que pode comportar uma ampla gama de objetos e domínios de análise. Entre os possíveis objetos, podem-se citar estruturas textuais (documentos de arquivos, por exemplo), trocas interativas e situações de comunicação social, assim como convenções socioculturais – tais como discursos políticos, cartas dos leitores de um jornal – e relatos autobiográficos.

Ao fazer uso da escrita de si busco tê-la como ferramenta a fim de auxiliar-me no processo de construção de significados sobre o eu, o espaço e a construção de acepções do mundo em que vivemos. Neste sentido, entendo que o Eu-narrador retira o conteúdo de sua narrativa a partir da experiência e a converte em experiências dos que o escutam e ou leem, como nos lembram Streck e Frison (1999).

Remeto a Foucault (1981/2006) parte deste entendimento de que a estrutura narrativa permite a elaboração ética de si. Para o autor, “a elaboração ética de si é antes o seguinte: fazer da própria existência, deste material essencialmente mortal, o lugar da construção de uma ordem que se mantêm por sua coerência interna” (p.643).

Teixeira (2003), por sua vez salienta que

as narrativas de vida singulares se situam, portanto, em um horizonte histórico-social, denunciando-o em suas vicissitudes. É com o objetivo de relacionar a história de vida com a

¹⁸ Embora conheça as diferenças entre essas três possibilidades metodológicas as utilizo aqui como sinônimos a fim de dar mais fluidez ao texto, utilizando-me para tanto de um ou outro termo, de acordo com o autor a ser citado.

história da sociedade que a "fala" dos sujeitos é considerada como espaço de articulação de memória e história.

Para o autor supracitado, a história de vida se constitui como método privilegiado na pesquisa, percebendo-a de forma implicada com a ruptura de uma concepção da história como sucessão diacrônica, ou seja, como avanço uniforme, linear e automático do desenvolvimento histórico ofertado por uma metodologia historiográfica.

Oliveira (2009, p. 110), por seu turno, me permite tecer construções acerca das produções de um sujeito sobre si mesmo, apontando “significados que definem o si-mesmo pelo próprio indivíduo e pela cultura em que vive; significados marcados pelas formas de negociação de um contexto histórico-cultural e pelas práticas que colocam tais significados em uso”.

É um *olhar sobre si* que começa a se delinear, não com o objetivo de descrever a si, mas com o de sistematizar o já dito, de estruturar o que foi ouvido e lido, e tudo isto com o objetivo da constituição de si (Teixeira, 2003). Enquanto isso, para Oliveira (2009, p.110) são os indivíduos que definem seus próprios si-mesmos, apresentando essencialmente uma dimensão histórico-social, tanto de um “*si-mesmo de fora para dentro*, como de um *si-mesmo do passado para o presente*”. As visões do si-mesmo são conformadas igualmente por uma sociedade, uma economia e uma língua, as quais possuem realidades históricas que, embora sujeitas à revisão, “criam um andaime para apoiar nossas práticas como agentes humanos” (Oliveira, 2009, p. 102).

Em meu percurso de pesquisa, entendi que a análise da *escrita de si* pode ser historicamente localizada. No mundo greco-romano, a experiência pessoal não era por si mesma digna de ser levada à página escrita e inexistia uma nítida linha divisória entre a narração dos fatos reais¹⁹ e de fatos inventados. Uma vida naqueles moldes adquiriria sentido à medida que se esculpisse de acordo com um modelo vigente. Entremeadada a esta compreensão, a escrita de diários pessoais passara a ser delineada como uma prática cultural, a partir do Renascimento, com o surgimento do sentimento de individualidade e a ascensão da subjetividade na modernidade, proporcionando a busca por uma apropriação e unificação do sujeito racional (Lima & Santiago, 2010).

Dessa forma, a escrita passou a ser percebida como tramada a partir do espaço de singularidade em que o ser humano passou a se estruturar, sendo, deste modo, produto da civilização ocidental. Neste sentido, esta se posiciona como um dos modos pelo qual ele pode significar a sua história, no contexto mais amplo da História como memória da humanidade. “A reconstituição da unidade de uma vida ao longo do seu tempo passa a ser um meio privilegiado de dar testemunho da existência” (Teixeira, 2003, s.p).

¹⁹ Utilizo aqui o termo *real* apenas para fins de respeito à construção histórica, no entanto na perspectiva por mim trabalhada – baseada em Foucault - o inventado também é real visto que é tomado pelo sujeito como a sua verdade.

Teixeira (2003) traz-nos ainda a noção de espaço autobiográfico, no qual a estrutura da autobiografia moderna tem relevância, juntamente com outros gêneros que lhe são próximos, como o diário, o autorretrato, as memórias e as entrevistas. Nesta vertente, me valho de Foucault (2004) em sua escrita acerca da autoria, quando lembra que o autor é aquele que nos oferta a inquietante linguagem da ficção, suas unidades, *seus nós de coerência*, sua inserção no real.

Oliveira (2009, p. 111) aponta ainda que

O movimento de busca através da constante reinterpretação da própria história é eminentemente um processo de autoconhecimento e, sendo assim, de saber. Busca-se a verdade da própria história. A intrínseca relação com a verdade faz com que, ao escrever uma autobiografia, o escritor esteja diante de uma constatação irrevogável: a de ser histórico. Ao tentar resgatar-se enquanto unidade, apresenta-se como ser múltiplo, o outro (passado) que se transforma em si (presente).

No decurso desta pesquisa, se mostrou imprescindível recuperar a percepção do processo de significação da escrita de acordo com a estrutura sócio-político-cultural, uma vez que os sujeitos estão circunscritos a um processo histórico de vida e não é possível alcançá-los se desmembramos o humano das composições do seu período. Neste sentido encontro na análise da perspectiva sócio-histórica defendida por Vygotsky (1991, 1996) parte do entendimento desta concepção de ser humano histórico, que visa superar os reducionismos das concepções de sujeito e mundo. Isso fica evidente ao longo de sua obra entre os anos 1896-1934.

Retomo ainda as produções de Pulino (2001) ao recordar que há sempre uma concepção de humano que faz parte do cenário de valores e crenças de pessoas que vivem em uma dada época e em um dado lugar e que se modificam na História. Ou ainda, como lembra Pedroza (2005, p.62) “assimilar o mundo é transformá-lo, representando-o de forma subjetiva”, o que inevitavelmente nos conduz a uma percepção: a de ser histórico.

A leitura feita da História é por mim entendida enquanto uma construção temporal e não dogmática, conduzindo o escritor a uma constatação irrevogável: a de ser inventado historicamente. Ao tentar resgatar-se enquanto unidade, mostra-se como ser composto, evidenciando o Outro que se transforma em si. Esta transformação tem por função essencial servir à autolocalização do sujeito dentro do espaço sociocultural, porque evoca a necessidade do indivíduo em situar-se novamente no espaço e também no tempo (Bruner & Weisser, 1991/1995).

Por meio de análises do processo de construção de si a partir da escrita, Calvino (2005) alerta para a necessidade da sociedade contemporânea manter arquivos domésticos, documentar

tudo, classificar, ordenar, em uma tentativa de sistematização do mundo e do eu. Para o autor, há uma relação estreita entre a existência humana e sua ordenação por intermédio da escrita. A sensação de pertencer ao mundo passa pela necessidade de registrar essa existência, ofertando identidade a aquele que a registra.

A escrita de si supõe ainda um movimento simultâneo entre como o eu sente o mundo e como o mundo vivencia o eu. Essa interlocução idiossincrática entre estes movimentos passa a ser registrada configurando-se em uma singular forma de averbação da humanidade. Nesse sentido “o reconhecimento de si a partir da imagem do outro prefigura, para o sujeito, o caráter de sua alienação imaginária, marcando definitivamente certo desconhecimento com relação a si mesmo” (Lima & Santiago, 2010, p.24).

Em meio às circunscrições do humano perante a sua própria construção, a *escrita de si* emerge como tentativa de reverberar a existência pessoal, possibilitando ao ser-sujeito inventar-se. Lima e Santiago (2010) nos remetem a uma escrita que tem como objeto o *si próprio*, a autoanálise da história de uma vida, a vida do próprio sujeito narrada por ele mesmo, ofertando o alcance da representação que os homens fazem de si mesmos, de sua construção. Para estes autores, o relato constituído nestes moldes é norteado pela preocupação em ofertar sentido, de tornar razoáveis os estados sucessivos, de extrair uma lógica, uma consistência e uma constância entre eles. Deste modo a escrita passa a organizar a existência humana, outorgando-lhe um lugar social, uma identidade. Pode-se compreender que a centralidade do eu não é, portanto, um dado natural, mas uma construção histórica.

Nesta invenção de si, a escritura pessoal, como bem lembra Foucault (1981/2006), emerge na medida em que o sujeito começa a situar sua vida em uma trajetória histórica e essa passa a ser construída, inventada e narrada como uma aventura singular. Entretanto é preciso ter em mente o que nos assola de paixão, uma vez que para mim não seria possível iniciar a feitura de um processo escrito, como esta dissertação, sem ter sido de antemão tomada de humanos sentimentos de desejo, que por vezes ofusca e por instantes aclara o universo escolhido.

O elemento disparador do início da escrita de si tem como origem a busca de coerência no processo de existir, na medida em que seleciono certos acontecimentos significativos e estabeleço entre eles conexões, ou ainda, crio ficcionalmente um sentido. Não obstante Roland Barthes (1970, p. 55) aclara-me para o sentido da escrita, o qual não pode fazer-se sozinho pois, para ele, o autor por si jamais produz mais do que presunções de sentido, formas, por assim dizer, e é o mundo que as preenche, já que o tangível nos serve apenas de pretexto. Este autor acredita que:

é porque a literatura, em particular, é uma adivinhação que ela é ao mesmo tempo inteligível e interrogante, falante e silenciosa, engajada no mundo pelo caminho do sentido que com ele refaz, mas liberada dos sentidos contingentes que o mundo elabora: resposta àquilo que a consome e, no entanto, sempre pergunta à natureza, resposta que interroga e pergunta que responde.

Bruner e Weisser (1991/1995, p. 142) por sua vez auxiliam-me no esclarecimento para o fato que narrar-se não é simplesmente expor a vida armazenada na memória, mas sim o ato de edificação do relato de uma vida, sendo capaz de transformar a vida em texto. É através desta textualização que posso compreender a vida de alguém, uma vez que “vidas são textos: textos sujeitos à exegese, reinterpretação e assim por diante”.

Recorro novamente a Teixeira (2003), posto que o autor sugere que esse modelo de escrita remete a um posicionamento do sujeito frente a si mesmo, se constituindo como tentativa de dar conta de sua existência. O objeto desta escrita é o *si próprio*, a análise, isto é, a autoanálise da história de uma vida. Este movimento situa-se a partir do espaço de singularidade em que o ser humano passou a se inventar, enquanto produto da civilização ocidental, a fim de dar conta de sua história, moldando ali a memória da humanidade.

Entendo com Teixeira (2003), que se faz necessário que o sujeito, ao registrar sua história, não se encerre na própria narrativa, é importante que estimule, envolva e contagie o leitor, abrindo-lhe campos para identificação além do texto. Para o autor, o traço desses momentos em toda a história do sujeito sempre pode ser redimensionado e, portanto, retomado como continuidade do relato antes escrito. Essa qualidade de abertura do texto narrado em primeira pessoa, na estética de diário, possibilita ao leitor um terreno fértil para identificações, projeções e *cuidado de si*.

2.10 O diário como cuidado de si

Diário é passarinho, aterrissa quando tem sede, fome ou asas partidas. (Lívia Porto)

A escrita da forma como está compreendida nesta dissertação, se propõe a servir ao *cuidado de si*, apoiado na escrita fornecida por diários pessoais e entrevistas, conforme concepções foucaultianas (1981/2006), baseadas no *epiméleia heaoutû* (*cuidado de si*), referindo-se a ocupar-se consigo, preocupar-se consigo. Neste sentido, utilizo a antiga lenda dos tempos greco-romanos do mito do Cuidado como dispositivo disparador de parte desta análise. Conforme a lenda:

Um dia, quando Cuidado pensativamente atravessava um rio, ela resolveu apanhar um pouco de barro e começar a moldar um ser, que ao final apresentou a forma humana. Enquanto olhava para sua obra e avaliava o que tinha feito, Júpiter se aproximou. Cuidado pediu então a ele, para dar o

espírito da vida para aquele ser, no que Júpiter prontamente a atendeu. Cuidado, satisfeita, quis dar um nome àquele ser, mas Júpiter, orgulhoso, disse que o seu nome é que deveria ser dado a ele. Enquanto Cuidado e Júpiter discutiam, Terra surge e lembra que ela é quem deveria dar um nome àquele ser, já que ele tinha sido feito da matéria de seu próprio corpo o barro. Finalmente, para resolver a questão os três disputantes aceitaram Saturno como juiz. Saturno decidiu, em seu senso de justiça, que Júpiter, quem deu o espírito ao ser, receberia de volta sua alma depois da morte; Terra, como havia dado a própria substância para o corpo dele, o receberia de volta quando morresse. Mas, ainda disse Saturno, "já que Cuidado antecedeu a Júpiter e à Terra e lhe deu a forma humana, que ela lhe dê assistência: que o acompanhe, conserve sua vida e lhe dê o apoio enquanto ele viver. Quanto ao nome, ele será chamado Homo (o nome em latim para Homem), já que ele foi feito do humus da terra. (Ribeiro, 2001, p. 123)

Na medida em que busco novas definições de cuidado na contemporaneidade, encontro-me com Naomar de Almeida (1997), o qual define cuidado enquanto termo polissêmico e complexo, não linear, sintético, plural e multifacetado, e que extravasa os recortes disciplinares das ciências. Ainda sob a égide da lenda, busco a ajuda de Foucault (1981/2006, p. 237) em sua obra: *Hermenêutica do Sujeito* onde encontro parte do registro histórico do *cuidado de si*. Segundo as palavras do autor:

em Platão havia que ocupar-se consigo porque era preciso ocupar-se com os outros. E, ao salvar os outros, simultaneamente se salvava a si. Pois bem, parece-me que agora a relação é inversa: é preciso ocupar-se de si porque se é si mesmo e simplesmente para si. Quanto ao benefício para os outros, a salvação dos outros, ou a maneira de nos ocupar-nos dos outros possibilitando sua salvação ou ajudando-os na sua própria salvação, virá a título de benefício – efeito necessário, sem dúvida, mas tão somente conexo – do cuidado que devemos ter conosco mesmos, da vontade e da dedicação que dedicamos a nossa própria salvação.

Estimulado pela premissa socrática *conhece a ti mesmo*, Foucault (1981/2006, p. 14) retoma Sócrates ao remeter o *cuidado de si* a uma ação de ocupar-se consigo mesmo, de não esquecer-se de si mesmo, de ter cuidado consigo. Esta consigna pretende revelar um modo de estar e perceber o mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro, pois, “a epimeléia heaoutû é uma atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo”.

No que concerne à análise do registro histórico do cuidado de si, o autor escreve que:

o que estrutura a oposição entre o sujeito antigo e o sujeito moderno é uma relação inversa de subordinação entre cuidado de si e conhecimento de si. O cuidado, para os antigos, está ordenado ao ideal de estabelecer no eu uma certa relação de retidão entre ações e pensamentos: é preciso agir corretamente, segundo princípios verdadeiros e que à palavras de justiça corresponda uma ação justa; o sábio é aquele que torna legível em seus atos a retidão de sua filosofia; se este cuidado comporta uma parte do conhecimento, é porque tenho que medir meus progressos na constituição de um eu da ação ética correta. Segundo o modo moderno da subjetivação, a constituição de si como sujeito é função de uma tentativa indefinida de conhecimento de si, que não se empenha mais do que reduzir a distância entre o que o sou verdadeiramente e o que creio ser; o que faço, os atos que realizo só tem valor enquanto me ajudam a me conhecer. (Foucault, 1981/2006, p.634)

Indo ao encontro desta concepção de cuidado, rememoro as fontes primárias de material empírico desta dissertação: meus diários pessoais. A tecitura desta dissertação se deu, entre outras fontes, por meio das informações e reflexões oriundas dos diários que produzi durante e após desastres. Os diários contêm em suas páginas fragmentos de dores, sensações, percepções, sentimentos e construções singulares de um momento ímpar de *cuidado de si*. Quando o confronto com o inesperado e com o diferente urgia por significados e entendimentos, o diário servia como a mais potente expressão do cuidado.

Congraçando com estas premissas, Palombine, Barboza, Fick e Binkowski. (2010, p. 256) referem-se à escrita como um exercício de *cuidado de si*, mostrando-se indissociável dos processos de vida, posto que estes forcem passagem entre as linhas do papel e emprestam seus contornos à forma do texto. Tais reflexões remetem a Benjamim e Foucault,

enquanto Benjamin nos aponta a capacidade de narrar como condição para transmissão de uma experiência, Foucault situa a escrita como uma das técnicas próprias ao cuidado de si, cultivada, na história greco-romana, como exercício para aprender a arte de viver. Escrever, nessa acepção, vai além da função de registro para ocupar a função de experiência, de exercício, no qual se combina o já dito com a singularidade do sujeito e da circunstância. Há aqui uma profunda ligação entre teoria e prática, a escrita servindo para a ação cotidiana, e a memória sendo como um livro aberto ao qual consultar antes de planejar algo para o futuro. Como princípio de ação, a escrita passa de objeto morto à dimensão de corpo vivo.

Resende (2008, p. 72) por sua vez inspira-se em Deleuze (1997a) para tratar desta perspectiva, para os autores, quando escrevemos um diário sobre as experiências de um corpo não organizado é uma “escrita de sangue e de vida que se opõe à escrita do livro”, sem o juízo, ela implica uma “verdadeira inversão do signo”. Neste sentido, pode-se pensar o diário enquanto prática de cuidado de si que se constitui não apenas no campo da experiência, mas enquanto técnica elaborada que transforma a própria experiência (Resende, 2008), uma vez que, como aponta Foucault (1996), as palavras por elas mesmas não são capazes de atribuir a si um valor, se faz necessário que humanos lhe atribuam valor e poder.

Esse exercício de escrita de si consiste em um exercício de constituição de corpos que além de um voltar-se sobre si, oferece um cuidado de si para cuidar dos outros. Concebe-se o diário enquanto uma prática de si que oferece um movimento *etopoiético* na direção de uma dimensão ética e estética, mas também política da vida. Ao considerar a dimensão política, não é possível abandonar a análise do discurso, onde as interdições que envolvem o discurso revelam logo a sua ligação com o desejo e com o poder. Para Foucault (1996), é necessário considerar o discurso não simplesmente enquanto aquilo que manifesta o desejo, mas também aquilo que é objeto do desejo.

A construção mnemônica do narrar, atribui poder a aquele que narra e ou a aquele que passa a conhecer a estrutura singular humana. Foucault (1979) em seu livro *Microfísica do Poder*,

afirma que o poder não pode ser percebido como um objeto natural, uma coisa, pois, precisa ser encarado enquanto uma prática social, inventada historicamente.

O inevitável imbricamento entre saber e poder é aqui percebido enquanto

saber, proposto pela filosofia socrática, é o saber do cuidado, o saber viver, fazer escolhas. Dessa forma, a verdade não é algo distante da vida, mas algo marcado pela autoria do sujeito. O sujeito é o produtor da verdade e, cuidando de escolher sua maneira de viver, ele conhece a si mesmo. (Pulino, 2012a, p. 10)

Neste sentido, a escrita de si se constitui ainda como possibilidade de se colocar em outro espaço/tempo de relação, permitindo-me acessar outras formas de compreender o mundo, evidenciando a tensão entre o poder do assujeitamento e o poder do cuidado de si como estética/ética da resistência (Pulino, 2012a).



Imagem 3

3. Os objetivos desta escrita

Gestar uma dissertação demanda inquietude, não destas que nos perdem, mas daquelas que possibilitam encontrarmo-nos. Uma dissertação que prima por uma narrativa de si, um cuidado e uma autopoiese clama por sentidos. O moldar objetivos pede um desacomodar de memórias, sensações e percepções, forçando uma delimitação que permite o balizamento da busca. Fora imperativo ter objetivos que auxiliassem a não desfazer-me do foco, do sentido, ou das motivações que me conduziram a produzir esta investigação.

Enquanto compunha esta dissertação, procurei iluminar minhas sombras com a lanterna dos objetivos, para que estes fossem orientadores deste processo, ainda que por vezes causassem também desorientação pela incertitude que aflora de um caminho de pesquisa.

Entre luminescências e sombras mantive como objetivo geral desta pesquisa *Compreender os sentidos, percepções e sofrimentos atribuídos ao cotidiano do processo de cuidar, vivenciados por uma psicóloga (Eu) durante a fase aguda de intervenção em desastres naturais e humanos*. A fim ampliar os objetivos dentro de um caráter mais específico propus-me ainda a *Conhecer como a construção de sentidos voltados para o cuidado participa no processo de subjetivação de uma psicóloga trabalhadora em contextos agudos de desastres*, bem como *Analisar os sentidos atribuídos ao cuidado de si e do outro durante a fase aguda de desastres, por meio de narrativas escritas*. Já munida de objetivos rastreei o melhor caminho para alcançá-los.



Imagem 4

4. Os **caminhos** e os **traçados** desta escrita

“Gatinho de Cheshire” começou, bem timidamente, pois não tinha certeza se ele gostaria de ser chamado assim: entretanto ele apenas sorriu um pouco mais. “Acho que ele gostou”, pensou Alice, e continuou. “O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?”

“Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato.

“Não me importo muito para onde...”, retrucou Alice.

“Então não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato. (Carroll, 1865/2002 p. 35)

Como se Alice fosse, busquei saber qual seria o melhor caminho para alcançar os objetivos propostos, mesmo sem saber com precisão onde gostaria de chegar. Assim como no diálogo entre Alice e o gato, no trajeto desta caminhada questões originais se apresentavam e outras tantas se reproduziam a partir daquelas. Tecendo um filosofar socrático, nos moldes de Pulino (2012a, p. 6) onde a

peessoa que lança uma pergunta filosófica a outra não tem, ela mesma, uma resposta certa para sua indagação. Ela pode emitir uma resposta, que não coincide, necessariamente, com a da outra pessoa. Ela, sinceramente, quer saber o que a outra pensa sobre o que perguntou. Pode-se dizer que a pergunta filosófica socrática desencadeia uma resposta na primeira pessoa, que abre espaço para um diálogo.

Para Pulino (2013, p. 10) a pergunta filosófica é uma pergunta que não se serve apenas para obter respostas de um outro, mas ela questiona a nós mesmas/os. Não tem a pretensão de capturar resposta a *priori* definida, mas é um movimento de busca, de abertura para as possibilidades do pensamento. Afinal, “a pergunta e a problematização, mais do que respostas e conclusões, são a chave do processo de filosofar”.

4.1 A participante e o contexto desta escrita

Assim como no processo de filosofar que demanda ao menos um sujeito, esta pesquisa contempla esta pluralidade singular, ao mesmo passo em que permite coabitar em um único corpo a *participante e a autora* desta pesquisa. O Eu, enquanto *participante-pesquisadora* se concebe enquanto profissional de saúde mental, cuidadora (psicóloga), atuante na primeira linha de intervenção a desastres naturais e humanos de uma organização internacional não governamental. Por autora, aqui subentendo sob o viés foucaultiano o sujeito que imprime a ficção de si na linguagem do cotidiano, apresentando a “sua inserção no real” (Foucault, 1996, p. 28).

Imersa nestas elaborações socráticas procurei encontrar-me com os objetivos por mim propostos, aproximando-me da *escrita de si*. O *contexto desta pesquisa* versou sobre narrativas produzidas durante intervenções em desastres, a partir de trabalhos desempenhados na ajuda humanitária internacional, desenvolvidas em três continentes (África, América e Ásia), através de

sete diferentes países (Brasil, Guiné Equatorial, Haiti, Quirguistão, República Democrática do Congo, República Dominicana e Tunísia).

Enquanto narrativas foram abarcadas nesta dissertação produções escritas e verbais categorizadas em diários pessoais e reportagens produzidas sobre o trabalho que desenvolvi entre os anos 2008 e 2013, tendo como recortes memórias, sentimentos e reflexões produzidas na e sobre as primeiras vinte e quatro horas até o fim do primeiro trimestre pós-desastre natural ou humano, através de memórias sistematizadas.

Neste íterim reforço as considerações de Marta Khol de Oliveira et.al. (2006, p. 121) na medida em que apresento reflexões onde memórias organizadas a partir de depoimentos autobiográficos são fontes valiosas no esforço de compreender a constituição da história de cada pessoa, ainda que as memórias não sejam apenas construtos individuais, mas também construções sociais e coletivas. Assim como a autora acredito que:

as análises de narrativas autobiográficas são potencialmente férteis para a compreensão geral de várias fontes de constituição dos sujeitos ao longo de suas vidas, bem como dos múltiplos modos de significação construídos na cultura chamada contemporânea.

Recorro a Pollak (1989) para afirmar que lembrar não é tão somente reviver, mas refazer, reconstruir e reelaborar as experiências vividas. Entendo assim que as narrativas ofertam ainda a possibilidade de reconstituir a polifonia de vozes na construção da memória singular, transformando a vida em texto e transformando a si mesma em “dispositivo sociocultural de repatriamento de experiências subjetivas fragmentárias, provisórias e dispersivas, já que estas parecem representar sua condição de possibilidade no mundo contemporâneo” (Oliveira, 2006, p.135).

Absorta neste emaranhado narrativo percebi que tudo ainda parecia madrugada. Em um horizonte turvo, abracei ansiedades e acolhi angústias, era preciso olhar para o revés da minha narrativa e extrair dali conceitos. Era preciso produzir estranhamento, nada mais poderia parecer seguro. Era preciso aprender a me jogar, como em um salto mortal sem rede, sem saber ao certo onde iria chegar. Com grande ousadia, Deleuze e Guattari desafiavam-me a não interpretar os eventos e fatos ali narrados, mas a experimentá-los, François Ewald na aba do livro *Mil Platôs* deixara claro que não deveria se tratar de um mero amor à ciência, mas de produção de fatos (Deleuze & Guattari, 1995).

Como ter certeza que esses investimentos produziram uma dissertação acadêmica? Como saber onde se escondia o sentido na tecitura de um caminho? Como costurar sofrimentos, histórias e citações bibliográficas sem estancar o sangue que ainda acompanhava aqueles

documentos? De que modo Foucault habitaria minhas incertezas em meio aos odores de refugiados maltrapilhos que emanavam daqueles papéis? Sob quais ângulos Foucault estaria disposto na escrita do humano em meus desastres?

Fora preciso buscar nos meus predecessores acadêmicos respostas para uma construção histórica, de onde originavam ideias que me pareciam genuínas. Nesta busca “documental arqueológica” deparei-me com Deleuze (1997a) e Deleuze e Guatarri (1995) e fui sorvendo através de suas obras algumas pistas que deixaram escapar ao produzir metodologias qualitativas.

Ainda que Foucault (1979) me precavesse da pseudo-inovação de minhas teorias, afirmando que as teorias são provisórias, acidentais e dependentes de um estado de desenvolvimento da pesquisa, acolhi minhas inquietudes por entender que elaborar uma pesquisa demandaria ter de abraçar limites, o inacabado, a parcialidade, formulando conceitos que me ajudassem a refletir sobre minhas aprendizagens empíricas e que em um futuro próximo os libertaria para que fossem reformulados e substituídos por outros mais coerentes com a perspectiva sociocultural de um outro tempo.

No afã de me inventar, entre tantas outras, também pesquisadora instaurei uma linha transversal de desejo parido em meio a pulsões de construções metodológicas, consciência de que em um futuro encurtado elas deveriam ser lapidadas. Era preciso ser comedida em expectativas e saber apostar historicamente na costura de alguns métodos e experiências metodológicas para encontrar o caminho que melhor me ajudaria na confecção desta dissertação.

Recorri ainda a Paul Ricoeur (2007) e a sua fenomenologia, ambicionando estudar os fenômenos das narrativas e entender suas construções na medida em que me propunha a esmiuçar conceitos e perspectivas onde sujeitos e objetos se mesclavam. Ansiava por estudar o que vivi, a experiência humana. Pretendia ao mesmo passo entender mais sobre os constructos que afirmam que o conhecimento se origina da percepção, e a percepção a partir daquilo que sentimos, ou seja, o conhecimento segundo Ricoeur (2007) deveria partir do sensível, então era isso, eu encontrara possibilidade de incluir meus sentidos em construções acadêmicas.

Constatei que meus desejos eram “novidades velhas”, quando li que já na década de 1970 Deleuze e Guattari defendiam metodologias que se propusessem a produzir conhecimentos relacionados ao desenvolvimento humano e que contemplassem em seu cerne dimensões ético-estético-políticas, onde a invenção comportaria novas metodologias; afinal, conhecer uma realidade, demandaria também acompanhá-la e a isto uma metodologia que se inspira na cartografia serviria, acompanhar processos.

Na introdução do livro *Mil Platôs* Deleuze e Guattari apresentam o conceito de cartografia na medida em que estes propõem que o livro seja percebido como rizoma, livro-agenciamento, livro-multiplicidades ao invés de livro-voz. *Rizoma* fora escolhido pelos autores como título da introdução do livro e cartografia surge como um princípio de rizoma, princípio voltado para uma experimentação ancorada no real, um real de múltiplos sentidos e entradas. Tal princípio convoca desde já uma atitude ou um *ethos* de pesquisa que opera não por unificação/totalização do real. A realidade cartográfica/rizomática se apresenta como móvel, acêntrica, o que vai implicar dizer que não há uma direção ou caminhos metodológicos, mas que estes são determinados por pistas (Eduardo Passos, Virginia Kastrup & Liliana da Escóssia, 2009).

Por sua vez Sade e Kastrup (2011), afirmavam que a partir da década de 1990, as metodologias de primeira pessoa já traziam em cena modalidades atencionais distintas daquelas mobilizadas e tematizadas pelos experimentos de psicologia cognitiva. O ponto de partida poderia sim ser outro, poderia sim incorporar a própria concepção de uma atenção a si, diferente da atenção voltada para a apreensão de informações externas. Minhas aspirações aparentavam coerência com a perspectiva de ciência vigente neste momento histórico.

No entanto, era preciso encontrar outros pares para que enfim eu passasse a me considerar membro de uma comunidade de crenças básicas, como nos moldes propostos por Figueiredo (1991), onde uma comunidade de cientistas é formada por métodos e critérios carregados de fatores subjetivos, intersubjetivos e consensuais que acordados entre os pares, passam a vigorar enquanto comunidade acadêmica. Neste percurso, Rolnik (1989) passara a figurar entre “meus pares” na medida em que me auxiliava a produzir sentidos e significações acerca de minhas indagações metodológicas.

Entendi a partir do livro *Cartografia sentimental* de Rolnik (1989, p. 23) que o texto é autobiográfico desde que entendamos por “auto” aqui não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo às forças de um determinado contexto histórico. Para a autora a cartografia configura-se “em um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem”.

Ao pactuar com as premissas expostas por Deleuze, Guattari e Rolnik, eu me propunha a ser escritora de mim e ansiava apreender pontos de vista, visões de mundo, enfim, eu me dispunha a buscar a rede de relações que as narrativas produzidas naqueles cinco anos de trabalho vinham tecendo em minha própria existência.

Recorri ainda a Oliveira et.al. (2006) para server fundamentos e aplicabilidades do que os autores chamaram de narrativas autobiográficas. Destes, entendi que quando apresento uma narrativa autobiográfica, organizo a apresentação do passado no momento mesmo da narração, uma vez que as memórias não são apenas individuais, são ao mesmo tempo sociais e coletivas. O si mesmo no papel de narrador, não apenas relata, mas justifica. E o si mesmo como protagonista esta sempre, por assim dizer, apontando para o futuro. Eu buscava um acompanhamento em que pudesse capturar novos sentidos, até então borrados enquanto imagem.

Com Lopes de Oliveira (2006) cheguei à conclusão de que narrativas apresentadas na primeira pessoa são concomitantemente prática social e atividade de autoconhecimento e permitem que o ser humano se reconheça e se transforme na medida em que incorpora significados e comportamentos.

Ainda me interrogando se existiriam outros espaços de vida nesta dissertação, vislumbrei na poesia uma forma de cartografar sentimentos. Entretanto o mundo acadêmico pedia garantias de que a ousadia metodológica resultasse em novos conhecimentos.

Encontrei, dessa forma, citações que apontavam a metodologia de abordagem qualitativa, como um meio de produção de significado atribuído pelos sujeitos aos fatos, relações, práticas e fenômenos sociais, preocupando-se com a realidade que não pode ser quantificada, trabalhando com o universo dos significados, motivos, aspirações, valores, atitudes presentes nas relações e ações humanas (Lopes de Oliveira, 2006) e deste modo acalmei minha primeira interrogação metodológica.

Ainda que Brum (2013, p. 38) me sugerisse que: “no fundo sempre escrevemos para nós mesmos”, convoquei Teixeira (2003), para me assegurar de que as pesquisas que eu vinha desenvolvendo produziam sentido para outros que não apenas a mim. Para este autor, aqueles que usam a história de vida como método objetivam propiciar um campo interpretativo dos fenômenos que se preocupam em romper com a noção de um determinismo da História em relação às histórias, considerando que a valorização dos sujeitos - atores sociais - oferece um campo de investigação no qual a relação entre o individual e o social seja de reciprocidade, e de inter-construção. Sim, era esta também a minha intenção. Do autor, capturei a percepção de que nesse processo, é possível relacionar a *história de vida* com a história da sociedade que a "fala" dos sujeitos é considerada como espaço de articulação de memória e uma historicidade.

Percebendo-me humana e múltipla apesar de singular, eu carecia de outras verdades acadêmicas. Entre entardeceres e amanheceres no processo de produzir ciência, eu buscava também leveza poética na edificação de constructos metodológicos que originassem novas

percepções do desenvolvimento humano. Em meio a estas buscas o encontro com Machado (2011) se fez um novo alento científico. Em sua dissertação, Machado (2011, p. 41) comparara a metodologia cartográfica com um método de caça, equiparando o autor ao caçador. Nestes termos, mesmo que o autor/caçador

conheça o território em que caça, este nunca é o mesmo, está sempre em movimento. Rastros, pistas, odores e pegadas silenciosamente o fazem mover-se pela mata. O caçador, para caçar, precisa estranhar o seu território, seu próprio cotidiano.

Neste estranhamento do cotidiano memorioso vali-me das inspirações advindas do método cartográfico e das narrativas de si, buscando trabalhar com a potência da vida que dali emanava. Ao trabalhar com essas premissas, fui inferindo indicadores produzidos enquanto a pesquisa ia se tramando, situando-me como sujeito-pesquisadora de modo distinto do que se escrevesse minha própria história motivada por questões que não se situavam no âmbito de uma tarefa investigativa. Era Eu-coletivo, um Eu que se utiliza de uma polifonia de vozes para narrar a própria história, era Eu-tempo, Eu-sociedade, Eu-cultura, Eu-plural.

Empenhei-me na composição de um método que se aproximasse de minha forma de compreender o mundo e ao mesmo passo contemplasse a expectativa da comunidade acadêmica. Optei por me inspirar na cartografia e identifiquei nas obras de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), um método de pesquisa que pressupunha uma orientação do trabalho do pesquisador, mas que não se fazia de modo prescritivo, só sendo possível dizer como se faz na medida em que se está fazendo ou já se fez. A diretriz cartográfica conforme apontam os autores se faz por pistas que trabalham com o percurso da pesquisa considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados, encorajando a cada momento um novo salto. Procurei não me furtar, como disse Rolnik (1989, p. 56), desta antropofagia licenciada pela cartografia, uma vez que “o desejo é criação de mundo”.

A partir dessas inspirações cartográficas me entranhei no conceito de pesquisadora/cartógrafa que realiza seu trabalho considerando as dimensões temporais, espaciais e artísticas, estabelecendo cisões entre a linearidade do tempo cartesiano e a constante produção de modelos e de novas formas. O método apontara para o fato de que a construção de mundos se dá por meio de sistemas e redes sociais imbricadas, sendo que, assim, o cartógrafo se percebe pertencente a este processo.

Acolhendo o imprevisível e a invenção (Mairesse, 2003) experienciei sensações análogas às que vivi quando calcei pela primeira vez, ainda na primeira infância, um par de

galochas coloridas à espera do banho de chuva. Eu estava disposta a estar e estudar na chuva oriunda dos devires do processo metodológico escolhido.

Por meio do método cartográfico fora possível sorver ainda a compreensão do eu-sujeito como conhecedor e o objeto a ser conhecido como produção dos efeitos da prática, logo, resultantes de um mesmo processo. E, na medida em que fui apostando no caráter sempre intervencionista do conhecimento foi possível romper com a dicotomia teoria-prática (Passos & Benevides, 2000). Inventei-me um ser constituinte deste personagem cartógrafo buscando traçar caminhos sem pretender uma verdade. Como o proposto, visei estabelecer uma produção de conhecimento na qual fosse considerada a atualização²⁰.

Parto assim da compreensão do termo *invenção de si* como um investimento a fim de compreender as formas fundamentais de construção de significados que caracterizam o funcionamento do sujeito na cultura. Além disso, se mostrara possível conforme lembra Lopes de Oliveira (2006) identificar na forma da narrativa um dos princípios organizadores da subjetividade, uma das formas de inscrever a particularidade, a intencionalidade e o desejo interior de um universo de símbolos compartilhados em contextos particulares.

No campo desta pesquisa, me valer das considerações oriundas da *narrativa de si* propiciou um campo interpretativo dos fenômenos que buscou romper com a percepção da história em uma perspectiva estanque, considerando que a valorização dos sujeitos - atores sociais - oferecia um campo de investigação no qual a relação entre o individual e o social fosse de reciprocidade e de interconstrução (Teixeira, 2003).

De Passos e Barros (2003) me apropriei do conceito proposto, no qual o método cartográfico opera numa interlocução entre o rigor metodológico e a criação-invenção de quem cartografa. Além disso, pressupõe aspectos que entrelaçam a clínica, a ética, a estética e a política e, neste sentido, oportunizam a inseparabilidade entre a descrição e sua funcionalidade, pois a descrição se torna ato, descrição-intervenção que produz subjetividades.

Busquei com afinco, não necessariamente encontrar respostas para minhas interrogações, mas assumindo o papel do gato de Alice, visei aprimorar minhas perguntas produzindo vida. O método possibilitou ainda uma rearticulação do plano de intervenção, se mostrando uma troca entre o eu-sujeito, o eu-social e o eu-coletivo, proporcionando por intermédio da junção dos dispositivos analítico e articulacional novas práxis.

²⁰ O termo *atualização* aqui delineado diz respeito ao fenômeno não como um estado e sim um processo em que estão presentes as micro e macro-transformações cotidianas.

4.2 Instrumentos, equipamentos e materiais

A produção de indicadores empíricos consistiu-se em uma cuidadosa análise documental. Utilizei-me dos diários pessoais, imagens (fotos e gravações audiovisuais) e entrevistas concedidas por mim a jornalistas nacionais e internacionais, bem como documentos e relatórios que produzi no recorte de tempo compreendido entre os anos 2008 e 2013, período em que estive à frente de equipes de saúde mental da organização Médecins Sans Frontières (MSF).

Foram utilizados como fonte de informações para a produção de indicadores empíricos:

4.2.1 Registros pessoais: documentos narrados na 1ª pessoa do singular, referindo-se a sentimentos, desejos, angústias, medos e estranhamentos meus. No que concerne às narrativas relacionadas a histórias singulares de sujeitos em situação de atendimento individual e/ou coletivo, foram selecionadas apenas aquelas que não possibilitassem o reconhecimento dos sujeitos envolvidos, isto é, foram selecionadas de acordo com características sócio-político-culturais que se repetem nos países, regiões e ou etnias em que trabalhei.

4.2.2 Registros técnicos e Profissionais

- Documentos utilizados por organismos internacionais, como referência em cuidado e auto-cuidado de/para profissionais que trabalham na ajuda humanitária internacional.

- Documentos produzidos por mim, para organismo internacional de ajuda humanitária os quais se referem a terceiros, ou que remetem a histórias de vida, sem que possibilitassem o reconhecimento das identidades originárias, tampouco aguçassem a situação de vulnerabilidade das pessoas que protagonizaram as histórias registradas. Sublinho ainda que as narrativas não se configuraram em juízo de valor atribuído a terceiros, mas sim versaram sobre a percepção, sentimentos e reflexões minhas em relação às histórias destes humanos.

Para a produção de indicadores foram analisados ainda relatórios técnicos que abordassem as construções de estratégias de intervenção em desastres naturais e humanos produzidos por mim no período em que trabalhei como psicóloga de uma organização

internacional, material este onde não são citados nominalmente (garantindo o anonimato²¹) os protagonistas das histórias narradas.

4.2.3 Registros imagéticos:

a) **Fotos:** a utilização das imagens produziu em mim um forte questionamento ético. Tendo em vista que as imagens utilizadas foram todas elas registradas em momentos cotidianos de contato com as populações e comunidades onde trabalhei, naquele momento do registro, solicitei a permissão para o registro fotográfico, todavia não solicitei que assinassem papéis ou termos de consentimento, posto que naquele recorte de tempo, eu não pensava em trazê-los para uma dissertação acadêmica. Minhas reflexões versaram sobre o fato de que a maior parte das pessoas registradas, em especial as residentes na África subsaariana e no Haiti, expressava muita satisfação de terem suas imagens expostas, visto que raramente tinham a possibilidade de enxergar a si mesmas num registro imagético. Refleti ainda sobre a importância de aproximar o interlocutor-leitor desta dissertação da estética do contexto destas caminhadas e do quão impactante esta poderia ser. Por acreditar que a resistência do existir está também nas formas que nossos corpos assumem e nossas faces se expõem, optei por incorporá-los à conformação desta dissertação. Ressalto ainda que me empenhei para que estas imagens não remetesse, ou fossem associadas, à clínica terapêutica, tampouco a outras dimensões de atendimentos realizados com pacientes citados nesta dissertação.

As fotografias selecionadas para esta dissertação remetem a pessoas, espaços e paisagens registradas por mim, onde em nenhum momento se expõem imagens que venham a colocar em risco à vida e a dignidade das pessoas.

b) **vídeos e áudios:** foram selecionados e analisados com atenção e sistematicidade reportagens onde fui entrevistada ou acompanhada através de imagens por equipes de televisão em locais de desastres naturais e humanos, para

²¹ Ressalto que o termo anonimato não se deve apenas ao fato de não serem citados nomes originais, mas remete também ao cuidado que tive em não utilizar imagens de pessoas que tiveram suas histórias presentes nas narrativas analisadas nesta dissertação.

programas já divulgados por emissoras de difusão nacional e internacional. Apesar de não serem citadas textualmente, serviram de material para a produção de reflexões e análises nesta pesquisa, potencializando o encontro com a invenção subjetiva de mim e com a polifonia de vozes presente na construção humana.

4.4 Procedimentos para a Construção de Indicadores

Como primeiro procedimento, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa através da Plataforma Brasil e enviado por meio desta ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, tendo como base a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS), o qual dispõe sobre as Diretrizes e Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.

Após o recebimento do parecer positivo do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (CAAE: 10156113.3.0000.5540, CEP/IH/UnB), iniciei o processo de construção de indicadores, através da pré-análise dos documentos, por meio da leitura e observação flutuante dos diários e manuscritos impressos, digitais e/ou em fragmentos de papéis escritos durante o trabalho em campo nas missões humanitárias entre os anos 2008 e 2013²², além de entrevistas, reportagens e fotografias produzidas neste mesmo recorte de tempo. A partir da pré-análise foram selecionadas narrativas produzidas a partir dos eixos norteadores: Desastres Naturais e Desastres Humanos.

Os documentos analisados foram selecionados, organizados e sistematizados a partir de meus arquivos privados e dos documentos de domínio público de organizações internacionais de ajuda humanitária em emergências e desastres. Deu-se prioridade aos materiais autobiográficos, entendendo estes sob a perspectiva de Lima e Santiago (2010, p. 32), onde “o texto autobiográfico revela um sujeito dividido, descentrado, desconhecedor de si mesmo e que, em meio às contradições, tensões e equívocos de seu texto... insurge como uma pluralidade, como resultado de suas múltiplas identificações”.

Para a seleção dos documentos textuais que contemplavam esta perspectiva foram considerados os seguintes condicionantes:

- Ter sido produzido pela autora desta pesquisa;
- Narrativa que versasse sobre o recorte de tempo: primeiras 24h após o marco zero do desastre (natural ou humano) até o final do primeiro trimestre pós-início do evento (considerado fase aguda da intervenção);

²² Período que reflete o tempo em que trabalhei na ONG Médecins Sans Frontières.

- Quando fossem narrativas sobre pacientes e ou pessoas atendidas, garantir que as mesmas não pudessem ser reconhecidas e/ou que viessem a ter sua vida posta em risco e ou sua dignidade ferida;
- Assegurar que as imagens utilizadas não contivessem pessoas em situação de atendimento, ou ainda que viessem a ofertar qualquer tipo de ferimento à dignidade humana;
- Quando fosse um guia de cuidado ou relatório:
 - que servisse de referência para voluntários que trabalham em organizações internacionais de ajuda humanitária de emergências e desastres;
 - que fosse utilizado como apoio para enfrentamento ao estresse relacionado a emergências e desastres;
 - que tivesse sido produzido pela autora e pesquisadora durante a intervenção em desastre natural ou humano, ou posterior a esta, desde que se referisse ao período da intervenção em campo.
- Quando entrevista e/ou reportagem, que contivesse como conteúdo principal: narrativas, ou imagens em que eu aparecia em situação de cuidado e/ou enquanto produtora de reflexão crítica relacionada ao processo de cuidado, atendimento e ou de estranhamento em relação a mim e ao meu entorno concernente às missões humanitárias;

A partir destes materiais visei sistematizar um levantamento das temáticas, objetos e demandas a serem analisados no decorrer da pesquisa, servindo de base para análise dos indicadores produzidos. A compilação culminou na digitalização de todo o material encontrado, totalizando 456.872 caracteres sem espaço (181 páginas), divididos em 3 pastas digitais contendo duas entrevistas concedidas por mim à Jornalista Eliane Brum, publicadas na íntegra em revista de divulgação nacional nos anos de 2011 e 2012, respectivamente: *Minhas Raízes são aéreas*²³ com 50.743 caracteres (19 páginas) e *Me reinventei a marretadas*²⁴: 91.843 caracteres (27 páginas), além dos constructos pertencentes aos diários pessoais, contendo: 314.286 caracteres (135 páginas) compilados em um documento digital único, abrangendo as narrativas registradas nos diários pessoais da autora e pesquisadora, as quais foram produzidas em cadernos impressos, diários digitais, cartas e e-mails, sendo todos estes sistematizados por ordem cronológica.

Das 890 fotografias analisadas para esta pesquisa, nove delas foram selecionadas para integrar a composição desta dissertação. A seleção fora baseada na capacidade das imagens de

²³ Publicada na Revista Época Digital em 25/04/2011

²⁴ Publicada na Revista Época Digital em 19/11/2012

produzir memórias e sentidos voltados para o processo de subjetivação da pesquisadora, bem como relacionar-se com as temáticas a serem trabalhadas em cada capítulo.

No que concerne às reportagens analisadas no recorte de tempo desta pesquisa, cinco delas foram selecionadas de acordo com a capacidade que demonstraram de representar semioticamente determinados aspectos da realidade e, ao mesmo tempo, construir uma visão sobre a realidade²⁵ (González, Barbato, Caixeta & Carlucci, 2012). As imagens foram ainda selecionadas de acordo com a relação destas com os temas e seções a serem narrados e ou analisados nesta dissertação, levando em consideração as unidades de sentido e os temas a serem abordados.

O material imagético serviu de subsídio para a reflexão e discussão de indicadores empíricos, ainda que a maior parte destes não tenha sido referenciada diretamente nesta pesquisa todo o material analisado fora constituinte de análise reflexiva.

Os documentos reservados para a análise foram agrupados por temáticas centrais (desastres naturais e humanos) e estruturados levando em conta o ano e o momento em que foram produzidos. Ressalto que o momento de compilação e escolha do material a ser analisado perdurara seis meses e fora um momento potente de reflexão e reinvenção de mim, através da análise voltada para os cinco anos em que me propus a produzir cuidado atrelado às necessidades e demandas idiossincráticas e humanas, considerando a técnica aprimorada em espaços acadêmicos e de formação, bem como a percepção tácita voltada para a compreensão da perspectiva de sofrimento e dor oriunda de um evento agudo e abrupto de perdas humanas, materiais e adoecimentos.

Tendo como base a análise criteriosa do material compilado, elaborei uma tabela, onde estabeleci dois eixos estruturantes: 1. Desastres Naturais e 2. Desastres Humanos. Os eixos surgiram na medida em que percebi que as escritas oriundas de trabalhos e atividades realizados em situações de desastres naturais e humanos despertavam sensações e reflexões díspares, porém se repetiam no decurso de distintas missões dentro da mesma categoria de desastre (natural ou humano).

Na sequência estruturei uma tabela e dentro dela elenquei cada um destes dois eixos estruturantes de acordo com as referidas temáticas e subtítulos correspondentes, distribuídos por cores a fim de facilitar a identificação destes por meio do contraste visual e assim fui incorporando unidades de sentido (U.S) (Jeane Félix, 2012).

As unidades de sentido se fizeram necessárias posto que os temas das narrativas se repetiam e muitas vezes se complementavam ou eram acrescidos de novos significados a

²⁵ O termo *realidade* utilizado aqui refere-se à invenção da realidade na perspectiva de mundo singular do autor e não uma realidade dogmática e concreta.

reflexões em períodos distintos de tempo. As unidades de sentido, juntas somaram um total de 17, respectivamente: 1. Desespero, 2. Medo, 3. Sofrimento, 4. Família, 5. Ser psicóloga, 6. Desastres, 7. Cuidado, 8. Gênero, 9. Crueldade\perversidade humana, 10. Fé/crença, 11. Saída Pós Missão\Retorno para casa, sentimentos, 12. Beleza\Estética, 13. Entrada no MSF, 14. Partida para missão, 15. Estranhamentos culturais, 16. Morte e 17. Tempo. A partir destas 17 unidades de sentidos, optei por selecionar 6 destas (5. Ser psicóloga, 6. Desastres, 7. Cuidado, 15. Estranhamentos culturais, 16. Morte e 17. Tempo).

A fim de potencializar os dispositivos de análise, bem como para que pudessem ser aprofundados e correlacionados com outros temas transversais, posto que o número de unidades de sentidos era bastante extenso para serem minimamente aprofundadas, nem todas as 17 U.S foram utilizadas na escrita desta dissertação, no entanto seguirão já sistematizadas para serem retomadas em outro momento.

No que concerne à escolha destas U.S. as elegi por serem palavras, reações, sentimentos ou reflexões recorrentes ao longo do processo narrativo dos materiais pessoais, tanto nos diários pessoais, quanto nas entrevistas, ofertando a mim uma linha de condução que facilitara a reflexão sobre outros dispositivos de *invenção de si*.

Na sequência dos procedimentos, cada uma das referidas unidades de análises foi sendo alimentada com trechos de narrativas da autora/sujeito partícipe das entrevistas e diários pessoais, de acordo com os conteúdos que remetiam direta ou indiretamente às temáticas das unidades de sentido.

4.5 Procedimentos para a análise dos indicadores produzidos

A fim de operar a análise dos indicadores, me vali das inspirações cartográficas tecidas por Deleuze e Guattari (1980/1996), Foucault (1971/2006), assim como de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), uma vez que compreendem o sujeito e o pesquisador enquanto sujeito único, imprimindo uma ousadia que se propõe a mapear a heterogeneidade e a complexidade, sustentando a singularidade e a processualidade. Nessa ótica, o pesquisador cartógrafo, que constitui também seu meio de pesquisa, mantém-se atento a fim de identificar as relações, conexões, marcas e, assim, poder apreender fragmentos de realidade e suas complexidades.

Ao analisar os diários, procurei ser fiel à compreensão desses enquanto “uma disciplina de interiorização, um exercício de confissão (discreta)” (Lima & Santiago, 2010, p. 458), insistindo na postura de pesquisadora que visa o exercício da indagação sobre a sua posição e o julgamento inferido a esta e perpetrado por terceiros. Era preciso levar em conta que fatos-acontecimentos não deveriam ser encarados como “dados”, mas em certa medida confeccionados

por mim de acordo com minhas demandas e possibilidades conceituais, de imaginação teórica e hipóteses (Figueiredo, 1991).

Nesse caminho que foi sendo traçado enquanto caminhava, posicionei-me como quem olha através da lente de um caleidoscópio interno, estando à espreita das pulsações e sensações advindas do processo de revivescência, sendo fiel a produções oriundas daqueles momentos de reflexão, mas principalmente me propondo a compreender as idiossincrasias e contradições inerentes à vida humana, estando consciente de que ao me narrar a intencionalidade estava posta e era preciso ser incorporada também, na medida em que toda a narração se apresenta enquanto ato orientado para fora e para si, se constituindo enquanto ato epistêmico, no qual fui me construindo enquanto me historiava, me aproximando das considerações de Lopes de Oliveira (2012, p. 372) concernentes às narrativas orais e escritas: “ouvimos e recontamos nossas histórias e, ao fazê-lo, tomamos consciência de nós mesmos e da própria historicidade em que as linhas sociais e pessoais de desenvolvimento se cruzam”.

Para a produção da análise de indicadores não houve uma preocupação em ter um começo e uma conclusão de cada narrativa, mas sim de permitir um recorte longitudinal tecendo possibilidades inferenciais possíveis por meio da análise de cada uma das U.S., tendo em conta a visão narrativa da subjetivação, onde o ser humano não apenas produz como ele próprio é significação (Lopes de Oliveira, 2012).

Busquei também estar atenta às minhas intencionalidades morais, na medida em que apresento uma “realidade²⁶” que construí sobre mim, não tendo necessariamente um compromisso com uma pretensa “realidade”, mas sim com a perspectiva organizadora do meu próprio eu, uma vez que o lugar que experimento também é um ângulo social e temporalmente enquadrado, além de que a “realidade” é forjada de acordo com o enquadramento estético cultural.

Durante a análise destas unidades de sentido, acompanhei os movimentos por meio de um caleidoscópio imaginário, como o proposto por Lopes de Oliveira (2012), e a cada novo movimento do tubo foi se misturando a ação do tempo que meu movimento presente proporcionava aos fragmentos impressos em um passado recente. O movimento produzido neste processo memorioso, fizera com que houvesse a sensação de que os fragmentos iam caindo um sobre o outro, se transformando em novas imagens e sentidos, me singularizando enquanto ser humano habitado por sujeitos, conformando uma nova bricolagem do humano.

No que concerne as imagens utilizadas para a escrita desta dissertação, embora poucas fotografias tenham sido inseridas ao longo do texto, faço uso da afirmação de Ricoeur (2007), para

²⁶ O termo realidade foi colocado entre aspas, para ressaltar o fato de que o imaginário, na medida em que é imaginado, também se constitui como real.

sustentar a presença destas. Segundo esse autor, ainda que não venha intacto, o passado chega veloz quando em forma de imagens. Por entre estas imagens que foram chegando por "rastros" fui recompondo a estrutura narrativa desta dissertação. Neste sentido todas estas imagens de alguma forma serviram à conformação de base da construção das minhas memórias enquanto recriações ficcionais de mim, posto que o conteúdo destas fora analisado com base nos recursos, imagens e ideias atuais, servindo-se a uma reconstrução e reelaboração das vivências do passado (Pollak, 1989; Ricoeur, 2007).

Ainda no que remete às imagens, reforço que busquei manejá-las levando em conta as considerações de Maria Fernanda Gonzáles et.al. (2012, p. 2) as quais defendem que as imagens,

em seus aspectos materiais, mantêm diferentes relações com o mundo que representam (mediação instrumental) e nos seus aspectos simbólicos são capazes de gerar ou desencadear narrativas sobre si, sobre o mundo, sobre o outro e, ainda, novas imagens e episódios narrativos que desencadeiam significados valiosos sobre como as pessoas pensam e atuam no mundo (mediação simbólica).

Da sequência metodológica que foi sendo estruturada na medida em que os sentidos, reflexões e questionamentos iam emergindo da rememoração das narrativas e imagens, passei para a produção das dimensões éticas e estéticas de análise a fim de sistematizar as produções e invenções singulares. Continuei atenta a pressupostos que acompanhariam a análise, estando os principais destes listados abaixo:

1. Ausência de neutralidade no ato de narrar
2. A intencionalidade no ato de narrar
3. A escolha cíclica a qual visa à organização lexical dos textos
4. Narrativa enquanto um sistema aberto que cria uma zona de ambiguidade
5. Foco no fenômeno de organização de si

Sensível a estas configurações iniciei a produção da discussão desta pesquisa, alcançando sentidos que atravessavam memórias.



Imagem 5

5. Sentidos que atravessam memórias

5.1 Narrativas

Sempre soube que contar histórias me salvava da versão adulta do medo do escuro. Agora, que sou gente grande, contar histórias ordena o caos da vida, me dá sentido e identidade. (Brum, 2013, p 53)

Nos meses de solidude que foram o lugar da escrita, apalpei com cuidado aquelas, dentre todas as memórias, que estavam em meus becos e separei, com mãos de garimpeira, não as pepitas, e sim aquelas que feriam meus dedos dificultando à escrita. Nesse descaminho, iniciei a discussão de narrativas, produzindo sentidos que atravessavam memórias enquanto relia meus diários pessoais. Neste primeiro recontato me deparei com a passagem:

Acabo de ler a frase que escrevi no dia anterior. “e se a dor voltar?” Bom, se for a dor da cirurgia, sempre posso recorrer aos analgésicos, mas e se for a dor de pensamento? Aí vou precisar ser forte porque não tenho conhecimento de nenhum analgésico que amenize dor de pensamento, de nenhuma cirurgia que faça incisão no passado, que abra com o bisturi a pele da vida.

Ainda sinto dores de 12 meses atrás das histórias que parecem ter quelóide, das perversidades do ser humano que não conseguem cicatrizar estas dores, serão sempre minhas, bem minhas...estas dores são nada mais que o humano pulsando a faca dentro de mim. (Diário Pessoal, Quênia, 2010)

Vali-me de Oliveira et.al. (2006) para recorrer a memórias pessoais e empregá-las enquanto fontes no esforço da compreensão histórica dessas narrativas. Investi no discurso autobiográfico enquanto forma de sistematizar a apresentação do passado no momento mesmo da narração, apostando junto a Martha Khol de Oliveira et.al. (2006), no fato de que rememorar auxilia a recriar experiências passadas com a perspectiva do presente.

Mantive-me atenta à premissa de Tania Gandon (1981, p. 154), de que “o discurso sobre o passado ancestral é caracterizado por uma atmosfera de mistério e nunca é linear”, absorvi que para analisar de forma coerente seria preciso me manter atenta ao devir, mas também aos mistérios involucrados no ato de narrar. Retomei repetidas vezes as concepções de Oliveira et.al. (2006, p. 121) para alcançar estratégias que me permitissem entender o desenvolvimento humano a partir de contextos extremos. Para estes autores:

Os sujeitos ao narrarem sua própria história de vida, usam marcadores que identificam pontos de viragem em suas trajetórias de vida, os quais podem ser mais ou menos precisos, indicam normalmente momentos de tensão, contradição ou crise e, além disso, evidenciam diferentes modos de viver em relação àquilo que é oferecido como possibilidade no mundo cultural: temas, recursos, procedimentos, argumentos, modelos, normas, valores, etc.

Fora necessário me valer de tempo e aprender a coabitar desconfortos, até descobrir que o poder de discorrer sobre minha história pertencia a mim. Aproximei-me de Brum (2013) para

decidir sobre os pontos culminantes, os ápices da minha existência narrativa. Eu desejava olhar o passado e pinçar sentidos no presente, usando a sapiência de um roteirista de cinema ao mesclar silêncios, drama, conversas banais e também esquecimentos. Fora imprescindível ainda ousar narrar minhas contradições (Brum, 2013). Seriam os cortes no momento da edição que garantiriam o ritmo do filme, ou o que me aproximariam do *ritornelo*²⁷ de Deleuze e Guattari (1995).

Estive à espreita de palavras e repetições. Assim como Brum (2013, p. 31) considero que “de certo modo são as palavras que nos libertam para não pensar. Se forem ditas muitas vezes antes, não causarão nenhuma reação inesperada. Não provocarão nada, nem de bom, nem de ruim”. Entretanto o desacomodar de sentidos que eu tanto aguardava no momento da análise não se fizera de forma líquida, mas se mostrara propulsora de vida.

Reunir meus ditos e sentidos originários dos cinco anos de atuação em desastres demandara-me inventar novas formas de assimilar aquelas narrativas que haviam sido relidas inúmeras vezes, para alcançar alguma “libertação” ou, como mencionara Figueiredo (1991), fazer com que o terreno da ignorância não se fechasse apenas, mas sim se deslocasse, redimensionando-se de acordo com minhas possibilidades. Era vital que me causassem reações inesperadas e sobressaltos de entendimento, era necessário aprender a estranhar, duvidar, aprender a se desnudar. Era preciso, antes de qualquer coisa, desaprender a conhecer-me, era preciso introjetar a poesia de Bertold Brecht nas veias da dissertação, degustando a poesia com técnica e sistematização. Era preciso viver na modalidade dissertativa o que o poeta alemão declamava no século passado:

Nada é impossível de mudar
Desconfiai do mais trivial, na aparência singela.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de
arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer
natural nada deve parecer impossível de mudar. (Brecht, 1977, p. 45)

Fiel às prerrogativas de Brecht, assumi minha porção pesquisadora e me debrucei novamente sobre os manuscritos, me aproximando de Hélio Pelegrino através das palavras de Brum (2013, p. 33) e as tomando para mim. Para Pelegrino, escrever e criar constituem uma experiência radical de nascimento, “a gente no fundo, tem medo, de nascer, pois nascer é saber-se vivo - e, como tal, exposto à morte”, era isso, para analisar e construir significados de vida, era

²⁷ Termo emprestado da música e utilizado em sentido figurado, é considerado por Deleuze e Guattari (Deleuze, 1997) como um dos mais importantes conceitos criados por eles, fala do movimento de entrada e saída em territórios, produzindo a sensação de desterritorialização.

necessário aproximar-me da morte e “encarar o rosto da morte era desatar o nó que ainda me impedia de viver uma vida mais viva” (p. 15).

Entre narrativas e fractais de sentidos, a lagarta de Alice²⁸ se posicionara diante de mim enquanto me desafiava através de um único questionamento:

“Quem é você?”, perguntou a Lagarta... Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: “Eu — eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento — pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então”. (Carroll, 1865/2002, p.24)

Na fala de Alice encontrei minha perquirição, na caça não por respostas, mas por outras indagações. Não percebendo outra forma de me inventar, acessei a única porta que parecia entreaberta em meio ao tempo fraturado, minha própria memória.

5.2 Memória

para os navegantes com desejo de vento e profundidade a memória é um ponto de partida
(Eduardo Galeano, 1994, p. 96)

Desejante de vento e profundidade separei com cuidado punhados de memória. Fora necessário aprender a selecionar espaços de vida na cotidianidade, levando em conta as considerações de Heller (1985, p. 41) para quem “a ordenação da cotidianidade é um fenômeno nada cotidiano: o caráter representativo, ‘provocador’, excepcional, transforma a própria ordenação da cotidianidade numa ação moral e política”. Era preciso saber identificar estas estruturas e conformações políticas e morais que também me constituíam enquanto ser humano. Sim, era preciso evocar lembranças, proclamar memórias e certamente saber ler esquecimentos.

Fora imperativo entender como operava o maquinário da memória e das lembranças. Recorri a Ecléa Bosi (1995), a qual informara que a lembrança se presta a conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. Para Bosi, a matéria indiferente é desprezada, o desagradável sofre alterações para que seja assimilado, o pouco claro ou confuso simplifica-se e o trivial ascende à hierarquia do insólito.

Já Deleuze e Guattari (1995) acreditam que

escreve-se com a memória curta, logo, com idéias curtas, mesmo que se leia e releia com a longa memória dos longos conceitos. A memória curta compreende o esquecimento como processo; ela não se confunde com o instante, mas com o rizoma coletivo, temporal e nervoso. A memória longa

²⁸ Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll (2002).

(família, raça, sociedade ou civilização) decalca e traduz, mas o que ela traduz continua a agir nela, à distância, a contratempo, "intempestivamente", não instantaneamente. (p.25)

Enquanto digeriria as construções de Deleuze e Guattari, desenterrei algumas narrativas que outrora eu havia cartografado ainda em solo africano, durante missões humanitárias em situações de conflito armado, logo ali, no lado direito do Oceano Atlântico, no coração da República Democrática do Congo. Narrativas estas que quando esmiuçadas iam se conformando em fragmentos de uma memória escondida e no mesmo passo constituinte da minha identidade.

Daquela matéria bruta, confeccionada num período não mais terno do que ela, fui sorvendo lentamente aquela sequência de palavras que me remetiam a um passado de morte iminente. Entrelaçada a um coletivo de memórias me deparei com sofrimentos experienciados em um passado ainda em brasa. Sensações de medo e tristeza transbordavam por meio da escrita durante as noites em que eram acessadas no presente. As histórias narradas a mim naquele passado não muito distante, ao serem escritas e acessadas davam continuidade ao massacre e a violência a centenas de humanos seres que não visualizavam um presente ou passado sem memórias de dor.

Comprometi-me em deixar as pupilas dilatadas aferindo sensações e percepções a meu novo campo de visão. Questionei-me naquele instante: *“se memória é o ponto central entre o passado e o futuro, e este futuro é percebido de forma entrelaçada ao passado, então como libertar memórias que produzem dor no hoje?”* (Diário pessoal, 2013).

Nesta humana busca por entendimento vislumbrei mnemonicamente Marie²⁹, a mulher que fora violentada muitas vezes ao longo da sua história e que seguia sendo massacrada a todo o momento que eu produzia uma nova evocação mnemônica. A escuta que eu fizera de Marie deixava evidente o medo enquanto eixo estrutural de uma vida, assim como as vidas de outras tantas mulheres congoleesas que atravessaram a minha biografia durante a missão na região de Haute Uelé. E nesta elaboração da memória narrada e memória escrita encontrei passagens, que engravidaram de sentido as temáticas: memória e direitos humanos através de passagem registrada em diário pessoal:

Caminhei de casa ao escritório, pelo meio fio de uma calçada imaginária no meio destas finas terras vermelhas que fazem o solo de Kinshasa. A terra vermelha me reportou a Marie e então, ela se negou a deixar meus pensamentos, se agarrando à minha memória. Fazia 24 horas que eu e a equipe havíamos chegado a Niangara, eu ainda não sabia da existência das línguas Lingala e

²⁹ Jovem mulher congoleesa que fora violentada sexualmente por coletivos de homens mais de uma vez, além de ter seu marido e filhos mortos por um grupo armado, e uma filha sequestrada. Histórias como as de Marie se repetiram muitas vezes durante as escutas que fiz entre as mulheres que habitam a região da floresta congoleesa.

Bangala, menos ainda imaginava como me comunicar através delas, mas rememoro vividamente a mulher esguia, pés de calcanhares grossos e feridas plurais, cabelo raspado, pele seca de um passado árido, olhar fosco e um pequeno bebê amarrado no dorso.

A frase de Marie ecoou dentro de mim: “Eu não tenho nenhum motivo para viver. Me disseram que aqui tem uma branca que ajuda as pessoas”. Como eu, uma branca do outro lado do oceano, sem conhecer a língua nem os costumes, poderia ajudá-la? Por que as pessoas imaginavam que eu poderia ajudá-la?

Marie vivia com seis filhos e o marido. Desde que emergira no mundo sua vida era sofrimento, aos olhos de qualquer ocidental que vivera numa cidade do mundo contemporâneo. Embora, o sofrimento na perspectiva de Marie começara no dia em que ao sair com um dos filhos da feira de rua, escutara a frase: “Corre, porque acabaram de matar teu marido na estrada”. Esta frase foi disparadora de uma história de terror e drama e ainda agora, lateja dentro de mim.

Marie contara-me que num rompante corra para casa, só conseguia pensar em reunir os 6 filhos e fugir para a floresta em busca de proteção. Ela voltara à sua comunidade, junto ao bebê que portava com ela, e reunira rapidamente os 6 filhos. Na pressa, que só quem protege uma vida captura o significado, Marie esquecera a filha de 2 anos. Num remorso sem precedentes, orientou os filhos a se esconderem na floresta enquanto retornaria para encontrá-la. Ao entrar no povoado, Marie testemunhou a pequena queimando junto ao que acreditava serem seus bens materiais. Se a história de Marie terminasse aqui, ela já seria sinônimo de dor, mas como num pesadelo em que nunca acordaria, ela seguiu uma saga que me é difícil até recordar.

Marie chegara ao povoado onde sua mãe habitava dias depois de percorrer no breu e na escuridão da densa e úmida floresta congolosa. Neste ponto do pesadelo Marie fora estuprada por dezenas de homens armados poucos dias depois de achar que estava protegida junto com sua família. Marie que não era mulher de deixar o sofrimento ser imperativo numa vida de migalhas fugiu mais uma vez e a cada nova tentativa, encontrara a morte em suas muitas vertentes.

Chegara a Niangara, em carne viva e sangrava em todos os pontos da sua narrativa, conseguiu apenas me dizer que restara, com ela, a pequena bebê que há semanas permanecia enfaixada junto ao seu corpo. As duas naquele instante eram uma unidade inseparável, como parte da última possibilidade de se ver mãe, ainda que em carne viva. Sabendo que os demais filhos foram mortos ou sequestrados, eu não acreditava que poderia fazer muito por Marie, mas consegui perguntar a ela a última vez que fora feliz.

A resposta custara para ela um dia, mas veio: “foi quando eu dancei”. Dançou? Pensei eu, numa ignorância de alguém que vivera uma vida de paz e que banalizara a felicidade, como um bilionário banalizaria \$100.000. Ainda perplexa com esse tapa na cara, pensei rapidamente estratégias que pudessem fazer com que outras Maries tivessem ao menos um momento em que as recordações de dor não ocupassem todo o palco da memória do presente e nesta aposta, ganhei meu Dorflex de alma, a imagem das mulheres dançando e sorrindo, mesmo que a ausência de dor existisse no tempo de uma dança. (Diário Pessoal, Niangara-RDC, setembro de 2009)

A passagem narrada em 2009 versa sobre o encontro entre duas humanas mulheres coabitantes, por um par de semanas, da região central da África em um mesmo período histórico, ainda que sob distintas concepções sócio-político-culturais. Marie, jovem mulher negra, nascida na região oriental da RDC, país assolado pela miséria e pela necessidade do deslocamento forçado de milhares de pessoas durante conflitos armados violentos e eu, mulher branca, brasileira, membro de uma equipe de ajuda humanitária internacional que presta assistência médica e psicológica a sobreviventes de desastres e vítimas de violações aos direitos humanos.

Ao retomar o texto escrito em diário de papel, datado de 2009, o reescrevi em mim já nos termos do presente. Na medida em que narrava às experiências vividas, uma nova versão da trajetória era elaborada em função do momento, dos interlocutores, da continuidade da própria vida (Barros, 2011). E neste caso, a dor da primeira escrita se reimprimira em matizes distintas da primeira vez. A dor já não era a mesma, a narradora memoriosa tampouco.

Horizontes manufacturados iniciavam a se apresentar diante de mim na medida em que entendia que as narrativas versavam sobre a experiência que se dera em uma temporalidade dissímil daquela que eu analisava, ao mesmo tempo reconfigurando novas construções e imagens em meu presente.

A memória fora por mim abordada enquanto construção do presente, sobre o passado, para o futuro. Na medida em que rememorava a história de Marie, fui tecendo e costurando minha própria narrativa de vida. Na medida em que a evocava para o espaço presente me permiti excogitar Marie e a mim mesma enquanto mulher, humana, profissional, reconstituindo meu transcurso biográfico produzido pelo processo de memorização.

Evoquei Ricoeur (2007) o qual assinalara a memória não como mera reprodução do passado, mas uma recriação do mesmo. Neste sentido reinventei meu coletivo de “agoras” pelo acesso à memória que instalara na lembrança o sagrado e o singular, trazendo um significado único enquanto vida, uma vez que os esquecimentos produzidos por mim são também um sinal da potência da memória enquanto significação coletiva.

Se a memória é uma reconstrução da atmosfera de outro tempo, posso dizer que reconstruí parte do terror e da sensação de medo vivenciada no passado vivido junto a Marie, remetendo a superfície dos sentidos uma sensação desagradável de morte e dor, ainda que em uma conjuntura presente de conforto e segurança.

A memória permitiu-me igualmente conhecimento, sendo um caminho possível para percorrer a temporalidade. A narrativa descrita no diário pessoal, não se preocupava em emitir uma sequência linear e temporal da construção oralizada por Marie, mas uma sequência que respeitara as marcas impressas nos sentidos pessoais e singulares de um humano ser. Foi nesta reimpressão de sentido e memória que acessei o passado de uma forma *sui generis* e o converti em presente fabricado.

Através da narrativa oral de Marie e de minhas incursões na escrita, me oportunizei a elaboração de convivências mútuas na dinâmica da história que se entretencia enquanto narrativa

de vida, permitindo que nós, ambas as narradoras pertencêssemos uma a história constitutiva da identidade da outra, com valores, significados e posições distintas no tempo presente.

Ao voltar-me para mim, o *eu-narrador*, percebi Marie, o outro desta narrativa, não enquanto um sujeito que me limitava, mas que me pluralizava. Percebi-me então enquanto um apanhado de outros, sujeito de histórias nominais, narrando em primeira pessoa uma polifonia de vozes. Eram os outros eu-externos se posicionando na narrativa singular.

Deste modo, trabalhei a memória enquanto espaço onde se cruzavam tempos e histórias múltiplas. Forjara-se um apanhado de relatos e vivências, onde fora possível recordar fragmentos e escopos que, somados, constituíam a imagem daquilo que de alguma forma comunica um tempo, formando um vitral de pequenas sensações, imagens e percepções, um eu singular.

Conforme Barros (2011, p. 11) sugere,

a memória individual é dependente, do lugar de onde se narra as lembranças. O caráter relativo da memória também vai ser congruente com a ideia da memória como uma reconstrução do passado. Outro aspecto fundamental da memória individual e coletiva e, ainda dentro desta mesma configuração teórica, é o centramento na vida em sociedade, na memória vivida, construída nas experiências de indivíduos inseridos em grupos sociais.

Esta interdependência entre espaço, tempo, sensações e sentidos inventa possibilidades de construção das experiências a partir de um lugar distinto do primeiro. A memória permitira esta revisita ao transcorrido, ainda que fosse uma releitura do espaço que originara a lembrança. Fora uma possibilidade de recriar estes fragmentos de cotidiano, somando no hoje um apanhado de outros “agoras”. E a partir desses “agoras” alcancei Marie e minha rede de sentidos.

A tecitura desta dissertação que se pretende também servir de acesso a um coletivo de histórias, se presta ainda a exumar corpos vivos e mortos, numa tentativa de despertar a memória, dissecando as dores e cartografando as misérias de um tempo pleno de hoje. Talvez ainda, se conformando em funeral acadêmico, onde cada um desses corpos memorados é acompanhado e significado durante longo período, evocando narrativas e sentidos de um tempo que também é hoje. Estes funerais quase nunca se prestam ao enterro de um passado, embora se propusessem a conformar rituais na tentativa de assimilação de uma história e preparação para um futuro.

Na narrativa resgatada dos escombros de Marie, quase todos os fragmentos acessíveis daquela memória eram de tormento, possivelmente atrelados ao fato de que eram narrados dentro de um processo terapêutico e estavam conectados diretamente ao lugar que a terapêutica abrangia.

Pulino (2012b, p. 183) vem ao encontro desta perspectiva quando, em uma dimensão crítica, aponta que

como estudiosos de psicologia, é esperado que saibamos como decifrar o significado oculto por detrás desta narrativa sobre fatos que, embora se sucedam no tempo, não recebem nenhuma relação causal necessária. Olhar desde um lugar exterior, com a objetividade científica, e é o que se espera de psicólogos. E é o que muitas vezes se faz.

No entanto, no avesso desta perspectiva, os fragmentos de dor e perversidade narrados a mim, forçavam-me a suspender parte de meus pressupostos teórico-afetivos, desencadeando uma escuta entregue por meio de meus cinco sentidos, cada qual mais disponível para aquele encontro.

Os fragmentos escolhidos, assim como aponta Pollak (1989) tem como peculiaridade o fato de estar em competição com outras memórias concorrentes ou ainda conflitantes. Aparentemente, o relato de sofrimento necessitava encontrar um espaço de escuta, posto que a memória evocada por aqueles que vivenciaram guerras e/ou grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. É percebida como uma constante a interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido, constituindo, como diriam Streck e Frison (1999), um lócus privilegiado de construção da identidade.

A história de Marie, narrada na terceira pessoa, remete a um conteúdo escrito por meio de minhas percepções e inquietações, onde lembranças e esquecimentos denotam valores e construções, os quais não são necessariamente os pontos marcantes para aquela que os vivenciou (Marie). É no encontro entre as protagonistas da narrativa que o significado da história foi se conformando. Entre silêncios e frases inacabadas foi se configurando o processo presente, a invenção de si no encontro com o outro. Neste encontro a memória se forjara a partir de quadros de referência, e na escrita do diário, essas referências se encontraram ainda impregnadas na memória de quem a evocara, no caso eu, na pele da pesquisadora.

A narrativa, assim como as histórias vivenciadas, nem sempre pareceram ser coerentes com os fatos de uma vida cotidiana. Contudo, os paradoxos não se mostraram estratégias de oposição, mas elementos constitutivos da própria humanidade. Na narrativa de Marie, acompanhei entre tantas outras misérias humanas a interrogação de quem relata não ter nenhuma razão para viver, e obter na dança um apaziguamento do vivido. Relato aparentemente incongruente e paradoxal, uma vez expressos em contexto de violência extrema, mas evidenciara ali a humanidade idiossincrática a florada em distintas perspectivas plena de um desejo de nascimento.

Ao reinventar as dificuldades oriundas de frações de memórias doloridas, Marie buscara um Outro que a auxiliasse na reconstrução de um processo de lembrança inserido em uma dinâmica terapêutica, na tentativa de que a elaboração de um processo de dor, não fosse passível de romper a possibilidade de desejo de vida, evitando o desgaste de rememorar o passado sem elaborá-lo. Em busca de uma releitura, Marie, entre tantas outras deslocadas internas, demandava auxílio para assimilar as dores embutidas em uma memória atual.

Marie, assim como grande parte daquelas congoleesas, tinha múltiplas razões para não se sentir nem à vontade, nem em casa no mundo, contudo escavava sentidos para a vida que portava junto dela. Buscava decantar conteúdos de uma memória presente que se emaranhava em vivências do passado, bem como a histórias que insistiam em se fixar no agora. Nesta mescla entre memória e narrativas orais, os direitos humanos (ou a falta deles) assombrara a mim, talvez mais do que à Marie que sempre vivera num mundo inconsistente de direitos humanos.

Se memória, como nos lembra Antonio Viñao (1999), não é um espelho, mas um filtro, o que deriva deste filtro nunca é a realidade mesma, mas uma realidade recriada, fazendo com que possivelmente no meu filtro, a tristeza para Marie se constituísse no significado mais sólido que ali poderia haver. E embora a memória se apresente enquanto um dos direitos humanos universais, o acesso a ela não se engendrara de forma elementar uma vez que portava consigo o acesso a um passado ainda em carne viva, evidenciando a miséria humana.

5.3 A miséria humana

A rede de interlocuções obtusas e enigmáticas, que é também o lugar da memória, acessara em meio à leitura das minhas narrativas acerca de Marie outras narrativas de dor e violência, acessando a biografia de Maaka. A jovem Maaka se configura como uma, entre as três, protagonistas da vida com a qual me deparei na leitura do livro *Le chardon tchetchene: sous Le rouleau compresseur Russe*³⁰ de Laurence Binet (2003). A obra exprime sob a perspectiva de uma mulher adolescente e uma mulher mãe, além do soldado Pavel, a história da miséria humana que se repete enquanto assola os atores que se encontram em contextos de guerra.

A decadência humana que transversaliza as três verídicas narrativas, se passa entre 1994 e 2002, trazendo à tona o conflito que assolara a população tchetchena, acarretando no extermínio de centenas de civis e militares durante o período em que o exército Russo se instalou em território tchetcheno, dizimando e ferindo a perspectiva de futuro daqueles que se encontravam neste contexto sócio-histórico recente.

³⁰ Livre tradução minha: “O fardo tchetcheno: sobre o rolo compressor Russo”.

Escrito na primeira pessoa por se tratar do diário de uma adolescente, Maaka e da troca de cartas entre o soldado Pavel e sua mãe Olga, traz sob o olhar destes três narradores principais a história da tentativa de resistência da população à ocupação russa, lembrando a todo o instante que a narrativa desses protagonistas contempla a voz de milhares de pessoas que vivenciam a insanidade de uma guerra.

É possível acompanhar através da escrita as inflamadas justificativas dirigidas à população e aos soldados para que estes atos cruéis e perversos sejam acatados e legitimados. Justificando uma luta contra o terrorismo, o exército russo investe em uma operação de destruição dessa população, enquanto a comunidade internacional ignora o massacre e o ferimento aos direitos humanos, fazendo com que jovens soldados se permitissem exterminar vidas em nome da “paz”.

Na primeira parte da obra, intitulada *La survie selon Maaka*³¹, uma jovem adolescente de 17 anos, relata seus últimos nove anos em uma Tchetchênia assombrada e ferida por uma guerra mortal. Sob a perspectiva de Maaka é possível se entranhar na história e perceber junto ao ato de narrar às inquietudes, riscos e medos experienciados por uma mulher adolescente em um contexto privado de escrúpulos. A violência sexual, a fome, o frio, a humilhação, a falta de cuidados, a falta de perspectiva e a miséria, são alguns dos pontos de angústia e dor convergentes com a realidade de Marie e milhares de outras protagonistas que a narradora nos apresenta ao discorrer em seu diário sobre os acontecimentos rotineiros que sente em sua pele a cada novo amanhecer.

Maaka descreve ainda as relações e os intercursos que se estabelecem entre os sobreviventes da guerra, as instituições internacionais de ajuda humanitária e as dificuldades que se estabelecem perante as tentativas de solicitar refúgio em um país europeu. Deixando evidente a morosidade imperativa entre as resoluções de paz e a ajuda a quem tem a biografia exposta às intempéries de uma luta travada por sistemas áridos.

A autora tece reflexões densas acerca da percepção de cuidado e abandono, através de passagens vivenciadas entre ela e a mãe, durante o inverno, onde ambas alternavam a única vestimenta de inverno para ir à escola ou para realizar os afazeres da casa. Enquanto uma se propunha a realizar as atividades domésticas, a outra permanecia dentro da tenda compartilhada com outras famílias na cama, para se proteger do frio. Maaka relata ainda, aproximando-se da miséria de Marie, fortes cenas de massacre, aonde os membros de sua família aos poucos vão sendo mortos pelas forças armadas vigentes no país. Um dos pontos de reflexão desta se coloca no questionamento acerca da incoerência que se estabelece entre a dificuldade em solicitar o

³¹ Livre tradução da autora: “*Sobrevivência segundo Maaka*”

pedido de refúgio a um país europeu, que ostenta como lema a liberdade, a igualdade, e a fraternidade. Tal indagação me provoca a pensar a qual modalidade de humanos o lema se aplica que não a um ser humano universal.

A jovem mulher Maaka tchetchena assim como a mulher congoleza Marie me imprimiram uma ferida de futuro e uma questão permanecera a me assombrar ao final de sua história que apesar de escrita na primeira pessoa, ressona na invenção humana de mulheres que hoje vivem em zonas de conflito armado ou guerra. Maaka e Marie junto a milhares de seres tão humanos quanto elas impregnam de reflexões a pergunta que me faço: *Estamos doentes da guerra. Será que esta doença tem cura?*

Enquanto acompanhava as narrativas de Maaka, já no momento da elaboração desta dissertação, mulheres meninas, mães, refugiadas e deslocadas internas iam se alternando no arcabouço de minhas evocações, me oportunizando refletir entre tantas interrogações, qual lugar ocupara o eu-psicóloga no cerne de uma organização humanitária internacional na garantia dos direitos humanos dessas Maries e Maakas. Teria eu feito o suficiente para que se sentissem humanas? Teria eu sido capaz de acessar suas inconcretudes? Como não permitir que meus humanos medos se voltassem contra a garantia de direitos humanos destas mulheres?

5.4 Humanos medos

As indagações que povoaram meu presente se evidenciaram em partes de minhas narrativas descritas no diário pessoal do dia 26 de agosto de 2009, quando, em missão pela primeira vez na República Democrática do Congo (RDC), utilizei os registros escritos como forma de encontrar acolhimento para medos humanos que assim como acompanharam Maaka e Marie, também me faziam companhia diuturnamente naquela área de conflito:

20h30

Medo. Hoje falaram na comunidade que encontraram dois LRA³²s na comunidade de Zande, em uma distância de menos de 30 minutos de caminhada da nossa base. Falaram ainda que estarão em Niangara ainda esta noite. Já são quase 21h, muito tarde para um lugar onde o sol se põe às 17h, a luz elétrica é inexistente e o lazer quase não é possível. Trabalhamos duro, eu estou muito cansada, mas tenho medo de dormir. Sempre tive um sono fácil e profundo, mas tenho medo de dormir e sermos atacados nesta noite. Já organizamos a sala de segurança para ir, já temos a caixa de alimentos para sobrevivência prolongada até virem nos buscar... Mas nada disso me acalma.

Tenho medo de dormir um sono mais profundo e não conseguir escapar a tempo. Sou a única mulher de uma equipe de 14 homens. Somos 2 brancos em uma comunidade de 100% da população negra, sei que se eles entrarem aqui, será muito fácil ser vista, sei ainda de como

³² Lord's Resistance Army (LRA), traduzido livremente por: Exército de Resistência do Senhor. Atua principalmente no norte de Uganda, mas também em partes do Sudão, República Centro Africana e na República Democrática do Congo. Tem perpetrado graves violações aos direitos humanos.

acontecem os estupros coletivos e isso é o que mais me faz temer estar aqui. Morrer? Não, definitivamente, não tenho medo da morte, tenho medo da dor e de ter uma vida vazia de sentido. Acho que de sentido, estou plena, mas dor e sofrimento ainda temo. Sou humana, demasiadamente humana, doloridamente humana. Posso escutar cada ruído de folha de árvore do lado de fora do meu quarto que mede 3m X 2m. Escuto qualquer coisa, incluindo os moradores do forro, tem um forro onde dormem ratos e morcegos, uma janela fechada com um pedaço de madeira e uma porta sem fechadura e eu sinto medo.

23h

Sigo escutando tudo, até mesmo o que não se escuta. Sinto minha respiração ofegante, escrevo sob a luz da lanterna de cabeça. Quando escuto algo do lado de fora, apago a lanterna, porque tenho receio que percebam que estou aqui. Esta noite, durmo vestida com a camiseta MSF e calça comprida com bolsos para portar meus documentos. Deixei ainda uma pequena mochila com um kit básico do que necessito para sair às pressas, tenho a sensação de que a qualquer momento terei de sair correndo. Fico repassando as histórias das pessoas que contam que os ataques às comunidades são geralmente as 04h da manhã, o pior horário para sair às pressas, pois ainda estamos sonolentos e sem o funcionamento integral das funções do corpo. Não posso ser lenta, preciso saber me proteger.

01h

Continuo com medo. (Diário pessoal, RDC, 26 de agosto de 2009)

Os medos que me atravessavam como ser humano, a todo instante precisavam ser reconhecidos, codificados e analisados para que não fossem paralisadores. A consciência do estado de alerta perene em que me encontrava talvez se prestasse a empoderar a sensação de que eu os dominava sem, contudo, deter-me da tarefa a qual me propunha: ofertar cuidados a deslocadas e deslocados internas (os) naquela região. Todavia, o estado de tensão permanente evocava demandas intercorrentes de um cuidado bidirecionado – a mim e ao outro o qual eu me propunha a cuidar. As intensas sensações eram discriminadas e estratificadas, na insana tarefa de registrar e codificar estruturas abstratas provenientes de sentimentos humanos de quem se encontra em situação limite, tornando exponencial o desejo de organizar e reconfigurar a noção de identidade.

Na sequência do ato físico de partir daquele território é possível acompanhar na narrativa registrada no dia 28 de agosto de 2009 a consciência sobre a própria dor e ao mesmo tempo o reconhecimento do Eu pelo olhar do Outro:

(06h da manhã de um dia indigesto)

13h

Hoje, de volta à vida urbana na África, depois de dias na selva, voltei com a alma toda machucada.

Um sorriso, duas lágrimas, três memórias e um número incontável de histórias pra elaborar! Assim como as pessoas que foram perdendo seus parentes pela floresta e não tinham tempo de

enterrar seus mortos e elaborar seus lutos, eu também preciso de ajuda e tempo para elaborar isto tudo que vivenciei.

Preciso de ajuda pra ir enterrando cada um destes corpos mortos que foram me ofertando ao longo destas histórias e pra ir desenterrando da minha memória cada uma destas histórias de perseverança, fé, cuidado e sobrevivência que foram me mostrando.

Eu sigo como quem sai da tela de um cinema e cai na sala de projeção. Ainda preciso de tempo pra entender tudo isto que vivenciei, talvez nunca consiga digerir tudo, assim como eles, guardarei algumas cicatrizes que nunca conseguirei curar, mas trago junto a sensação boa de estar presente com gente da gente no momento em que mais se precisava de uma companhia, e esta sensação, não estou certa de que alguém pode entender, mas em mim, de forma bem orgânica, é possível sorver toda esta plenitude.

15h de uma tarde sofrida de cicatrização

Não paro de escrever... Não tenho vontade de falar com ninguém, meus olhos se turvam a cada nova questão que me fazem sobre o terreno de Niangara. Esta manhã me pediram que eu fizesse uma palestra para todos os membros de MSF aqui em Kinshasa-RDC. Percebi que enquanto eu falava rapidamente e quase sem respirar, meus olhos se umedeciam, e no salão a céu aberto, sentados em forma de círculo, todos aqueles olhos negros, também mudavam de cor. Assim como eu, as pessoas pareciam não conseguir respirar.

Eu usei muitas vezes a expressão 'desespero', acho que eu trouxe muitos desesperos comigo, e ainda não sei o que fazer com todos eles. Penso, re-penso, ainda não sei o que fazer com isso tudo, preciso gritar, mas não consigo. As pessoas de Niangara seguem correndo e gritando dentro de mim. Elas querem fugir cada vez mais pra dentro de mim, mas eu preciso ajudá-las a sair, uma por uma, cada uma a seu tempo.

Volto hoje de um tempo onde a dor, a tortura, a violência, e a morte são companheiras de um povo que se chama Marie, Kabila, Gadra, Helene, Remon, Sulemane... como fazer com que elas estejam em paz?

22h de uma inquietude sem tamanho

Estou com a memória repleta de histórias de mulheres como qualquer uma de nós que um dia saiu de sua casa e teve amputado seu direito de estar com a sua família... estou plena destes seres humanos que tiveram seu acesso à liberdade negado, gente que ficou 3, 4, 5 meses, anos sequestrada dentro da selva Congolesa. Gente que esteve escrava, gente que perdeu seu direito de estar gente! (Diário Pessoal, agosto de 2009)

Durante a análise de uma sequência temporal extensa - a qual se inicia às 6h e se encerra às 22h de um mesmo dia - proponho-me a um deslocamento forjado de minhas próprias histórias, e tento acompanhar parte de minhas narrativas não como um terceiro, mas consciente da minha falta de neutralidade enquanto humana e ainda assim, procurando seguir fiel não a uma “verdade absoluta”, mas a uma construção retificada de um presente repleto de memórias a serem elaboradas.

Entendendo aqui a relevância da escrita como ato organizador e ao mesmo tempo ferramenta na constituição de mim enquanto humana-mulher, a escrita servira ainda enquanto instrumento de acesso à invenção, possibilitando reedificar-me enquanto sujeito através da ação de narrar.

Ainda por meio do registro escrito, me senti capaz de acessar-me por meio da leitura e estratificar-me de outra forma, posto que no intervalo de tempo entre a escrita e a leitura, construí *novos hojes* e distintas formas de me significar, incorporando entre tantas outras consignas a capacidade de me perceber permeada pela necessidade de acessar e incorporar no ato do cuidado os direitos humanos.

5.5 Humanos Direitos

Na diligência pela formulação de novos questionamentos, recorro a Donnely (1984) e sua conceituação de direitos humanos, onde encontro a afirmação de que Direitos Humanos são os direitos atribuídos àqueles que simplesmente nascem humanos e que tem o direito de serem tratados de forma igualitária e inalienável.

Ainda dentro da zona de impacto do conceito de Donnely, me proponho a refletir o pragmatismo proporcionado pela legislação à Maries e Maakas deste tempo histórico atual, por meio da compreensão do seu percurso histórico.

Para Comparato (2010) a noção de que pessoas e ou coletivos podem ser reduzidos a um conceito ou categoria geral, que a todos engloba, é um conceito recente na história da humanidade. Para o autor, os direitos humanos foram categorizados como um dos valores mais importantes da convivência humana, sem os quais as sociedades caminham para um processo irreversível de desagregação.

A invenção dos direitos humanos dá início à suas primeiras estruturações legais em meados do século XVIII. Na perspectiva global – como conheço hoje – os direitos humanos emergem no século XX, no período posterior à segunda guerra mundial. Passaram-se vinte e cinco séculos até a primeira organização internacional da história, incorporar a quase totalidade das nações, com o intuito de considerar teoricamente todos os seres humanos iguais em dignidade e direito.

Ainda que Donnely (1984, p. 170) nos lembre que “a declaração universal dos direitos humanos de 1948 começa com a assertiva de que o reconhecimento da dignidade inerente e aos direitos inalienáveis e igualitários de todos os membros da família humana é a base da liberdade, justiça e paz no mundo”, fica a interrogação acerca da perspectiva de quais humanos falamos quando nos referimos a tais direitos.

Embora o histórico da universalização dos direitos humanos date do século passado, o pragmatismo dessa legislação é bastante questionado, uma vez que depende do engajamento espontâneo e independente de cada um dos países signatários o respeito a esses. Não obstante que os direitos iguais a todos os seres humanos constem na legislação de base, não se prevê uma estrutura que acompanhe e assegure a manutenção destas leis por meio destes mecanismos internacionais, estando a critério de cada uma dessas nações garantir que os acordos firmados sejam cumpridos, pois, como refere Agnes Heller (1985, p.40), “a vida cotidiana tem sempre uma hierarquia espontânea determinada pela época, pela produção, pela sociedade, pelo posto do indivíduo na sociedade”.

O informe do ano de 2012 da Anistia Internacional ressalta a distância entre a legislação internacional e o respeito aos direitos humanos no cotidiano de *Maries*:

na República Democrática do Congo, forças de segurança do governo e grupos armados cometeram muitas violações de direitos humanos no leste do país.... As investigações sobre casos de estupros em massa cometidos por membros do exército nacional e por grupos armados estavam paralisadas. (Anistia Internacional, 2012, s.p.)

As situações descritas pela Anistia Internacional são prerrogativas de uma vida de Marie e/ou de Maaka, que entre memórias passadas de perversidade e sofrimento, precisam deparar-se com a repetição desse passado na estrutura de vida presente, sem a certeza de que atrocidades e perversidades humanas não assolarão novamente sua breve existência. Na República Democrática do Congo (RDC) de Marie, estima-se que centenas de seres humanos tenham seus direitos diariamente feridos de forma a dificultar a emergência de uma construção digna de cidadania, acarretando em uma expectativa de vida próxima a 48 anos (Anistia Internacional, 2012). Parte das observações publicadas pela Anistia Internacional foram presenciadas e registradas por mim no dia 25 de agosto de 2009:

Todos os dias chegam ao convento ou no hospital grupos de farrapos humanos, desejosos de ser gente. Todos os dias quando acordo, vejo chegando de longe uma fila de gente rasgada, cortada, que sangra na pele e na história. Estas pessoas sabem que prestamos atendimento aos deslocados. É uma gente que chega sem saber ao certo onde está, sem ter idéia de porque tem que fugir, que não sabe o que fazer. Gente que não sabe como comer no dia de hoje, que não sabe onde dormir. (Diário Pessoal, RDC, agosto de 2009)

Ao reler este trecho tenciono a noção de igualdade amplamente difundida na legislação internacional de Direitos Humanos. A multiplicidade de sentidos que pode acometer uma legislação internacional desta magnitude, neste mundo considerado, pela estrutura econômica hegemônica, como globalizado não tem permitido que a noção de igualdade acesse o mundo humano como um todo. Distanciando-se possivelmente cada vez mais da necessidade regional e

comunitária, na medida em que acreditamos que o mundo pactua de um conceito comum de cuidado em direitos humanos.

Nesta linha de pensamento, Marie e Maaka são apenas duas entre milhares de humanas mulheres que não possuem os Direitos Humanos mínimos assegurados pela sociedade. Entre as interrogações impregnadas em mim, me detive a refletir: se o simples fato de sermos humanos nos credencia à igualdade, à previdência social; ao atendimento de saúde, entre outros, direito à moradia; o direito ao trabalho; direitos de proteção, até onde posso auxiliar a assegurar enquanto psicóloga-humanitária os direitos de uma mulher nas condições de Marie? Que direitos são esses perante a vida de uma Marie? Seria à Marie facultado o direito a lutar pela própria existência? Como posso eu proporcionar que a execução das leis e regimentos internacionais faça parte de uma vida de Marie?

Os desconfortos e inquietações aquinhoados por mim enquanto cuidadora na RDC de Marie foram impressos em uma das páginas do diário pessoal:

Durante as semanas em que compartilhei o mesmo território de Marie, acompanhei mais de 100 mulheres que tiveram seus direitos humanos feridos gravemente. Muitas destas Maries foram violentadas sexualmente por dezenas de homens ao mesmo tempo, muitas delas sofreram fístulas que provavelmente as impedirá de manter uma vida em rotina similar à desenvolvida antes das atrocidades. Evacuar, urinar, gestar, funções rotineiras para a maior parte das mulheres do mundo e que no caso destas congolezas, serão funções e sonhos amputados e adulterados. Muitas destas mulheres sofreram abortos e ou gestarão filhos de um agressor, ainda que tenham seus direitos humanos registrados internacionalmente, não encontraram na lei o cerne da sua proteção. (Diário pessoal, RDC, setembro de 2009)

A passagem narrada acima traz à tona a potência do discurso e as aptidões para a metamorfose, capazes de transfigurar a dor em texto, costurando nas entrelinhas a pluralidade de valores e crenças. Os discursos, conforme nos lembra Foucault (1996) são constituídos de palavras, as mesmas que por si só não nos ofertam valores, posto que se faz necessário que humanos lhe atribuam algum valor e poder, uma vez que a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua materialidade.

A narrativa apresentada ostenta significados plurais à memória, não apenas no sentido de reportar-se a um passado, mas sim reatualizando e reconfigurando no presente as vivências passadas, se mostrando enquanto um fator importante para a noção de continuidade e de história de vida seja da autora ou da protagonista desta história, a humana Marie.

Se através das lembranças e das memórias agimos no presente, então a isso esta passagem também se presta: ofertar cuidado através da escrita de si, considerando a polifonia de vozes que habita na singularidade de um eu-humano. Na medida em que narro a minha história busco a agência da escrita, propondo-me uma produção de cuidado a mim mesma e a todas estas mulheres que em mim habitam.

Na narrativa registrada no diário pessoal, sobre as perversidades vividas por Marie, percebem-se as interdições que envolvem o discurso revelando seu adunamento com o desejo e com o poder, ou ainda com a sensação de ausência deste. Conforme nos lembra Foucault (1996) o discurso se engendra como objeto e expressão de desejo. Se nem todas as regiões do discurso são penetráveis, como acessar meu próprio discurso e inventar novas significações, decantando minhas construções identitárias?

Neste trecho, inscreve-se a experiência da vivência numa temporalidade que não foi a de seu acontecimento, mas sim a de sua evocação. Como descrito por Sarlo (2007), a narrativa permite emanar uma temporalidade, que a cada repetição possibilita a sua atualização. E aqui talvez seja uma tentativa de atualizar as configurações pessoais do ser que escreve para que seja capaz de inventar novas formas de viver através (e apesar dos) direitos humanos no convívio cotidiano com a morte, a própria ou a de outrem.



Imagem 6

5.6 Corpos mortos

A morte de uma palavra é o seu esvaziamento de sentido. (Brum, 2013, p.33)

O convívio diário com a morte permitira reflexões profundas e contundentes acerca da própria existência corporal, espiritual e imagética sobre mim mesma. A perspectiva da *escrita de si* acessada através de meus diários pessoais potencializaram o alcance e as ponderações de meus medos e desejos, como na passagem registrada durante o terremoto que acometera a população haitiana no ano de 2010:

28 de janeiro de 2010 de uma noite que vai durar pra sempre

Sem conseguir dormir, vou repassando um pouco das histórias, medos e dores que trouxe comigo do centro de urgência e das ruas de morte. Dentro de mim alguém dizia hoje: “Tem um cheiro muito forte de putrefação, tem muita gente ainda embaixo de escombros, tem poeira... mosca... sangue... um cenário bem forte...” E eu tentando dizer que eu sei, mas que precisamos dormir para um amanhã que pode nascer com menos dor.

Ainda é dia 28, será que viverei neste dia pra sempre?

Tenho medo de dormir, sinto as réplicas do terremoto na água que mexe no copo que fica ao lado da minha cama. Medo. Amanhã cedinho parto de helicóptero com mais dois pacientes que serão operados fora do país...é inimaginável...tudo isso parece cenas de um filme de suspense e terror...muitas pessoas amputadas que irão morrer de infecção nos próximos dias, muito humano com sequelas...as pessoas estão se decompondo em vida. A putrefação chegando com a dor do hoje.

Reencontrar o sentimento de morte iminente o qual trespassa narrativas produzidas em um tempo cronológico díspar ao da leitura fora uma constante durante a costura desta dissertação. Fui assolada por um terremoto de questões que por vezes edificadas e outras tantas já em forma de escombros povoaram o imaginário dos contornos desta escrita. Pinço entre tantas interrogações, uma destas que me atravessa de forma visceral: *Que motivação sustenta minhas ações quando priorizo o cuidado ao desconhecido em contexto de desastres? Ir de encontro a minha própria morte?* Ainda sob a intensidade da vivência, arrisquei contestar indagações desta magnitude com resposta contundente: *“Não, definitivamente, não tenho medo da morte, tenho medo da dor e de ter uma vida vazia de sentido. Acho que de sentido, estou plena, mas dor e sofrimento ainda temo”* (RDC, *Diário Pessoal*, agosto de 2009).

Peço auxílio a Clarice Nunes (2002/2003) para alcançar parte da história daquela que penso até aqui vencer: a morte. Para Nunes, a morte não precisava ser vencida até a primeira metade do século XIX, visto que se acreditava ser de convívio doméstico, havendo entre os coabitantes daquele contexto histórico, uma relação íntima entre a morte e a biografia de cada um.

É de Nunes (2002/2003, p. 3) ainda a afirmação:

da segunda metade do século XIX aos nossos dias, o homem foi, no entanto, abandonando a submissão à morte e esta deixou de ser vivida num culto público. A morte foi recusada, decomposta em fases que criaram uma tênue linha que se desenha, não se sabe como, entre a perda da consciência e a interrupção da respiração... Essa mudança da sensibilidade em relação à morte se fez acompanhar da escrita da história e dos trabalhos da memória enquanto exercício sistemático que nos refaz das perdas, que permite realizar, mesmo parcialmente, o nosso desejo de vencer não propriamente a morte, mas o esquecimento.

Seria este o pilar que estrutura meu fazer em desastres? No decurso do meu ato de constituir-me enquanto escrevo, possibilitei-me um acesso reconfigurado de experiências singulares, agreguei poesia e devires onde outrora havia apenas frações de morte. Nesta mescla de memória e reinvenção, fora possível visitar espaços compostos de outras nuances de dor, como na passagem do relato de uma narrativa escrita por mim meses após o retorno de uma missão na RDC:

Choro intermitente na primavera de 2012. Pessoas negras isoladas se esvaíam em sangue vivo, mulheres idosas se jogando no chão a cada nova mensagem de que outra delas havia falecido no

hospital. Como um mantra às avessas, desses que não nos deixam repousar, minha memória retornava com as imagens do que fora vivido nos meses anteriores. (Diário Pessoal, julho de 2012)

Por que, e de que forma, seriam minhas ações norteadas por esta pulsão que ao tempo que se faz vida, se configura também em morte? Concedo a Pierre Nora (1993) o direito de apontar os lugares ocupados pela memória. Para o autor, são aqueles que nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea. Nunes (2002/2003, p. 6) por sua vez informa que:

Quando recordamos estamos confeccionando representações de nós próprios para nós mesmos e os que nos rodeiam. Acabamos sendo o que lembramos e se pudéssemos estudar os modos pelos quais nos lembramos, os modos pelos quais ordenamos e estruturamos nossas idéias, os modos como transmitimos nossas memórias descobriríamos que existe uma história dessas maneiras de proceder, apreenderíamos as memórias no movimento da história.

Nesta vigorosa confecção de representação de um eu-sujeito, passei a elaborar texto não apenas para mim, mas para as pessoas com as quais tecia relações sócio-afetivas, quem sabe na tentativa de ressonar um acolhimento que eu não sentira ser capaz de autoproduzir naquele espaço-tempo. Entre centenas de atores feridos e cuidadores parecia não haver tempo para trocas verbais, e talvez a este papel a escrita de e-mails e posts virtuais servira para produzir a sensação de estar acompanhada. O e-mail enviado para pessoas próximas no dia 19 de janeiro de 2010, 9 dias após o marco zero do terremoto que assolara o país da América Central, talvez tenha se proposto a este tipo de cuidado:

Esta madrugada cheguei a República Dominicana para o repatriamento da equipe que estava no Haiti durante o terremoto e que precisa de cuidado... Amanhã eles serão repatriados e eu voltarei a Port au Prince...vocês não imaginam o que é sentir o cheiro da morte, com todos os significados que isso possa ter...o chão ainda treme...nada pode ser assegurado, nem seguro, nem mesmo a terra em que pisamos...tem pedaços de carne humana e restos de tudo o que um dia possibilitava a vida...uma sensação inexplicável de vivenciar tudo isto de corpo presente. (D. S. Noal, comunicação pessoal, 19 de janeiro de 2010)

Na sequência desta narrativa, retomo o fio deixado por Nunes (2002/2003), por acreditar que é possível em um refluxo de memória repassar histórias vividas em outros tempos, fabricadas para a conjuntura de tempo presente. O ato de rememorar confere outra estrutura temporal fazendo com que o passado seja impresso no presente, ofertando ainda outros significados e sentidos a um passado vivo no tempo do agora. Em outro trecho do diário escrito logo nos primeiros dias após a chegada ao Brasil, candidatei-me a elaborar narrativas editando as primeiras:

Voltei pra casa, depois de 30 dias na epidemia de Ebola do Congo. Tô com aquele cansaço no corpo de quem passou a noite em claro em um velório de 30 noites. Triste, muitas mortes. A vida se esvaindo sem dignidade. As febres hemorrágicas jogam na nossa cara a mesma matéria que nos faz viver. Sangue. Era tanta vida saindo de cena e partindo que enquanto eu acordava as 05h da manha, seguia escrevendo na minha agenda de atividades diárias a palavra funeral. E eu, um ser humano destes qualquer, uma Mundele, uma Muzungo (branca/estrangeira nas línguas Lingala e Suaíli) que nunca havia dividido os planos de vida com aquelas pessoas agora era a responsável por dividir com os parentes os planos para o ultimo ato. O rito de passagem funeral, velório, enterro. (Diário Pessoal, outubro de 2012)

No regresso ao Brasil, precedido por uma sequência de funerais na República Democrática do Congo, percebi que havia borrado as linhas da capacidade de apropriação de signos, agências e construções ancestrais daquela cultura, sentia necessidade de sorver palavras e silêncios, era preciso avançar rumo a um passado presente e debulhar significados, era preciso, como escrevera Brum (2013, p.16), encontrar a vida que ali havia, posto que “não se fala da morte por causa da morte, mas por causa da vida”, e era em busca da vida que eu me propunha a retomar as narrativas de morte.

Busquei na ancestralidade daquela memória respostas para as muitas questões que eu viria a elaborar sobre morte e vida naquele contexto. Nesta ânsia por fragmentos de certeza, escavei histórias recentes de dominação e mortes na RDC, as quais passaram a ser registradas por brancos em meados de 1914, quando 90% das terras africanas já se encontravam sob o domínio de grandes potências européias (Charles & Sá, 2011).

Por sua vez, a história contada pelos conterrâneos de Marie em meio as nossas trocas cotidianas apontava para o fato de que a partilha daquelas que já possuíam proprietários, não respeitara princípios, direitos e dignidades das características étnicas e culturais de cada povo. No fim do século XIX muitos países europeus acentuaram a espoliação às riquezas presentes no continente africano.

O horror gerado neste período marcou de distintas formas o imaginário e as significações projetadas em narrativas de vida. Entre as populações-alvo da espoliação, produziram-se muitos discursos e significações, os zumbis e as bruxarias foram incorporados à tentativa de dar conta das significações atribuídas ao período colonial, impregnando de uma construção mágica um dos momentos mais perversos da historia humana.

5.7 Diabos, bruxas e Zumbis

Ao repassar histórias do período colonial africano, registradas em livros oficiais, aproximei-me das escutas que produzi durante a missão realizada na região da floresta na Guiné Equatorial. No início do ano 2009, ao perceber que as crianças, muitas delas ao verem pela primeira vez um humano branco, “saíam aterrorizadas correndo e gritando: Diabo branco, Diabo

branco” (Diário Pessoal, Guiné Equatorial, maio de 2009), questionei-me sobre o quão efetivo seria minha oferta de cuidado em saúde mental naquele território, posto que esta era marcada pelo horror histórico perpetrado por meus antecessores de cor.

Naquele momento causara-me um grande estranhamento entender que as crianças e mesmo alguns adultos desesperavam-se ao verem a mim ou outro de meus colegas descorados. Passado o susto (bi-direcionado) inicial, entendi que esta era apenas mais uma das reações provenientes do massacre nada folclórico perpetrado por meus predecessores brancos e que eu, figurava ainda hoje entre as bruxas, diabos e zumbis da história atual. Seria eu capaz de auxiliar a estabilização emocional dentro daquela conjuntura? Até onde a bruxaria que envolvia minha pele aterrorizava o presente de cuidado?

Por ser marcada por construções díspares, a palavra *bruxaria* apresenta construtos e significações múltiplas nas diferentes partes do território africano, sendo percebida de forma distinta no decorrer da história humana. Neste sentido, não tenho a pretensão de entender a bruxaria, apenas como uma resposta às condições adversas, ou ainda como se a racionalidade do chamado mágico ou sobrenatural fosse o lugar da soberania cultural frente à dominação estrangeira.

Contudo, muitas dessas narrativas retratam o quanto os habitantes de Niangara, na RDC e da região da Floresta na Guiné Equatorial, originários do continente africano foram capturados por meio do medo intenso de dominação excessiva. Em poucos lugares estes significados são mais evidentes do que na África do Sul e na África Central. Na África Central e Ocidental esta noção faz emergir lembranças assustadoras do comércio de escravos no Atlântico. Na África do Sul este horror ressoa das experiências de trabalhadores migrantes que deixam suas famílias no meio rural a fim de melhorar suas condições de vida nos centros de mineração e da indústria (Niehaus, 2005).

Atrelados a uma construção histórica coletiva de longa data, a bruxaria fornece explicações a respeito dos porquês, tentando talvez tornar “palatáveis” as razões daqueles acontecimentos cruéis, numa tentativa de explicar como *coisas ruins acontecem a pessoas boas*, em uma difícil tentativa de tornar assimilável a perversidade humana e os muitos infortúnios, seja doença ou perda de riqueza, a má vontade ou ciúme (Comaroff & Comaroff, 2009).

No espaço de tempo em que dividi o território com estes humanos, as bruxarias serviram também à construção de significados e explicações para os infortúnios e sofrimentos da estratégia cotidiana do viver (Comaroff & Comaroff, 2009). Ainda que fora do eixo África do Sul - África Central, humanos relatos verbalizados a mim por pessoas atendidas em países assolados pela espoliação advinda do período colonial como Guiné e Haiti, ilustram parte dessa reflexão:

Visitei ainda algumas mulheres consideradas sábias pela própria comunidade, as quais me contaram que quando uma criança nasce em noite de eclipse, certamente será desnutrida, porque carrega consigo uma maldição. Disseram-me ainda que por vezes, os feitiços das famílias ou da vizinhança assolam uma família, e então, que um deles certamente padecerá de adoecimentos, incluindo a desnutrição. Contaram-me ainda que quando um homem (muito provavelmente o marido) tem relações sexuais com a mulher durante o período gestacional, a criança pode padecer de desnutrição... Entre outros muitos significados do estar desnutrido. Estas informações são importantes para entendermos o que faz com que muitas famílias “guardem” seus desnutridos dentro de casa, para que a comunidade não identifique estes possíveis “pecados” e feitiços. (Diário Pessoal, Guiné Equatorial, maio de 2009)

Atendemos ainda crianças com déficit de aprendizagem que segundo os pais estão enfeitiçados por magia/vodu, que segundo consta nos relatos, é magia feita provavelmente por algum vizinho que se desagrada da convivência, ou algo do tipo. (Diário pessoal, Haiti, dezembro de 2008)

Ao retomar estes trechos entendo parte desta construção histórica. No século XX, o mundo presenciou de forma concomitante à espoliação, outra forma de entrada: a ajuda humanitária internacional. Ainda que a entrada desta tenha ocorrido há quase um século, pouco se questiona se esta entrada se constitui enquanto uma ajuda efetiva, paliativa ou ainda danosa àqueles que deveriam ser o alvo de sua existência. Neste sentido, as respostas ou suposições talvez não se encontrem somente no contexto em si, tampouco apenas nos sujeitos, mas sim na interação entre eles e o evento que os mobiliza.

De um lado, percebo a iniquidade e a miserabilidade em suas diferentes facetas como condição perene de uma sucessão de gerações; de outro, me deparo com a sequência de gerações que entre espólios e ofertas humanitárias saqueiam parte dos bens econômicos e em troca ofertam *western*³³ apoio a “males da alma”, nem sempre considerados por ambos os lados como demanda pertinente. Estaria eu, como branca humanitária auxiliando nesta consolidação do estado demandador de ajuda perene, ou seria eu capaz de proporcionar um cuidado coerente à necessidade, ainda que por vezes utilizando-me de “westerns moldes”?

Entremeada por questionamentos desta natureza, escrevi em meu diário pessoal:

Me questionei ainda, o que fazer para que estas pessoas fossem autores das próprias políticas e que não venham a depender de outros humanos para sobreviver. Será que estamos fazendo realmente uma cidade melhor? Por que não perguntamos a eles o que querem e como nós, os brancos, podemos contribuir na construção desta cidade? Não duvido que nosso trabalho seja realmente importante, mas acredito que ainda há muito para ser substituído, trocado, repensado. (Diário Pessoal, Haiti, novembro 2008)

Mas não será isto a humanitária: seres humanos? Se somos todos humanos, branco ou preto, expat ou staff nacional, não teremos todos nós nossos pré-conceitos e dores? Como fazer com que esta parte do humano se descole de mim? (Diário Pessoal, Haiti, novembro de 2008)

³³ Utilizo aqui o termo *western* para referir-me a estruturas ocidentais de cuidado e percepção de mundo, geralmente utilizados na Europa e América.

Na busca por entendimento dessas reflexões, encontrei estudos os quais têm apontado para os limites impostos pelo capital social, ou mesmo o dano que as relações sociais podem trazer a grupos vulneráveis - que são alvo de projetos de desenvolvimento. Uma perspectiva romantizada de relações comunitárias onde inevitavelmente opõe-se solidariedade a uma rivalidade concernente a conflitos e constrangimentos sociais (Bahre, 2011). Neste sentido, reflito sobre o teor da ajuda humanitária internacional que me propus a ofertar: urgência, emergência, desastre e catástrofe. Seriam estas consigna também marcadas pela mesma concepção desta reflexão crítica? Emergências também deveriam ser analisadas segundo parâmetros similares?

Percebo a construção do cuidado voltado para saúde mental em emergências de uma forma distinta à forma romantizada e rivalizada, já descrita anteriormente por Bahre (2011). Tenho me proposto a estar atenta e crítica a minha própria ação, ainda que minha análise não seja neutra ou idônea. Neste sentido tenho percebido que a ajuda de primeira ordem, ainda em momento agudo, não apenas é importante, mas vital àqueles que desejam sobreviver e encontrar possibilidades de produzir escolhas, tendo em vista que seus pares presentes no território no momento do desastre, ainda que profissionais experientes em trabalhos de emergência não possuem a integralidade de suas funções visto que também podem ser considerados sobreviventes de um confronto com a perspectiva de perda iminente da rede sócio-afetiva ou danos à própria saúde. Nestes termos, penso ser crucial a reflexão acerca da construção cotidiana do *ser psicóloga*.

5.8 A construção cotidiana do ser psicóloga

Quanto ao meu fazer enquanto psicóloga, como o percebo? Sob que parâmetros analiso a estratégia de cuidado operacionalizado em situações tão díspares e abruptas? No trecho abaixo, registrado no dia 18 de novembro de 2008 descrevo parte de uma estratégia de cuidado elaborado para uma cidade arrasada por um furacão:

A aventura nas ruas se faz rotina no caminho para o trabalho. Nós psicólogos trabalhamos em parceria com equipe médica, equipes de distribuição de água, promoção de saúde, equipes de distribuição de comida, ONG's e organizações que identificam pessoas que estão em sofrimento e necessitam de auxílio especializado para re-construir a vida.

Nosso trabalho é realizado nas clínicas móveis (carros tracionados que levam consigo a possibilidade de fazer atendimento em escolas, albergues, campos de refugiados...), ali nós produzimos atendimento clínico de urgência e acompanhamento das pessoas que testemunharam o ciclone, por meio de escuta clínica psicoterapia breve e acompanhamento psicossocial; nas escolas um dos membros da equipe faz a formação para os professores sobre a influência de um ciclone na vida de um ser Humano e que recursos podem ser utilizados na identificação das necessidades psicossociais. Fala-se ainda sobre como cada professor pode potencializar a utilização dos recursos existentes na comunidade.

Nos mercados e feiras livres, fizemos a sensibilização sobre os efeitos do ciclone, stress, ansiedade. Com a ajuda dos líderes comunitários e dos formadores de opinião; no hospital

priorizamos as pessoas que estão em adoecimento oriundas do ciclone e pessoas violentadas sexualmente. Até este momento atendi dez casos de crianças e mulheres violentadas sexualmente pós-início do desastre natural.

Meu trabalho consiste em coordenar uma equipe de quatro psicólogos Haitianos que realizam um trabalho de escuta, atendimento, formação e auxílio na reconstrução dos planos de vida de gente que perdeu família, que perdeu casa, emprego, gente que deseja encontrar de novo uma trilha para continuar caminhando nesta vida cíclica, onde os ciclones se fazem presentes periodicamente. Faço ainda a estratificação de risco na cidade e tento perceber onde podem ser abertas novas frentes de trabalho que contemplem as necessidades da população de Gonaïves.

Passado um longo dia de trabalho em meio ao forte calor úmido, reunimo-nos novamente na base do MSF, onde temos o escritório, a casa onde parte da equipe dorme (eu inclusive) e onde fizemos as reuniões e refeições. Neste momento estamos novamente todos a dividir experiências, com o cansaço nitidamente presente na face de cada um, ao mesmo tempo em que é nítida a sensação de ter cumprido mais uma parte do que nos propusemos: ajudar a fazer um mundo um pouco mais humano. Neste momento do dia chega de mansinho uma sensação de sentir de fato o que é Ser Humano (do lado bom do humano), com todas as sensações e significados que esta palavra pode carregar consigo.

É chegado o momento de dormir, em poucos minutos o gerador que nos fornece a energia para os equipamentos de comunicação, entre outras coisas, será desligado e preciso me apressar para conseguir tomar meu esperado banho de pingos e canecos ainda com a luz da lâmpada. E assim o dia termina, com uma sensação de alma lavada, ainda que o corpo nem tanto. (Diário Pessoal, Gonaïves, novembro de 2008)

A passagem narrada em diário pessoal no ano de 2008 evidencia algumas entre as muitas facetas de um processo de cuidado voltado para a saúde mental em contexto de desastre. O objetivo do profissional de saúde mental dentro desta estrutura de cuidado está em prover suporte a fim de facilitar o processo de enfrentamento singular e/ou coletivo da forma mais próxima possível à cultura e à necessidade daquele (s) ser (es), na tentativa de reforçar o processo de resiliência, bem como os fatores de proteção e enfrentamento individuais e/ou coletivos, a fim de que estes possam elaborar e fazer face à problemática vivenciada (MSF, 2004).

A partir do objetivo do cuidar como psicóloga, produzo-me indagações sobre como escutar a narrativa de uma barbárie, quando a sombra da minha cor violenta o foco do meu cuidado? Sou capaz de me aproximar de uma dor quando não tenho conceitos, valores e construções socioculturais similares? Seria eu capaz de acessar a arte e seus elementos materiais e imateriais daqueles que me proponho a assistir, ou apenas reproduzo os significados que tenho acerca de minhas próprias estruturas?

Seríamos nós, as (os) brancas (os) humanitárias (os), capazes de promover tamanho auxílio? Que agências estariam envolvidas em um simples encontro entre dois humanos? Como interagir em um território de mortos que participam da interação e decisão humana? Como integrar o espírito das coisas ao processo de cuidar? Estaria eu, apta a sentir as forças humanas e/ou sobre-humanas que teriam ou não poder de fazer fluir uma forma? Como extravasar a dialética do quadrado?

Faço uso das consignas de Ricardo Ceccin e Emerson Merhy (2009, p. 537-538) para iniciar meu processo de auto-acolhimento. Para estes autores

o saber não é, de fato, o elemento determinante das práticas, mas seu componente, estando submetido aos processos em ato da clínica que se oferece como acolhimento. O mistério do encontro está nos interesses que a construção, em ato, da atenção põe em cena.

A invenção cotidiana do ser psicóloga aconteceu nesta busca intensa por evitar que meus saberes tecno-científicos, bem como meus humanos medos e divergências servissem de armamento e armadura contra o foco do meu cuidado.

5.9 Humanas Divergências

Entrelaçada a interrogações e suspeitas que me oportunizam refletir sobre o meu fazer enquanto psicóloga em contextos de desastres resgatei uma questão para balizar meus pensamentos sobre o tornar-me psicóloga produtora de cuidado intercultural: *é possível prover cuidado em saúde mental pós-desastres sem uma apropriação etnológica das estruturas sócio-culturais dos sujeitos, focos da ajuda ofertada?*

Em frente às memórias relatadas discorro acerca de compreensão de ser humano e sofrimento que por si poderia transcender as construções etnológicas sobre determinadas culturas e etnias, e que possivelmente “deveriam” ser aprendidas antes da minha chegada aos territórios de cuidado. Reflito neste instante que na medida em que o foco do meu cuidado são seres humanos acometidos por situações abruptas e que em situações desta magnitude, o ser humano reage de forma pouco racional e ou socialmente estruturada, penso não ser imprescindível um conhecimento a priori e pré-determinado para tecnicamente promover este tipo de cuidado.

Na tentativa de perscrutar este tema, reporto o caso do Jovem *Papa Rano* que durante um período de epidemia de Ebola na República Democrática do Congo perdera sua esposa, mãe de seus seis filhos, dentre estes um bebê que ela portava no ventre quando fora acometida por seu adoecimento. Naquela comunidade, espera-se de um homem que perde a sua esposa que pouco sinta e/ou demonstre tristeza e sofrimento e que logo organize um novo casamento, preferencialmente com uma das irmãs da esposa falecida, para que possam criar os filhos dentro da mesma família. Parte destas percepções culturais foram descritas por mim na entrevista intitulada: *Me reinventei a marretadas* publicada na Revista *Época* (2012, s.p.):

É difícil expressar a emoção dentro de um país onde um homem chorar é um sinal de fraqueza, onde um homem dizer que ama uma mulher é um sinal de fragilidade desnecessária, onde esse tipo de manifestação é desvalorizada dentro da cultura.

Se meu olhar de psicóloga estivesse voltado para a construção etno-técnica de forma estrutural imperativa, seria possível que a gestão do cuidado ao qual eu me propunha se organizasse de forma superficial e leviana, na medida em que acreditaria que Papa Rano teria pouca necessidade de ser cuidado de uma forma mais especializada. No entanto, desconhecadora das agências e das políticas que envolviam aquelas comunidades, despendi tempo e investimento afetivo-profissional na observação daquele homem, atentando para não ofertar um cuidado ostensivo, ao tempo que ensaiava apropriar-me das estruturas reacionais que dessem pistas dos eixos estruturantes do cuidado.

O enfoque que busquei ofertar teve como base não o apego a formas de identidades com características comuns às minhas, mas sim o esforço para a compreensão e aceitação do outro como diferença inquietante (Cardoso & Naldiho, 2009, p.39). Neste sentido, por ser "um corpo estranho naquele espaço", creio ter servido de instrumento para que Papa Rano se sentisse confortável em externalizar um sofrimento que "não deveria existir" dentro de sua comunidade. Papa Rano deixara evidente que demonstrar sua tristeza e fraqueza para a comunidade seria ter um lugar de menos valia social, seria um "equivoco", o que poderia acarretar em consequências futuras, como a perda do lugar de respeito comunitário. Naquela intersecção de tempo, penso ter sido para Papa Rano uma possibilidade de "extrapolar" as limitações impostas por sua estrutura sociocultural, mas também por ele mesmo, permitindo acessar minha própria sensação de conforto ao perceber-me instrumento de cuidado.

Posso elucubrar que um conhecimento *a priori* e sistemático de construções etnológicas, poderia fazer com que as formas de cuidado fossem de algum modo, agências pré-definidas, acarretando em uma automatização da produção de cuidado, limitando o contato sensível e efetivo a algo autômato. A não identificação *a priori* das estruturas, reações e agências, possibilitara que o eu-cuidador (agente externo ao meio) acionasse em mim uma ampla gama de condições que permitira estabelecer conexões com as distintas formas de perceber um sofrimento, além de produzir gestão do cuidado individual, uma vez que todo o sofrimento é envolto por estruturas, agências e construções singulares, de certa forma, pouco dependente das construções sociais e grupais.

É possível que o caso de Papa Rano tenha potencializado possibilidades de pensar em novos constructos de invenção de cuidado que podem existir quando a cooperação internacional não é estruturada de forma análoga a intervenção colonial. Esses espaços interculturais, talvez

possam ser apontados como espaços capazes de dar respostas mais abrangentes que a dos espaços monoculturais (sejam estes ocidentais ou não), na invenção do tornar-me psicóloga, o que vem ao encontro da afirmação de Martínez-Hernández e Ceccin (2011, p. 920) de que “somos na medida em que somos cruzamento e abertura de caminhos: encruzilhadas”. Embora dificilmente venham das próprias estruturas organizacionais propostas que incorporem as agências dos sujeitos de cuidado, para além duma ação não universalizante, senti que cabia à mim ir ao encontro da estética do cuidado cotidiano e retomar a invenção de mim no processo cotidiano de ser psicóloga.

Neste sentido, acredito que o cuidado produzido sem um conhecimento técnico-teórico das construções subjetivas, culturais e ancestrais, pôde ser elaborado de forma tácita, singular e única, independente de estudos anteriores, proporcionando um cuidar único, sem amarras e engessamentos. Assim, se um *western* cuidador ao desempenhar ações de cuidado em saúde mental, por exemplo, junto aos Zulus da África do Sul, soubesse e ou acreditasse de antemão que geralmente as situações onde haja manifestação de reprodução ou cessação da vida são percebidas como poluentes em diferentes graus de intensidade, sendo esta medida pela extensão da natureza contagiosa de cada estado de poluição, teria uma conduta diferenciada? Se fluídos corporais, como sêmen ou sangue menstrual, são poluentes e simbolizam morte (Ngubane, 1976), deveríamos alterar as estratégias de cuidado e intervenção em um portador de febres hemorrágicas?

Ao tomar como objeto de análise o exemplo anteriormente citado, tendo a crer que a ajuda humanitária emergencial em saúde mental apropriada de um conhecimento etnológico *a priori*, poderia encurtar as distâncias e os tempos entre uma aproximação precisa e eficaz no acesso ao sofrimento que se expressa num ser humano em caráter singular. Posso ainda pensar que este tipo de conhecimento poderia servir a novas formas de produção de comunicação em saúde para que diminuíssemos a dor oriunda de um imaginário coletivo.

A compreensão teórica-técnica *a priori*, aliada a uma disponibilidade emocional para extravasar a própria capacidade de sentir e de atribuir valores e significados, pôde encurtar distâncias e aproximar pessoas, facilitando o processo do cuidar e a capacidade de fomentar o fortalecimento da resiliência e da saúde mental.

5.10 A biografia dos objetos

A passagem vivenciada na República Democrática do Congo, no ano de 2012, durante a epidemia de Ebola marcou fortemente minha percepção sobre a importância de atentar para a *biografia dos objetos* no ato do cuidado. O caso fora vivenciado junto a Papa Sano – conhecido

na comunidade como sendo: um *homem de Deus* - líder espiritual de uma das maiores comunidades locais; Papa Sano fora acometido pela epidemia de ebola que assolara a região.

Dias depois de ser acometido por este, que é um dos vírus mais letais do mundo contemporâneo, vírus este que havia matado sua filha e esposa algumas semanas antes de sua sorologia ser testada, ao entrar no centro de tratamento Ebola, Papa Sano solicitara uma Bíblia. A equipe médica de especialistas ocidentais, embora muito preocupada em “salvar³⁴” a vida dos pacientes, não atentara para a vida global constituinte deste, atentara-se apenas para o mensurável do humano (Vasconcelos, 2006). Neste sentido, a equipe que se propusera a cuidar de Papa Sano e todos os demais afetados pelo vírus pouco considerara a biografia dos objetos como um ponto significativo no processo de cuidado e de fortalecimento de resiliências, tampouco considerara esta consigna como algo vital para seu estado de saúde. Foram dias de isolamento e demanda intermitente por sua Bíblia.

Em uma de minhas visitas a Papa Sano, ao considerar a percepção tácita, intuí que de alguma forma, o objeto portava mais do que palavras de sabedoria e tranquilidade, de alguma forma portava consigo agências não acessadas por nós, os “Mundeles”. No dia seguinte, proporcionamos uma busca sobre a biografia de seus pertences junto a sua comunidade espiritual, impregnando em mim a necessidade de entender o ser humano através das suas construções pessoais, comunitárias, espirituais e culturais, me dispondo a incorporar em minhas técnicas a leitura do sentimento de pertença a uma família ampliada, tão difícil de assimilar quando se é um *wester-cuidador*³⁵.

Em visita à comunidade, descobrimos que sem nutrir nenhuma esperança de que o líder retornasse, e tendo em vista que muitos membros daquela comunidade haviam contraído a doença e jamais haviam retornado, a comunidade queimara a casa do líder com todos os seus pertences, deixando escapar apenas uma Bíblia que se encontrava em posse de outro membro da comunidade no momento anterior ao adoecimento.

Tal modalidade de “desinfecção” me causara estranhamento e ao mesmo tempo tristeza, ao passo que em minhas considerações, este tipo de procedimento me parecera violento e desagregador. Na concepção da comunidade, no entanto, era talvez a única possibilidade de garantir a vida daqueles que haviam ficado naquele lugar, evidenciando outro prisma do cuidado e mais uma vez a importância de não tecer sentidos que englobassem um juízo de valor sem as significações construídas naquele contexto sócio-histórico por aqueles que ali se encontravam.

³⁴ Utilizo o termo salvar entre aspas, por ser um termo corrente no jargão médico, no entanto não considero o termo *salvar* como legítimo, posto que salvar implicaria uma ampla gama de sentidos e significados para aquele que é agente do salvamento e não apenas passivo de ser salvo.

³⁵ Ao utilizar o termo *wester-cuidador*, refiro-me ao cuidado nos moldes da medicina e psicologia ocidental. Utilizado como modelo de formação na Europa e América.

Passados alguns dias de negociação com as equipes médicas contrárias à entrada de objetos em áreas de isolamento, desencadeamos novas articulações e proposições a respeito de formas de cuidar e sensibilização para aproximação cultural, quando finalmente fora possível entregar o exemplar da Bíblia. Ainda que o prognóstico do pastor fosse muito ruim, entregamos o exemplar, e este foi depositado por seu proprietário embaixo do travesseiro. Dias se alternaram enquanto Papa Sano tomando novamente a frente da sua vida iniciou um processo de enfrentamento pessoal, iniciando rituais espirituais dentro do centro, para desconfiar da equipe médico-técnica que atuava, como lembra Vasconcelos (2006), sob a égide dos princípios newtoniano-cartesiano de percepções do desenvolvimento humano, adoecimento humano e de suas estratégias de cura.

Dez dias depois, Papa Sano recebera o diagnóstico de cura. Papa Sano, uma autoridade geracional, naquele instante certificara-me de que a formação de uma pessoa passa pela conformação de um corpo internalizado e investido. Papa Sano a partir daquele episódio de guerrilha com o vírus Ebola, atestava a sua comunidade uma “santidade” daquele corpo, bem como me evidenciava a influência da política dos objetos que o envolviam e teciam relações consigo e com sua ancestralidade, permitindo estabelecer um outro lugar àquele corpo, bem como novos significados conjugados a vidas ancestrais. A passagem permitira-me ainda visualizar a relação idade *versus* respeito, que se mostraram proporcionais em sua dimensão, na medida em que quanto mais o pastor sobrevivia em ambiente árido, maior era o respeito que este adquirira.

Tais vivências e encontros com estruturas de vida e estratégias culturais díspares da minha, me permitem sugerir que as crenças não carecem de comprovação científica. Ainda que eu acredite em uma medicina ocidental alopática, e ela deixe a desejar em termos de efetividade, o poder da medicina ultrapassa as delimitações da incontestabilidade, um poder que é ofertado pela minha crença. Neste sentido, posso supor que o poder de Papa Sano já existisse independentemente de seu efeito à minha percepção *Mundele*.

Com sua senilidade serena, o pastor apontou para uma estruturação de homem que traz em seu âmago elementos que atestam uma imortalidade daqueles que permanecem vivos depois de seu funeral, demonstrando que a vida segue em dimensões não opostas, mas conjugadas. Parte dessa narrativa mostrara-me a coexistência de uma força vital que entrelaça o mundo e o universo que o engloba, trazendo outra potência para o poder humano e o divino, para além da sua conexão com os antepassados. Um mundo que engloba o mágico-religioso inacessível a mim enquanto “*especialista da psique*” e que foge ao aprendizado conformado em meu percurso acadêmico, sendo, entretanto, conformador da unidade de cuidado em condições socioculturais como as vivenciadas junto à Papa Sano e Papa Rano.

Nos moldes acima analisados, considero que fora possível a produção do cuidado em saúde mental uma vez que fora possível se beneficiar das construções teórico-etnológicas, as quais estão para além das construções acadêmicas, sendo acrescida de um desejo de entrega pessoal do eu-cuidador, bem como da manutenção e do interesse em atentar aos signos, valores, agências, sofrimentos e demonstrações individuais de cuidado específico expressos no encontro entre ser-cuidador e ser-cuidado (os quais se alternaram nestes papéis). Acredito que se eu me baseasse apenas nas construções etno-antropológicas, seria de certa forma uma apropriação do ser humano enquanto receita, o que seria humanamente inviável e fadado a construções pré-concebidas e engessadas.

Outro ponto apalpado por mim nestas passagens referentes a Papa Sano e Papa Rano diz respeito à hierarquia de cor, poder e acesso que pode facilitar e ou impedir que um humano em posição de ser cuidado sinta-se bloqueado ao expressar ou não suas necessidades, sejam elas criadas e/ou vitais. A figura do externo (cor, nacionalidade, língua...) pode bloquear ou potencializar fluxos de acesso a um processo de cuidado, particularmente se levarmos em conta a espiritualidade como uma das estruturas mais potentes de fortalecimento de resiliência. O conhecimento *a priori* de que “westerns brancos” não possuem crenças similares, pode de alguma forma dificultar o acesso às agências e à sensação de ser cuidado. Parte dessas narrativas apontam para a possibilidade e necessidade de prover cuidado híbrido, entrelaçando duas ou mais formas (medicina ocidental alopática, espiritual, comunitária).

Reitero, através de minhas análises, que propor-me a estudar as construções sociais, os construtos ancestrais e a transcendência de uma cultura antes de ingressar num processo de cuidado poderia sim ser considerado enquanto ponto interessante se considerar este como base para entrega singular, sem de forma alguma fechar as possibilidades de construção entre dois ou mais humanos. Seria considerar a expressão verbal como uma forma de solicitar auxílio, mas também um instrumento de luta e reconhecimento singular ao mesmo passo múltiplo. É tomá-la ainda como o lugar da controvérsia, sem desmerecer a dor.

Acredito que, de certa forma, o que legitimara ou auxiliara no processo terapêutico, está para além de bases teórico-conceituais, está de certo modo vinculada à capacidade de significação e incorporação do cheiro humano, do olhar de respeito ao ser-sujeito, a capacidade de investir na crença de outrem ainda que muito dispare da própria. Nestes termos, creio dever-se ainda ao fato de ser capaz de introjetar cada uma das nuances ditas e silenciadas; quem sabe ainda na aproximação dos corpos e no investimento à escuta de vinculação, confiança, na capacidade de portar-se com respeito e desejo de conectar-se com a inconcretude do humano e com as agências

que operam entre estes seres etéreos, mágicos, religiosos, imaginários e concretos, que acima de tudo agem na construção da vida.

Uma base teórico-conceitual alheia às idiosincrasias humanas, e conjunturas que conformam uma humanidade singular, seria nula em termos de produção de cuidado. Na configuração humana e no processo de cuidar, percebi que não fora possível considerar um caminho único, resposta singular ou um único encaminhamento; fora preciso acima de tudo ser, estar e desejar ser humano, real, mágico e etéreo.

Deste modo, questionar-me sobre prestar ajuda humanitária em saúde mental sem uma apropriação etnológica daqueles que são sujeitos da ajuda pode servir de base e estímulo para interessar-me ainda mais pelas construções humanas, mas de forma alguma ser elencada como a única possibilidade de produzir cuidado, em particular se considerar que não são meus conhecimentos técnicos e teóricos que me vinculam a outros seres humanos, mas sim minha capacidade de produzir a sensação de estar e ser cuidada, protegida e respeitada quando em contato com outros humanos.

Ponto por fim o desafio que se constituiu a mim produzir uma estética de cuidado em países onde a maior parte da população negra, se conformara pela miserabilidade humana proporcionada pelos brancos colonizadores europeus, particularmente se penso que minha branquitude traz com ela o reflexo da destruição e da dominação, bem aqui, nas entranhas de tempos fraturados, nessas terras de farrapos e fronteiras.

5.11 Nas entranhas de tempos fraturados

“Meu tema é o instante? Meu tema de vida. Procuo estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos - só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim”. (Clarice Lispector, 1998, p. 3)

Sob o efeito da provocação extraída do livro *Água Viva*, de Lispector (1998), iniciei a decantar meus tempos presentes e dentre tantos outros tempos fraturados e dispersos que segurei em minhas mãos, optei por iniciar com o registro elaborado dias antes do meu aniversário no ano de 2009, ainda na cidade de Porto Príncipe, Haiti:

Nos próximos sete hojes trocarei de indicador de tempo... troco de número de idade... troco de marcador... daqui a sete hojes estarei trocando a pele do tempo... e que venha a tempo de me fazer sentir o vento do mar no calor do asfalto em dia de verão... e que me chame sempre na esquina do relógio pra contemplar o tempo que por vezes quer caminhar, mas corre, que por vezes quer correr, mas voa, que por vezes quer voar e me leva com ele... 23h. Hoje sou o tempo que um dia esperei pra mim. (Diário pessoal, fevereiro de 2009)

Travestida de um eu-sujeito que acreditava ser o próprio tempo, investi em construções acadêmicas que dessem conta dessa estrutura etérea que me constitui. Para tanto, retomei mais uma vez o *eu-autora*. Do escritor de uma narrativa espera-se que informe o recorte de tempo em que esta acontecera, não obstante, esta dissertação trata de fazeres e devires humanos que se propõem antes de tudo refletir sobre a *invenção de si* através dos tempos embutidos no presente.

Naquele instante a interrogação que fizera em mim sua morada indagava sobre qual destes tempos deveria eu estudar, uma vez que o objeto desta dissertação seria o humano e este é por sua vez constituído de tempo, o que remetia ao fato de que *somos passagem, somos movimento sem tréguas, finitude* (Brum, 2013, p. 36). Sendo assim, como acompanhar um movimento tão humano?

Neste ínterim de imprescindibilidades, me peguei buscando o sentido desta demanda e me reencontrei com Barthes (1970, p. 15) ao ler que:

A razão está em que o sentido de uma obra (ou de um texto) não pode fazer-se sozinho; o autor nunca produz mais do que presunções de sentido, formas, por assim dizer, e é o mundo que as preenche. Todos os textos dados aqui são como elos de uma cadeia de sentido, mas essa cadeia é flutuante. Quem poderia fixá-la, dar-lhe um significado seguro? O tempo, talvez: reunir textos antigos num livro novo é querer interrogar o tempo, pedir-lhe que dê sua resposta aos fragmentos que vêm do passado; mas o tempo é duplo, tempo da escritura e tempo da memória, e essa duplicidade chama por sua vez um sentido seguinte: o próprio tempo é uma forma.

Era desta forma que eu almejava saber. Passados estes cinco anos desde o início deste processo de cuidado intercultural, através da escrita de si, só me foi possível acompanhar com delicadeza e acolhimento as muitas metamorfoses sofridas depois de abandonar os diários por um par de meses. Fora necessário um período de afastamento, até o desejo de significação daqueles manuscritos agissem sobre a ação no presente. Muito tempo? Pouco tempo? Seria o tempo cronológico? Biológico? Lógico? Como definir tempo? Puxei pra dentro desta escrita novamente Foucault (1981/2006, p. 262) e optei por ir em direção ao eu, por acreditar que assim, seria possível retornar a mim “como quem volve ao porto ou como um exército que recobra a cidade e a fortaleza que a protege”. Logo ali, na aba do livro *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari (1995), senti-me próxima dos autores ao entender que

Deleuze e Guattari dão mais privilégio ao espaço do que ao tempo, ao mapa do que à árvore. Tudo é coextensivo a tudo. Assim as divisões só podem corresponder a placas, a estrias paralelas, com diferenças de escala, correspondências e articulações dos platôs, datados mas co-presentes.

Aparentemente tão claro, e, no entanto eu padecia vagando dentro de mim. Em busca de outras pistas da minha humana constituição, retomei minhas reflexões a partir do blog pessoal do

consultor para desastres costarricense, Luís Rolando Duran Vargas, que havia postado no ano de 2008 uma triste passagem sobre a ruptura das estruturas sócio-materiais, de uma senhora chamada Rufina, durante um terremoto:

Vi a casa de Rufina, o que restou dela. Apesar de tudo, creio que também me fiz somar em sua vida, em uma longuíssima fração de tempo. Um instante destes que junta histórias, uma causalidade que se congela e resiste a continuar com seu ritmo, a abandonar a facilidade como ele cruza em meio a momentos trágicos ou fúteis, anônimos. Estes instantes que forjam algo, e que temos a certeza de que durara muito tempo, até entendermos o que aconteceu³⁶.

Fui à busca de minhas frações de tempo às quais haviam sido congeladas, no afã de ser capaz de desmembrá-las e torná-las mornas ao meu viver cotidiano. Encontrei-me entre manuscritos, diários e imagens, saí à procura de uma construção humana onde a invenção involucre a narrativa, sai no encaixe da vida que emerge da palavra. Encontrei inúmeras passagens que saturavam a vida de *agoras*. Seria eu capaz de reconhecer-me através dos manuscritos passados? Desejava ser capaz de torná-los presentes de forma remodelada enquanto os acessava em passagens sobre o tempo:

O tempo percorre a vida de um outro jeito, e de um jeito bem difícil de trabalhar. Você não consegue se desconectar do que está acontecendo, nem se desconectar de você. Inclusive dormindo. (Revista Época, 2012, s.p)

Recorri a Streck e Frison (1999) e compreendi que era possível reconhecer-me através das transformações vividas com a passagem do tempo, já que, para os autores, o tempo permite que eu reformule conceitos de mim e dos fatos, tecendo a vida como um processo na medida em que vou sendo chamada a reedificar o próprio presente. Streck e Frison me reconectaram a Alice do país das maravilhas:

Ou aquilo era muito fundo ou ela caía muito devagar, pois a menina tinha muito tempo para olhar ao seu redor e para desejar saber o que iria acontecer a seguir. Primeiro, ela tentou olhar para baixo e compreender para onde estava indo, mas estava escuro demais para ver alguma coisa; então, ela olhou para os lados do poço e percebeu que ele era cheio de prateleiras: aqui e ali ela viu mapas e quadros pendurados em cabides. (Carroll, 1865/2002, p. 3)

Talvez a passagem de Alice pelo túnel da imaginação traduzisse bem a sensação que eu carregava comigo, não a de estar caindo, mas a de que era preciso saber olhar para todos os lados e encontrar-me ali, naquele espaço de tempo. Era preciso respirar e saber sorver o tempo com calma para quem sabe encontrar mapas e quadros que de alguma forma permitissem entender a matéria da qual era constituído aquele tempo.

³⁶ Traduzido livremente do espanhol para o português pela autora.

Gandon (1981) por sua vez me lembrara de que enquanto narro, o tempo se faz substrato central da história, podendo se configurar como velocidade ou ainda enquanto ritmo. O tempo no qual se passaram os eventos parecia adquirir uma qualidade transcendental e uma dimensão simbólica, conformando um dilatado espaço de tempo que se estendia do passado ancestral por um fluir de tempos que se imbricavam ao longo deste dissertar.

Convoquei na sequência Benjamim (1985) para pensar o tempo, onde encontrei uma aproximação da história através de um tempo condensado. O tempo para este se configura enquanto fundamento da história e esta por sua vez pode ser percebida na relação tempo e espaço.

Minha tarefa consistia em estudar esta tecitura que se dá através da ação humana de cartografar a vida enquanto me invento nesta costura de memória, tempo, desejo e devires. Como poderia eu capturar o tempo através das palavras? Neste entretempo recordei da narrativa descrita no livro *O Papalagi*, de Erich Scheurmann (1920/2003, p. 52), onde a verídica personagem principal: Tuiávii, habitante da ilha de Upolu, que integra o arquipélago de Samoa, na aldeia de Tiavéa, narra seu estranhamento em relação ao tempo para o homem Branco Europeu (o Papalagi). Durante visita a este “estranho povo europeu” concluiu:

Acho que o tempo lhe escapa tal qual a cobra na mão molhada, justamente porque a segura com força demais. O Papalagi não espera que o tempo venha até ele, mas sai ao seu alcance, sempre, sempre com as mãos estendidas e não lhe dá descanso, não deixa que o tempo descansa ao Sol. O tempo é quieto, pacato, gosta de descansar, de deitar-se à vontade na esteira. O Papalagi não sabe perceber onde está o tempo, não o entende e é por isto que o maltrata com os seus costumes rudes.

O Eu-Papalagi reconheceu na narrativa de Tuiávii parte daquelas verdades, ao tempo em que possibilitara em mim o inusitado proporcionado pelo olhar do outro. No desencadear de sentidos, rememorei parte de meu dever cotidiano entremeado no trabalho em equipe, enquanto exercitei a dúvida de que fosse capaz de realizar o ideal que tenho de mim no âmago de minha cultura. Narrar enquanto parte do método da cartografia talvez servisse ao exercício de conquista desta tentativa de me proporcionar uma dilatação de minha retina em busca da obtenção de um foco diferenciado.

Como bem lembra a cartógrafa Rolnik (1989, p. 23), cartografar é:

dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhes parecem elementos possíveis para a composição de cartografias que se fazem necessárias.

Devorei cada uma daquelas consignas saboreando o gosto do tempo, ao passo em que me dispus a acolher a irreversibilidade dos acontecimentos. Aliei-me a Heller (1985, p. 3) no entendimento de que o tempo histórico é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais. Todo

acontecimento é irreversível ao mesmo modo, “o que se altera não é o tempo, mas o ritmo de alteração das estruturas sociais”.

Imersa neste recorte de tempo, me interroguei sobre ritmo e ritornelo (Deleuze, 1997b). Como aprender a ler o ritmo das narrativas? Como assegurar-me de que o ritornelo estaria presente em minha escrita? Nesta didática da narrativa viva estive atenta à temporalidade, e ao movimento no entremeio do antes e do depois, na matéria viva que conectava o mundo da escrita a outras estruturas temporais. Fora preciso saber caçar *agoras* e ainda alguns *depois*.

Na caça do tempo presente, me deparei com Tuiávii novamente enquanto percebia que talvez ali se dispusesse um novo equívoco deste eu-pesquisadora. Não deveria eu saber acolher o tempo ao invés de caçá-lo? Para Tuiávii

Pouca gente há na Europa que tenha tempo, de fato; talvez ninguém mesmo. É por isto que quase todos levam a vida correndo com a velocidade de pedras atiradas por alguém. Quase todos andam olhando e balançando com os braços para caminhar o mais depressa possível. Se alguém o faz parar, dizem, mal-humorados: "Não me aborreças, não tenho tempo, vê se aproveitias melhor o teu". Dá a impressão de que aquele que anda depressa vale mais e é mais valente do que aquele que anda devagar. (Scheurmann, 1920/2003, p. 51)

É possível que Tuiávii estivesse certo, e que na ânsia por ganhar tempo eu houvesse perdido parte de minha percepção de mundo. Naqueles moldes talvez escrever devagar também fosse pressa por possibilitar que eu aprofundasse acerca da minha constituição enquanto sujeito. Nesta busca por respeitar o tempo lento da escrita, lancei mão de outra narrativa registrada em meu diário pessoal, iniciada as 19h, do dia 16 de fevereiro de 2009:

Dia forte, pleno de papéis e planos. No mundo das urgências, o tempo sofre de hipotermia, os segundos pedem passagem e rompem a barreira do bom senso, numa luta desenfreada por se fazerem presente... hoje o tempo me faz refém... desejo freá-lo... tenho três semanas de missão e tenho a sensação de sempre ter estado por aqui... Sou deste mundo e ele agora também é meu... somos nós que por hora corremos em direções opostas, mas nunca paralelas... estamos nós em constante contato, por vezes atrito... mas não estamos imunes um ao outro... estamos na mesma missão - 22h. (Diário Pessoal, fevereiro de 2009)

A releitura dos registros que permeiam o mundo de minhas urgências possibilitou-me entender que o dar-se conta do tempo que se perde é também acessar parte do eu-manufaturado, é recapitular o passado e as reminiscências proporcionando a captura da cisão de tempos. O eu passado diverge do eu atual, permitindo a reconstituição deste no tempo presente.

E no tempo da dor, que é a dor do outro, mas também é a sua dor, já que é você que está produzindo um cuidado. E no momento em que você toca na ferida do outro, ela também é sua. Então você sai com uns pedaços de ferida que é difícil cuidar. (Revista Época, 2012)

Atrás de sorver o significado desta dor que é do outro, mas é também a minha, reencontrei Vasconcelos (2006, p. 36) e sua afirmação de que o sentimento de compaixão seria o responsável por “essa identificação com o outro, que o torna não mais um estranho indiferente e, sim, uma pessoa ‘em que eu sofro apesar de meus nervos não estarem cobertos por sua pele’, seria a base da compaixão”. Então como cuidar destes pedaços de um *Outro* que eram tão eu?

Enquanto me indagava sobre como compor meus tempos fraturados para produzir uma dissertação acadêmica que contemplasse as agruras e invenções de minhas humanidades, fiz emergir uma consciência de tempo até então inexpressiva pra mim. Investi nas considerações de Foucault (2006) e rememorei o *cuidado de si* enquanto certa forma de atenção, de olhar. Afinal, para Foucault, *cuidado de si* implicaria que eu convertesse meu olhar, que o conduzisse do exterior, dos outros, do mundo, etc. para mim mesma. O *cuidado de si* implicaria numa certa maneira de estar atento ao que eu pensava e ao que se passava no meu pensamento. Mas como se daria?

Num rompante de segundos, Tuiávii se aconchegou em meus pensamentos com seus estranhamentos sobre o Papalagui que vive em mim. Imersa nestas frações de tempos presentes me deparei com reflexões impressas no diário no dia 05 de agosto de 2010, me encontrando com questionamentos que até aquele momento não pareciam centrais na minha constituição:

Terminando hoje mais uma missão. Duas sensações concomitantes: uma de sabor de vitória e uma de falta de tempo para finir tudo! Às vezes parece que me falta tempo para respirar, tempo para estar em contato... tempo. Queria ter força suficiente para ficar mais tempo aqui, produzir mais sentido... tornar mais e mais desejos em concretas realizações... às vezes acho que faço pouco, mas acho que faço tudo até o limite onde começa a ferir minha estrutura.

Sei que se ficar mais, a qualidade do meu trabalho vai diminuir e vou começar a me acostumar com esta vida. Não quero me acostumar com aquilo que não deve ser rotina para nenhum ser vivo. Me nego a me acostumar com o sofrimento perene, com o medo de dormir a noite, com a falta de sensação de acolhimento, me nego.

Ouçõ muitas pessoas dizendo: você ficou só 1, 2, 4 meses neste lugar? E eu penso; será que esta pessoa imagina o que é passar 24h sem comer, dormir a noite com medo de ser atacado, tomar banho com aranhas e cobras ao seu lado, deitar na cama enquanto uma revoada de morcegos faz vento no seu pensamento? Quantos dias você desejaria viver assim? Quantas mortes você já sentiu na sua vida? E quantas aguentaria sentir? Você já sentiu o cheiro da morte de alguém? E seu próprio cheiro de humano, você já sentiu? Você sente isto? Ainda parece pouco tempo? Um dia infeliz é muito tempo pra mim. (Diário Pessoal, agosto de 2010)

No tempo do questionamento, que fora também o tempo do dar-se conta, fui me percebendo como o Papalagui com minha cobra-tempo prestes a escapar. Fora preciso segurar com força, não minha cobra-tempo, mas o desejo de entender o que acontecia no tempo em que eu não lembrava dele. Era preciso ser estratégica para não desconsiderá-lo e mais uma vez escapar à minha própria compreensão. Revi a escrita, pois talvez ali se repousasse uma certeza ofertada por Foucault: “a ignorância e a descoberta da ignorância da ignorância é que suscitam o

imperativo do cuidado de si” (1981/2006, p.309). Sim, parecia ser possível o *cuidado de si* ou quem sabe ainda ele já estivesse acontecendo.

Segui minha busca por sentidos de tempo e me deparei com análise elaborada por mim no dia 22 de novembro de 2008, ainda sob o impacto da missão na cidade de Gonaïves, nas entranhas do ciclone, onde me encontrava em um tempo inferior a um mês:

13h. O tempo não é lógico, cronológico nem racional... o que ele é, ainda não estou certa, mas já sei o que ele não é. Pelo tanto de coisas que tenho presenciado diariamente, tenho certeza que estou aqui há mais de seis meses. (Diário Pessoal, Haiti, novembro de 2008)

Este fragmento de texto remete-me a uma aproximação da consciência com a percepção do tempo presente na *missão*. O tempo da *missão* aproxima-se ao tempo do sentir, agir, construir, que não pode ser analisado na perspectiva de Chronos, o deus do tempo, mas sim daquele que o introjeta e o extratifica. A ampla gama de ações, cuidados e atividades diárias aproximam-se de um tempo condensado e vivo, oportunizando o acesso a sensações e sentimentos que aproximam do conhecimento de si, deste ocupar-se consigo, conhecer-se (Foucault, 1981/2006), posto que o estado de alerta frequente em relação a si e à conjuntura em que se vive não se constitui em uma constante, visto o tamanho do investimento demandado àquele que ocupa este lugar.

Retorno a Tuiávii enquanto reflito se este pensar no tempo, não seria ainda uma oportunidade de deixá-lo escapar? Para Tuiávii, o questionamento por si já seria uma evidência de que algo em mim encontra-se faltante: “só consigo entender isso pensando que se trata de doença grave. "O Tempo voa!"; "O Tempo corre feito um corcel!"; "Deem um pouco mais de tempo": são as queixas do Branco” (Scheurmann, 1920/2003, p. 50). Sem dar-me por vencida, prefiro acreditar que refletir sobre o tempo é empoderar-me de agoras.



Imagem 7

6. Considerações que deixei para o final

“Para baixo, para baixo, para baixo. Essa queda nunca chegará ao fim?” (Carroll, 1865/2002, p. 3)

Como na história de Carroll (1865/2002), algumas vezes me questionei o que seria o fim neste mergulho acadêmico. Qual a estética de um fechamento em uma análise de processos de subjetivação humana? Pareceu-me uma tarefa complexa para uma andarilha de mundos e palavras.

Nesta despedida textual, ative-me a algumas questões que perpassaram esta pesquisa, particularmente em relação às minhas escolhas durante a escrita, aos conceitos e às análises produzidas nesta trajetória. Procurei ir costurando o descaminho processual onde me propus compreender os sentidos, percepções e sofrimentos atribuídos ao cotidiano do processo de cuidar, vivenciados por mim durante a fase aguda de intervenção em desastres naturais e humanos, a partir da análise dos registros escritos e imagéticos produzidos entre o recorte de tempo 2008 e 2013.

Como balizadores desta análise estiveram presentes os limites e potencialidades de uma dissertação acadêmica. Permaneci cônica do primeiro limite que se impusera a mim: a ausência de neutralidade existente no ato humano de pesquisar, somado ao agravante de ser ao mesmo tempo pesquisadora e sujeito de pesquisa. Por vezes senti necessidade de afastar-me e outras de mimetizar-me com a pesquisa, sem, no entanto ter percebido mais contradições que já não fossem inerentes à subjetivação humana de uma pesquisadora em ato.

Ainda concernente aos limites, logo no princípio me deparei com a dificuldade de subtrair teorias e pesquisas voltadas para o cuidado emergencial em situações de crises e eventos tão específicos como as epidemias de ebola, os conflitos armados e deslocamentos forçados em regiões de difícil acesso, como no caso da floresta congoleza ou guineana. Outra dificuldade que se impusera dera-se pelo fato de que a organização com a qual pude acessar tais etnias e populações fora por vezes a primeira e em outras a única organização a trabalhar em tais eventos fazendo com que não houvesse outros pares de troca em situações análogas neste tempo histórico.

Por se tratar de narrativas e registros pessoais tão específicos, a regiões e etnias em situação de guerra, conflitos armados e epidemias, potencializei os cuidados inerentes a uma escrita que não se pretendesse uma regra, norma ou recomendação genérica do *modus operandis* do trabalho de profissionais do cuidado em saúde mental junto populações em áreas de conflitos e crises. Mas sim vislumbrei produzir registros históricos a partir da perspectiva de um ser humano inquieto e reflexivo, vigorando enquanto um entre tantos outros atores e neste sentido, acredito eu, esta pesquisa cumprira a sua missão.

Nas vielas antropológicas desta dissertação, tentei ser fiel à prerrogativa de não generalização das considerações, reflexões e construções para eventos e situações que não as descritas por mim. Procurei não tecer perspectivas globais a etnias, populações e nacionalidades que tive a oportunidade de conviver ao tempo em que me reconheci enquanto sujeito. No entanto a não generalização destas reflexões, de forma alguma limitara os sentimentos, considerações e pensamentos narrados ao sujeito único que a registrou, mas permitiu produzir reflexões e considerações (Oliveira, 2009) a outros atores que se interessam pela construção de uma ética profissional do cuidado ao humano deste tempo histórico recente e aparentemente semi-globalizado³⁷.

Na medida em que busquei conhecer como a construção dos sentidos participara no processo de subjetivação fui acompanhando os processos de invenção humana que foram me forjando enquanto psicóloga humanitária e cuidadora ao mesmo tempo em que me permitiam acessar novas histórias e dores de um mundo de extremos, potencializando no tempo do *agora* um condensado de passados vividos em espaço temporal distinto do acessado por mim no momento da análise e da escrita desta pesquisa.

Ao analisar os sentidos atribuídos à *escrita de si* durante a fase aguda de um desastre natural e ou humano foi possível identificar a intensidade das vivências e o potencial de reconfiguração da existência humana, tendo em vista a magnitude dos eventos que colocam em risco a própria vida daquela que se propõe a auxiliar através da escuta ativa.

A veemência da escrita na primeira pessoa potencializou em mim a sensação de revivescência ofertando no presente sensações, dores e reflexões manufaturadas, auxiliando-me na construção de novos paradigmas e percepções que no período da vivência causaram sentimentos intensos e dificuldade de elaboração no período primeiro em que fora vivido.

Neste processo intenso de acompanhar o *cuidado de si* por intermédio da escrita foi possível intensificar a percepção da estética do cuidado, ao mesmo passo em que fui capturando novos significados para este. Pude identificar o *cuidado de si* por meio de suas muitas facetas, desde o momento inicial da escrita dos diários à leitura sistemática e atenta no agora, as trocas e diálogos com terceiros, além da explanação das reflexões e o efeito que produziram em mim ao entrar em contato com estas narrativas por meio das publicações destas em mídias escritas e

³⁷ Refiro-me ao termo semi-globalizado por acreditar que parte do globo terrestre que não usufrui de moedas de troca do mundo capitalista não tem produzido impacto a nível global suficiente para gerar mudança naquilo que fere a dignidade humana. Como no caso da RDC que nos últimos anos tem sofrido com guerras, epidemias e fome sem que agentes externos a este publicitem e/ou intervenham para auxiliar na transformação desta nefasta condição de existência.

audiovisuais. Oportunizei-me por meio deste processo reinventar-me como psicóloga, mulher, cuidadora, identificando-me como sujeito ativo na invenção de mim.

Ao me propor acompanhar o processo de tornar-me psicóloga em processo de intervenção em desastres naturais e humanos, fui processando paulatinamente os caminhos que trilhei em meia década de atividade profissional não convencional, permitindo-me ressignificar as trajetórias e traçar novas estratégias de cuidado para mim e para o Outro.

Neste compilado vivo de palavras, análises e reflexões, intentei registrar, ainda que de maneira lacunar, a complexidade da subjetivação humana vivida em contextos extremos. Para tanto, tentei seguir algumas pistas que apontassem trilhas e caminhos dessa construção. Uma primeira pista da pesquisa identificou a relevância para os registros contemporâneos das narrativas na primeira pessoa, possibilitando o acesso a sentimentos, sensações e reações de quem cuida em contextos extremos. Na sequência, a temática dos direitos humanos se mostrara imperativa para pensar o cuidado em contextos de guerras, fome, conflitos e deslocamentos forçados, posto que, na conjuntura atual em que analiso, esta temática transversaliza o cuidado.

Outra temática que atravessou esta pesquisa foi a morte no cuidado cotidiano, mostrando-se um dos pontos importantes de reflexão e construção de mim. Ainda que não sob as consignas da religião, a fé e a crença trespassaram a perspectiva comunitária para o cuidado da medicina, seja ela tradicional ou alopática, fazendo com que a saúde mental se apresentasse como uma das ferramentas de conexão da espiritualidade étnica com o cuidado médico ocidental, fortalecendo vínculos e possibilidades de cuidar em comunidades que não possuíam como tradição a medicina alopática para males do corpo.

Outra pista, refere-se a indagações sobre o tempo e as manifestações disparadas por este na invenção de mim enquanto psicóloga, permitindo-me acessar desafios que emergiam do externo à pele e acessavam as entranhas do viver.

No que concerne às contribuições conceituais, penso ter encontrado na diversidade parte dos sentidos que busquei para entender a complexidade que minha pretensa ousadia compunha. Neste sentido Michel Foucault me permitira acessar a composição sócio-histórica do cuidado de si ofertando-me além de um horizonte conceitual, uma estética da composição que eu vinha trilhando no decurso desses tempos.

Junto a Eliane Brum pude dissecar parte de meus fractais de sentidos, passando por vezes minhas tardes a parir novos sentidos para recortes de texto que aprendi a pescar em meio a rios de corredeiras. Por algum tempo me flagrei pensando que as palavras que a autora disponibilizava em suas crônicas, eu mesma desejava tê-las escrito tendo em vista a proximidade de mundo que sinto ao ler suas crônicas de uma vida que me é tão cotidiana.

Com Deluze e Guattari, me autorizei inventar portas e janelas onde deveria haver muros e paredes. Inventei, galguei, preendi, desamarrei e libertei sentidos bem ali, no ato de narrar a mim mesma. Entendi-me rizoma, dobra, fiz de mim um punhado de origamis enquanto me observava, fotografava, coloria, desenhava e logo após voltava a desconstruir-me, entendendo-me como um ser em auto-invenção. Por vezes desaprendi quais eram as dobras iniciais para me *desinventar* e quando não fora possível refazer-me da forma desejada, me permiti pensar que as imperfeições integravam como adereços parte da invenção humana. Entre tantas dobras, rizomas e origamis, ao final reencontrei-me uma vez mais com Alice a novamente questionar-me:

Como tudo está tão estranho hoje! E ontem as coisas estavam tão normais! O que será que mudou à noite? Deixe-me ver: eu era a mesma quando acordei de manhã? Tenho a impressão de ter me sentido um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima questão é “Quem sou eu?” Ah! esta é a grande confusão! (Carroll, 1865/2002, p. 8)

No exercício cotidiano do existir sigo sendo Alice, o Gato, Marie, Papa Rano, Papa Sano, Maaka, a psicóloga, a cuidadora, a humanitária, talvez ainda o chapeleiro maluco, entre tantas e tantos outras (os) que me oportunizam acessar diuturnamente *o cuidado e a invenção de si* nas dobras que me constituem também como humano do desastre.



Imagem 8

7. Referências Bibliográficas

- Almeida Filho, N. (1997). *Transdisciplinariedade e saúde coletiva*. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 11 (1/2).
- Almeida Filho, N., Coelho, M.T.A. & Peres, M. F. T. (1999). *Conceito de Saúde Mental*. Revista USP, 43, pp. 100-125, setembro/novembro.
- Andery, M.A., Micheletto, N. & Serio, T.M.P. (2000). *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*, 6.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC/Espaço e Tempo, p.395-420.
- Anistia Internacional. (2012). *O estado dos direitos humanos no mundo*. Secretariado Internacional. Reino Unido. Acessado em 24 de julho de 2013 em: http://files.amnesty.org/air12/air_2012_full_pt-br.pdf.
- Bahre, E. (2011). *Liberation and Redistribution: social grants, commercial insurance, and religious riches in South Africa*. Comparative Studies in Society and History; 53(2): pp. 371–392.
- Banco Mundial (2012). *Avaliação de Perdas e Danos: Inundações e Deslizamentos na Região Serrana do Rio de Janeiro - Janeiro de 2011*. Relatório elaborado pelo Banco Mundial com apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro.
- Barros, M. (1998). *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Ed. Record,.
- Barros, M.M.L. (2011). *Memória, experiência e narrativa*. Iluminuras, Porto Alegre, v.12, n. 29, pp. 4-17, jul./dez.
- Barthes, R. (1970). *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva.
- Benjamin, W. (1985). *Sobre o conceito da história*. In: Benjamin, W. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense.
- Binet, L. (2003). *Le Chardon tchéchéne. Sous le rouleau compresseur russe*. Paris: Syros jeunesse, coleção J'accuse.
- Bosi, E. (1995) *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brecht, B. (1977). *Nada é impossível de mudar*. In: Brecht, B. Antologia poética. Belo Horizonte: Leitura.
- Brum, E. (2012). *Me reinventei a marretadas: Missão Ebola*. Revista Época. Acessado em dezembro de 2012, disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/11/missao-ebola-me-reinventei-marretadas.html>
- Brum, E. (2013). *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipelago
- Bruner, J. & Weisser, S. A. (1995). *A invenção do ser: a autobiografia e suas formas* (V. L. Siqueira, Trad.). In Olson, D.R & Torrance, N. Cultura escrita e oralidade (pp. 141-161). São Paulo: Ática. (Original de 1991).

- Calvino, I. (2005). *A palavra escrita e a não-escrita*. In: Amado, J.; Ferreira, M. de Moraes. Usos e abusos da história oral. 6. ed. Rio de Janeiro: FVG. pp. 139-147.
- Cardoso Jr, H.R. & Naldinho, T.C. (2009). *A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21 – n. 1, pp. 43-56, janeiro/abril
- Carroll, L. (2002). *Alice no País das maravilhas*. (Tradução de Clélia Regina Ramos). (Primeira Edição em 1865). Acessado em 10 de outubro de 2013, disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/imagens/alicep1.jpg>
- Ceccin, R.B. & Merhy, EE . (2009). *Um agir micropolítico e pedagógico intenso: a humanização entre laços e perspectivas*. Interface- Comunicação saúde educação v.13, supl.1, pp.531-42, 2009.
- Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres (2012). *Atlas Brasileiro de Desastres Naturais 1991 a 2010: volume Brasil*. Florianópolis: CEPED – UFSC.
- Charles, A.J & Marques de Sá, L.A.C. (2011). *Cartografia Histórica da África - Mapa cor de Rosa*. In Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Acessado em 15 de janeiro de 2014 https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CHARLES_ARLINDO_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf.
- CIF-OIT - Centro Internacional de Formação da Organização Internacional do Trabalho (2012). *Curso de Redução do Risco de Desastres e Desenvolvimento Local Sustentável*. Programa Delnet de Apoio ao Desenvolvimento Local. Unidade Didática, n.4. acessado em 01 de dezembro de 2013 em: www.itcilo.org/delnet
- Coelho, A. (2011). *Percepção de risco no contexto da seca: um estudo exploratório*. In Conselho Federal de Psicologia. Psicologia das emergências e desastres na América latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação /Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP.
- Comaroff, J & Comaroff, J,L.(2009). *Nations with/out borders: neoliberalism and the problem of belonging in africa, and beyond*. In Shalini R. [ed.], Border Crossings – Grenzverschiebungen und Grenzüberschreitungen in einer globalisierten Welt. Reihe Zürcher Hochschulforum Band 42. Zurich: vdf.
- Comparato, F.K. (2010). *A afirmação histórica dos direitos humanos*. Sentido e evolução dos direitos humanos: situação do homem no mundo. 7ª edição revista e atualizada. São Paulo: editora Saraiva.
- Deleuze, G. (1997a). *Para dar um fim ao juízo*. Revista Crítica e clínica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. pp. 143-153.

- Deleuze, G (1997b). *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, VHS, 459min.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1 (Trad. Guerra Neto, A. & Costa, C.P). Rio de Janeiro: Ed. 34. (Coleção TRANS).
- Deleuze, G & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 3. São Paulo, 34. (original 1980)
- Donnelly, J. (1984). *Human Rights and Development: Complementary or Competing Concerns*. World Politics 36 (Janeiro):255-283.
- Fassin, D. (2010). *La raison humanitaire: une histoire morale du temps present*. Paris: Éditions du Seuil.
- Félix, J. (2012). *Quer teclar? Aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação: Porto Alegre, RS.
- Figueiredo, L. C. M. (1991). *Psicologia, uma introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. São Paulo: EDUC.
- Figueiredo, L.C.M. (2004). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos* (3a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2006). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes. (original 1971).
- Franca, P. & Barbato, S. (2009). *Construindo suportes para o cuidado: produção de discursos de professores sobre a inclusão de crianças e adolescentes com deficiência*. Athenea Digital, num.15: pp. 21-37
- Galeano, E. (1994). *As palavras andantes*. Rio de Janeiro: L&PM.
- Gandon, T.R. (1981). *Entre Memória e História: templos múltiplos de um discurso a muitas vozes*. São Paulo: Proj. História.
- González, M.F., Barbato, S., Caixeta, J.E. & Carlucci, A.P. (2012). *O uso de imagens em estudos de psicologia: exemplos sobre o uso de gravuras históricas e fotografias em pesquisas psicológicas*. Brasília: Cadernos do CEAM/UnB, pp. 1-16 (no prelo).
- Heller, A. (1985). *O cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e terra.
- Heredia, A. (2003). *A saúde mental coletiva em caso de desastre*. In: Bock, A.M.B (org.) *Psicologia e compromisso social*. São Paulo: Cortez.

- International Strategy for Disaster Reduction (2012). *2012 disasters in numbers*. Disponível em: <http://www.unisdr.org/files/31685_factsheet2012.pdf>. Acesso em 27 abr. 2012.
- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. (2007). *Desastres Naturais e Geotecnologia: conceitos básicos*. Relatório Produzido para o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Santa Maria - RS.
- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. (2010). *Natural Disaster: Key concepts*. Apresentado em: IV CEOS WGEdu Workshop Geotechnologies for Natural Disasters Monitoring in Latin American . Acessado em 16 de novembro de 2013. http://www.inpe.br/crs/cretealc/pdf/silviasaito_ceos.pdf
- Laumont, B. (2008). *Mental Health Policy*. Médecins Sans Frontières. Brussels: OCB.
- Léxico dicionário online: <http://www.lexico.pt/sobrevivente/>
- Lima, N.L. & Santiago, A.L.B. (2010). *O diário íntimo como produto da cultura moderna*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62(1), pp. 22-34
- Lispector, C. (1998). *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. L. de (2006). *Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 2, pp. 427-436, maio/agosto
- Lopes de Oliveira, M. C. S. L. de. (2012). *Narrativas e desenvolvimento da identidade profissional de professores*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 32, n. 88, pp. 369-378, setembro-dezembro 2012. Acessado em 22 de junho de 2013 em: <http://www.cedes.unicamp.br>
- Machado, D.O. (2011). *Movimentos na educação física: por uma ética dos corpos*. Dissertação (Mestrado Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação: Porto Alegre, RS.
- Mairesse, D. (2003). *Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa*. In Fonseca, T. & Kirst, P.G. (Eds.), *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora UFRGS.
- Martínez-Hernández, A. & Ceccim, R.B. (2011). *Nós nunca nos realizamos: invisibilidades, incompletudes, encruzilhadas*. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 15(38), pp. 918-920. Retrieved January 19, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000300024&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-32832011000300024.
- Médecins Sans Frontières (2004). *Le Trauma: guide de prise en charge psychosociale*. Brussels: MSF.
- Médecins Sans Frontières. (2008). *Mental health policy and strategies*. Brussels: MSF.

- Médicos Sem Fronteiras. (2013). Acessado em 02 de dezembro de 2013: <http://www.msf.org.br/conteudo/113/estrutura-msf/>
- Ministério da Saúde. (2010). *Relatório do Programa Nacional de Vigilância em Saúde Ambiental dos Riscos Decorrentes dos Desastres Naturais*. Disponível em: http://www.ceped.ufsc.br/sites/default/files/projetos/programa_vigidesastres.pdf
- Monteiro, J. B. (2011). *Chover, mas chover de mansinho: desastres naturais e chuvas extremas no Estado do Ceará*. Dissertação apresentada Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciência e Tecnologia: Fortaleza., : il.
- Moreira, M. R. (2008). *Desastre Natural*. Acessado em 04 de setembro de 2013, disponível em: <http://poetasecontistasdoabc.blogspot.com.br/2008/07/desastre-naturais.html>
- Mukagasana, Y. (2001). *Les Blessures du Silence: Témoignages du genocide au Rwanda*. Nantes: Atelier Graphique Actes Sud.
- Ngubane, H. (1976). *Some Notions of 'Purity' and 'Impurity' among the Zulu*. Africa: Journal of the International African Institute, 46(3): pp. 274-284.
- Niehaus, I. (2005). *Witches and Zombies of the South African Lowveld: Discourse, accusations and subjective reality*. Journal of the Royal Anthropological Institute. 11(2): pp. 191-210.
- Noal, D.S. *Diário Pessoal (2008 a 2012)*. Narrativas Produzidas durante missões humanitárias em países como República Democrática do Congo, Haiti, Guiné Equatorial, Quênia, Tunísia, Brasil, República Dominicana e Quirguistão.
- Nora, P. (1993). *Entre memória e história*. A problemática dos lugares. Prog. História, São Paulo, PUC-SP, (10): pp. 7-29.
- Nunes, C. (2002/2003). *Memória e História da educação: Entre práticas e representações*. In: Educação em foco: v.7: n.º 2: setembro/fevereiro UFJF.
- Oliveira, M.H.P. (2009). *A representação de si-mesmo em narrativas autobiográficas de escritores brasileiros*. Memorandum, 17, pp. 107-121. Acessado em 08 de fevereiro de 2012, disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a17/oliv01.pdf>.
- Oliveira, M.K., Rego, T.C. & Aquino, J. G. (2006). *Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade*. Pro-Posições, v. 17, n. 2 (50) - maio/agosto.
- Organização Mundial da Saúde. (2001). *Relatório mundial da saúde: a saúde mental pelo prisma da saúde pública*. Acessado em 18 de dezembro de 2013, disponível em: http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_ch1_po.pdf

- Organização Pan-Americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde. (2012). Acessado em 01 de agosto de 2012, disponível em: <<http://www.opas.org.br/ambiente/temas.cfm?id=47&area=Conceito>>
- Palombine, A.L, Barboza, R.P., Fick, T.K. & Binkowski, G. (2010). *Cuidando do cuidador: da demanda de escuta a uma escrita de si*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 13(2), 253-264.
- Passos, E. & Benevides, R.B. (2000). *A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinaridade*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 16(1), 71-79.
- Passos, E. & Barros R.B. (2003). *Políticas da transversalidade ou transversalização como método clínico-político*. São Paulo: Instituto Therapon.
- Passos, E & Barros, R.B. (2009). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In Passos, E.; Kastrup, V. & Escóssia, L. (Eds.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Passos, E.; Kastrup, V. & Escóssia, L. (Eds.) (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Pedroza, R.L.S. (2005). *Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar*. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 17 - n. 2, p. 61-76, Jul./Dez.
- Platão. *Apologia de Sócrates*. Disponível em: <http://www.revistaliteraria.com.br/plataoapologia.pdf>
- Pollak, M. (1989). *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista Estudos Históricos, 2(3). Recuperado janeiro 16, 2014, de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>
- Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (2010). One United Nations Plaza New York, | Outubro de 2010. Buró de Prevención de Crisis y Recuperación. Reducción del Riesgo de Desastres, Gobernabilidad y Transversalización. Acessado em 08 de agosto de 2012. Disponível em: www.undp.org.
- Pulino, L.H.C.Z. (2001). *Acolher a Criança, educar a criança: uma reflexão*. Em Aberto - v.18 - n.73.
- Pulino, L. H. C. Z. (2012a). *Da infância à adultez: educação como cuidado de si e do outro*. In: VI Colóquio internacional de Filosofia e Educação, 2012, Rio de Janeiro. Filosofar: Aprender e ensinar. Rio de Janeiro: Gráfica da UERJ, p. 16-17.
- Pulino, L. H. C. Z. (2012b). *Resistência e criação na formação de professores: ouvindo outras vozes*. In: Gadelha, Sylvio; Pulino, Lúcia. (Org.). Biopolítica, escola e resistência: infâncias para a formação de professores. Campinas: Alínea, v. 01.

- Pulino, L. H. C. Z. (2013). Módulo 3 – Psicologia e Filosofia na escola: maneiras de pensar e viver em comunidade. In: Curso de Atualização em Práticas Pedagógicas para professores da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Brasília: CEAD/UnB.
- Rabinow, P. & Dreyfus, H. (Org.). (1995). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 253-278.
- Resende, C.A. (2008). *A escrita de um corpo sem órgãos*. Fractal Revista de Psicologia, 20(1), 65-76.
- Revista Época. (2011). *Minhas Raízes são aéreas*. Eliane Brum entrevista Débora Noal. Acessado em 03 de julho de 2012, disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI228050-15230,00-MINHAS+RAIZES+SAO+AEREAS.html>
- Ribeiro, C.R.O. (2001). *O mito do cuidado*. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 9(1), 123-124. Acessado em 16 de dezembro, 2013, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000100018&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0104-11692001000100018.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Rogoff, B. (2005). *A natureza Cultural do desenvolvimento humano*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed.
- Rolnik, S. (1989). *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade.
- Sade, C. & Kastrup, V. (2011). *Atenção a si: da auto-observação à autoprodução*. Estudos de Psicologia, v. 16, n. 2, p. 139-146, maio-ago.
- Sarlo, B. (2007). *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo\Belo Horizonte: Companhia das letras\Ed. UFMG.
- Scheurmann, E. (comp.) (2003). *O Papalagui: Comentários de Taiávii, chefe da tribo Tiavéa, nos mares do sul*. Samuel P. A. Reis, trad. São Paulo: Marco Zero editora. p. 50. (primeira edição em 1920)
- Silva, E. R. (2012). *Água: elemento fundamental à vida e à sustentabilidade do desenvolvimento*. In Silva, E.R e Martini Junior, L.C. (2012). *O ambiente entre nós*. Rio de Janeiro: Sinergia.
- Streck, C. F. & Frison, T. B. (1999). *Lembranças de velhos: o mundo do trabalho na infância*. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 1, p. 103-18.
- Teixeira, L.C. (2003). *Escrita autobiográfica e construção subjetiva*. Psicologia USP, 14(1), 37-64. Disponível em

- http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01035642003000100004&lng=en&tlng=pt. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642003000100004>.
- Valêncio, N. (2011). *A sociologia dos desastres: perspectivas para uma sociedade de direitos*. In Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia das emergências e desastres na América latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação* /Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP.
- Vargas, L.R.D. (2008). *No sé casi nada de Rufina...* Acessado em 20 de outubro de 2013 em <http://www.americalatuanis.net/2008/05/no-se-casi-nada-de-rufina.html>
- Vasconcelos, E.M. (org) (2006). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 391 p.
- Vinã, A. (1999). *Las autobiografias, memórias y diários como fuente histórico-educativa: tipología y usos*. Sarmiento: Anuario Galego de Historia de la Educación. Espanha: Universidade de Vigo.
- Voltaire. (1967). *Poème sur le desastre de Lisbonne*. In *Ouvres completes*. Paris: ed. Louis Moland. Reimpr. Kraus reprint ltd. Nendeln Liechtenstein, 52 vols. Vol IX, p.465-480.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S (1996). *Obras escogidas*. Madrid: Visor. v. 4.
- Weintraub, A. (2011). *Psychological Work in humanitarian emergencies in Haiti and Democratic Republic of Congo: Some considerations based on two work experiences*. *Revista Saúde Sociedade*. São Paulo, v.20, n.3.p.811-820.
- Weintraub, A.C.M, Noal, D.S., Vicente, L.N. & Knobloch, F. (no prelo). *Atuação do psicólogo em situações de desastre: reflexões a partir da práxis*.
- World Conference on Disaster Reduction.(2005). *Hyogo Framework for Action 2005-2015: ISDR International Strategy for Disaster Reduction. Building the Resilience of Nations and Communities to Disasters*. www.unisdr.org/wcdr. p. 18-22 January 2005, Kobe, Hyogo, Japan.



“E, aquele que não morou nunca em seus próprios abismos nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas, não foi marcado. Não será exposto às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema”. Manoel de Barros

Figura 9

Legendas de Imagens

Imagem 1 Foto arquivo pessoal: crianças brincam de posar para câmera durante aula de fotografias na praia de Gonaives, Haiti, pós-desastre natural em dezembro de 2008. As crianças, assim como os adultos raramente sorriem em fotografias, tendo em vista que os registros imagéticos são raros e usualmente utilizados para eventos oficiais, por esta razão não se costuma demonstrar corporalmente relaxamento ou descontração.

Imagem 2 Foto arquivo pessoal. Vendedores de carvão e legumes aguardam clientes na feira de Porto Príncipe – Haiti. Fevereiro de 2009.

Imagem 3 Foto arquivo pessoal: Foto arquivo pessoal: crianças brincam de posar para câmera durante aula de fotografias na praia de Gonaives, Haiti, pós-desastre natural em dezembro de 2008. As crianças, assim como os adultos raramente sorriem em fotografias, tendo em vista que os registros imagéticos são raros e usualmente utilizados para eventos oficiais, por esta razão não se costuma demonstrar corporalmente relaxamento ou descontração.

Imagem 4. Foto arquivo pessoal: imagem de um dos diários pessoais utilizados como material empírico nesta pesquisa, junto a objetos ganhados durante missões humanitárias em diferentes países e regiões.

Imagem 5 Foto arquivo pessoal: Foto arquivo pessoal: crianças brincam de posar para câmera durante aula de fotografias na praia de Gonaives, Haiti, pós-desastre natural em dezembro de 2008. As crianças, assim como os adultos raramente sorriem em fotografias, tendo em vista que os registros imagéticos são raros e usualmente utilizados para eventos oficiais, por esta razão não se costuma demonstrar corporalmente relaxamento ou descontração.

Imagem 6 Arquivo Pessoal: bonecos de vodu confeccionados no Haiti em 2008. Os bonecos geralmente são utilizados para rituais de magia, mas neste caso foram confeccionados para auxiliar no atendimento psicológico a crianças violentadas sexualmente após o furacão que assolara a baía de Gonaives.

Imagem 7 Mulher porta seu bebê no dorso, enquanto observa a roda de danças tradicionais na cidade de Conacry – Guiné Equatorial – Junho de 2009.

Imagem 8 Foto Arquivo pessoal: vendedora de carvão aguarda clientes em meio ao lixo e a ausência de saneamento. As vendedoras de carvão são figuras tradicionais da cidade, tendo em vista que a imensa maioria da população não possui gás ou energia elétrica e por esta razão cozinha seus alimentos com brasas de carvão. Gonaives - Haiti, 04 de janeiro de 2009.

Imagem 9 Foto Arquivo Pessoal: Menino da etnia Quirguis, aproveitando o sol de domingo nas montanhas geladas da Ásia Central – Osh, Quirguistão - Maio de 2011.
